

# PARO

*15 years*



MARIA  
JOÃO  
BASTOS

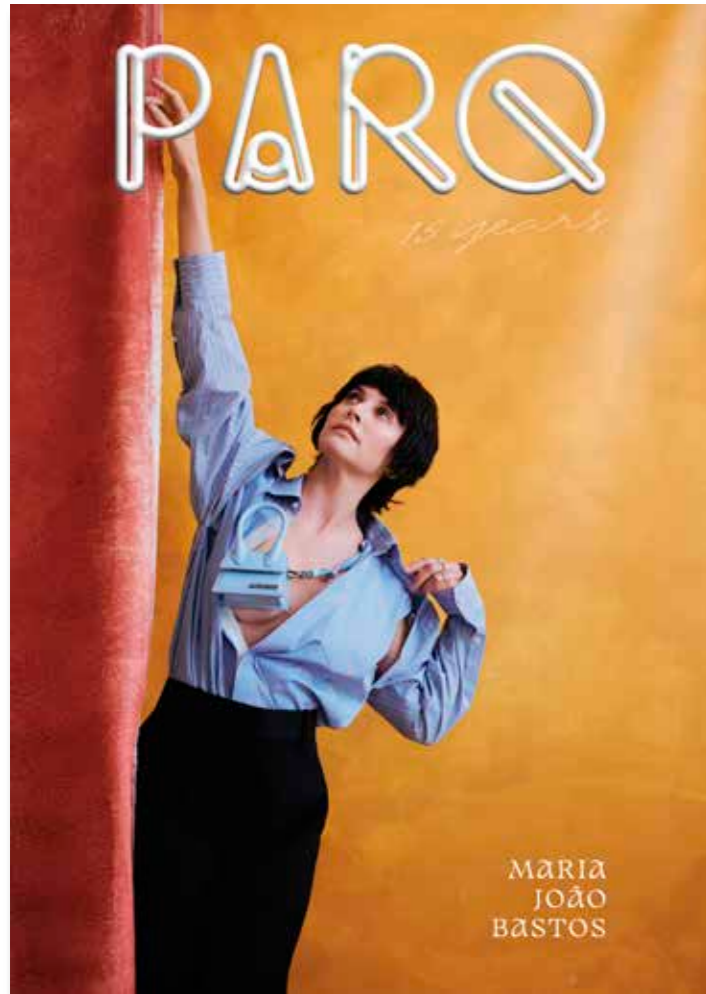


foto MARIA RITA  
 fashion TIAGO FERREIRA  
 talent MARIA JOÃO BASTOS  
 camisa SACAI, carteira JACQUEMUS,  
 calças BOTTEGA VENETA,  
 anéis PIAGET na Botique dos Relógios

www.parqmag.com  
 facebook /parqmag  
 instagram /parqmag  
 youtube /parqmag

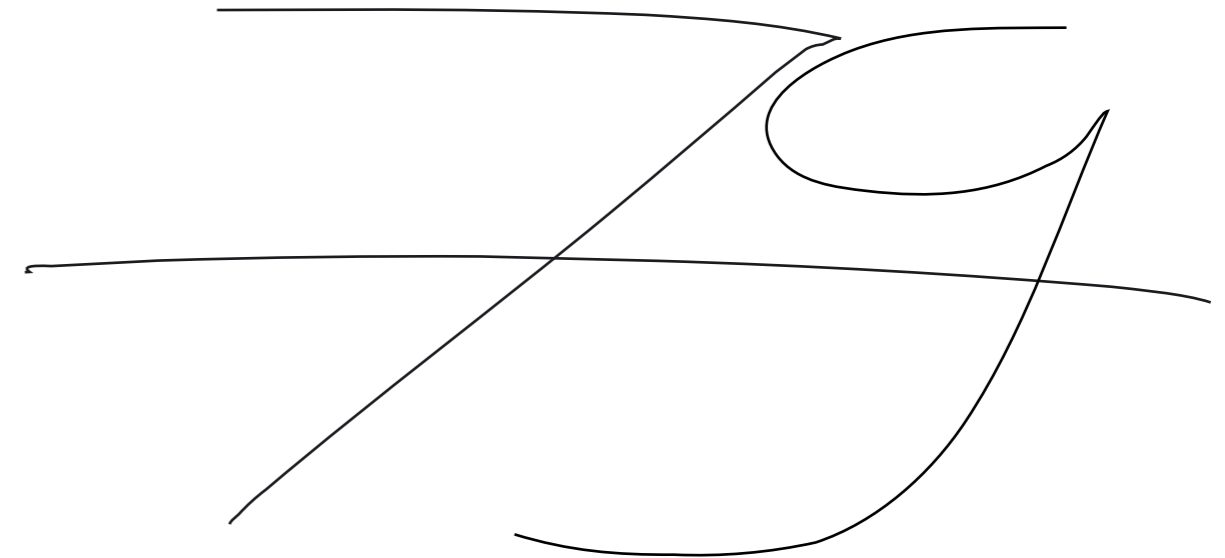
TEXTOS Alex Couto, António M. Barradas, Bernardo Semblano, Carla Carbone, Diogo Sixx, Flora Santo, Francisco Spratley, Francisco Vaz Fernandes, Hugo Pinto, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Roger Winstanley, Sara Madeira, Tátá Seixo Garrucho FOTOS Enzo Sinai, Frederico Santos, Humberto Felga, Kelly Palma, Luís Carmo, Maria Rita, Márcia Simões, Pedro da Silva, Yago Barbosa STYLING Diogo Allien, Inês Xavier, Louise Mcilroy, Marco Puga, Rian Vittor, Tiago Ferreira, Vanessa Silveira ILUSTRAÇÃO Tamara Alves PORTFOLIO António Faria, Diogo Nogueira, Luís Carmo

PERIODICIDADE Bimestral · DEPÓSITO LEGAL 272758/08 · REGISTO ERC 125392 EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. · NIF 508 399 289 · EDIÇÃO & PROPRIEDADE Francisco Vaz Fernandes · NIF 180063430 · Rua Quirino da Fonseca, 25 – 2oesq. / 1000—251 Lisboa, Portugal TELEFONE 00351 218 473 379 · IMPRESSÃO Suspensa. Disponível edição on-line. DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda.

DIRECTOR Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com · EDITOR Conforto Moderno · EDITOR DE MODA Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira · DESIGN Valdemar Lamego → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 — 2024 PARQ.



foto MARIA RITA  
 fashion TIAGO FERREIRA  
 talent MARIA JOÃO BASTOS  
 blazer NOÉ, camisa JIL SANDER,  
 calças e botins BOTTEGA VENETA,  
 colar PIAGET na Botique dos Relógios



YOU MUST	04	A OESTE TUDO DE NOVO
	12	JUDY&PUNCH
	14	BEEF
	16	JUNYA ISHIGAMI
	20	PLÁSTICO
	26	MARTINHO PITA
	30	LUFAPO HUB
	32	PORTFOLIO: DIOGO NOGUEIRA
	40	VANESSA BARREGÃO
	50	MIGUEL ÂNGELO ROCHA
	56	PORTFOLIO: LUÍS CARMO
	80	INÊS BARRETO
	88	NOVOS REBENTOS
	96	PRODUTO
SOUNDSTATION	102	PEDRO COSTA & CLEAN FEED RECORDS
CENTRAL PARQ	108	MARIA JOÃO BASTOS
	120	MANUELA MARQUES
	126	ANA = X   FILIPE= Y
	136	SOMA SURF
	148	PORTFOLIO: ANTÓNIO FARIA
FASHION EDITORIAL	156	BERLIN CALLING
	178	NUBIA A
	194	ENZO
	204	ENVIRONMENTAL ANARCHY
	216	ENDURANCE OF THE BEING
	226	BLOOM
PARQ HERE	240	SHEET-1
	241	AR
	242	ISABEL MARANT
	244	THE LISBON CLUB 55
	246	PONJA
	248	CRÓNICA DE PATRÍCIA CÉSAR VICENTE

À OESTE TUDO  
DE NOVO

VIAGEM  
À MIM MESMO

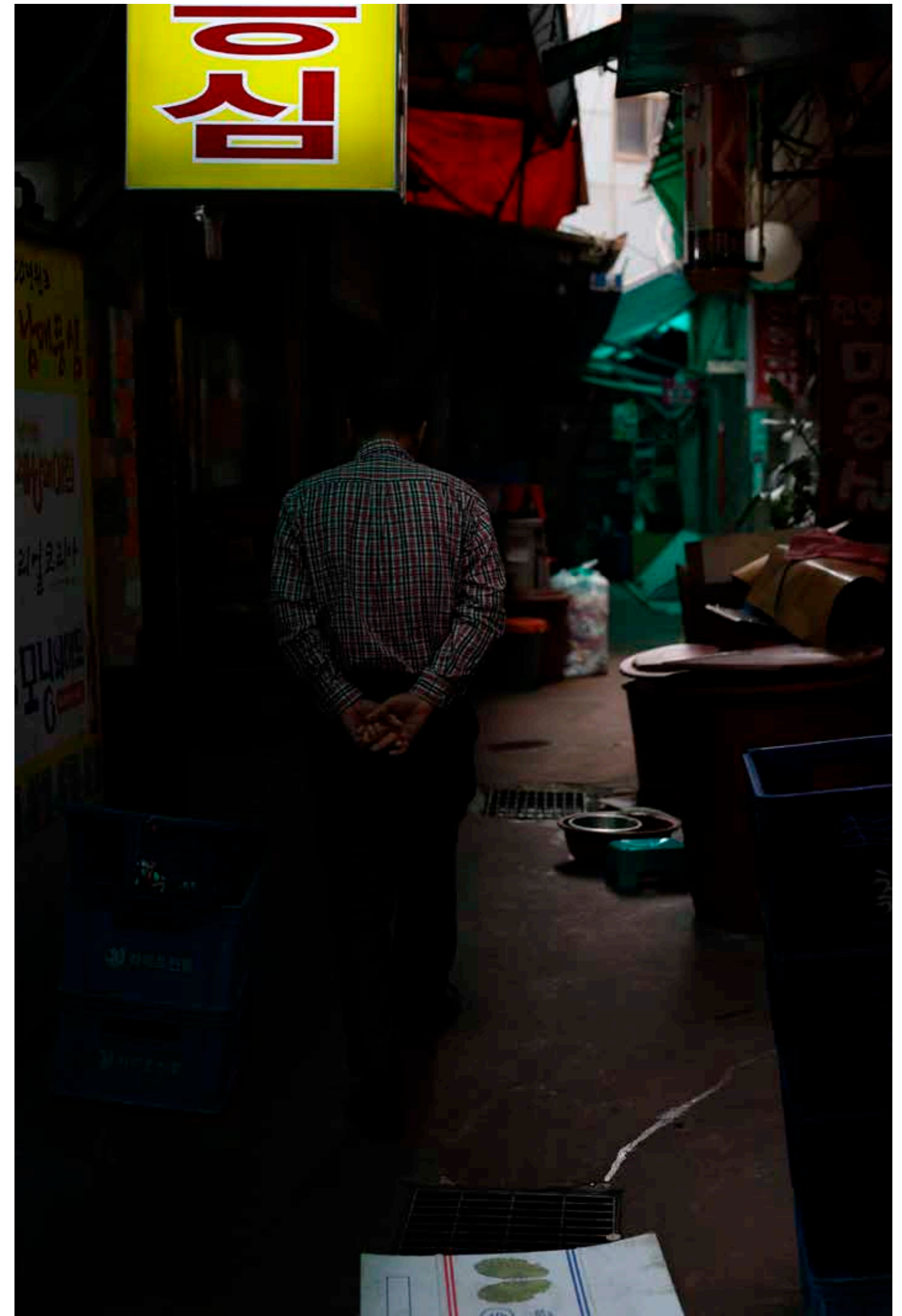
PRIMEIRA  
ESTAÇÃO:  
COREIA DO SUL

Perdi-me na tradução de mim mesmo e vim dar a este beco com saída para uma cabeça limpa da poluição que a habitava.

Não havia ruídos do passado, buzinas do futuro, ou o estrondo da consciência a saltar pela janela. Ali, nestas ruas repletas de vidas cruzadas, era eu sozinho. Não contra o mundo, mas a deixá-lo levar-me na sua maré. Boiava se visse que estava a perder as forças e nadava quando via sentido em chegar. Fosse onde fosse. Só para descobrir mais um pouco.

A descoberta será sempre a de nós próprios primeiro. Depois de quem somos connosco. Um passo para o lado e vemos a pessoa em que nos tornamos sem os outros. No fim de tudo, usufruímos de nós e percebemos que não há conforto maior do que a liberdade de estarmos em paz nos dá.

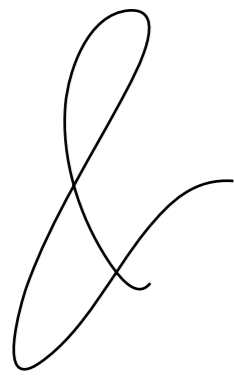
ANTÓNIO BARRADAS  
-Texto & Foto











Trata-se da primeira longa-metragem de MIRRAH, protagonizada por MIA WASIKOWSKA e DAMON HERRIMAN que interpretam os papéis de *Judy* e *Punch* respetivamente e que embarcam numa desconstrução de um espetáculo familiar, contado de uma perspetiva trágica com um fundo cómico e místico.

*Judy* e *Punch*, são um casal que gere um teatro de marionetas numa pequena vila fictícia, Seaside. Os problemas conjugais surgem quando *Punch*, um vigarista obcecado com fama, volta a cair na tentação do álcool e num acidente horrífico mata a filha recém nascida. *Judy* destrozada com a situação, quando confronta o marido acaba brutalmente por ser vítima de violência doméstica, caindo inconsciente. *Punch*, julgando-a morta, enterra-a no meio da floresta.

MIA WASIKOWSKA entrega o papel de uma forma muito forte sem esconder a gravidade dos temas que o filme tão explicitamente nos mostra. Torna *Judy* uma mulher empoderada que literalmente renasce do solo e retorna para a sua vingança.

O espetáculo de marionetas é interpretado de uma forma literal em que, tal como as marionetas da peça original, *Punch* agride violentamente *Judy* e todos aqueles que o tentam amar e ajudar. MIRRAH consegue com este filme apesar de tudo trazer momentos cómicos a esta trágica e perturbadora história.

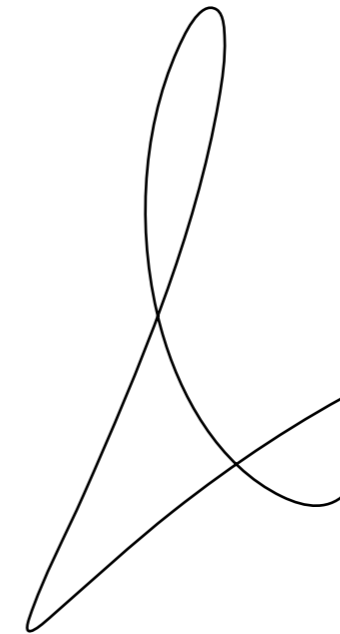
Apesar de ter sido filmado na Austrália tem um aspeto muito europeu e de facto é um filme que para além das incríveis performances se destacam os figurinos de EDIE KURZER, a direção de arte de ADELE FLERE, a maquilhagem de KIRSTEN VEYSEY e a incrível cinematografia de STEFAN DUSCIO.

STEFAN usou lentes anamórficas Panavision série B para dar grão à imagem, envelhecendo-a para ajudar visualmente a dar a entender que o filme poderia ter sido filmado há alguns séculos atrás. Uma escolha muito calculada e perfeita para este contexto.

DAMON recebeu o prémio de Melhor Ator nos Australian Academy of Cinema and Television Arts Awards 2019 e nos Film Critics Circle of Australia Awards 2020, MIRRAH recebeu o prémio de Melhor Argumento no Catalanian International Film Festival 2019, EDIE KURZER recebeu o prémio de Melhor Figurino para longa-metragem nos Australian Production Design Guild Awards 2019 e FRANÇOIS TÉTAZ recebeu o prémio de Melhor banda sonora original nos Australian Academy of Cinema and Television Arts Awards 2019.

Um conto macabro sobre amor, vingança e marionetas, *“Judy and Punch”* recomenda-se para os mais fortes de estômago.

texto —————> Lara Mather



Baseado numa peça tradicional inglesa do séc.XVII de teatro infantil com marionetas, o filme da realizadora australiana MIRRAH FOULKES, *“Judy and Punch”* estreou a 27 de Janeiro de 2019 no Sundance Film Festival e nos cinemas em Portugal a 30 de Julho de 2020. A realizadora transformou-o num filme de época que exibe a maneira como as mulheres eram acusadas de bruxaria e eram altamente violentadas. Apesar de ter sido lançado no auge do movimento #MeToo, por cá acabou por passar um pouco despercebido e vale a pena recordar.



# BEEF

Protagonizada pela comediante ALI WONG e pelo nomeado para Oscar STEVEN YEUN, a série da Netflix "Beef", produzida pela A24, criada e escrita por LEE SUNG JIN, é sem dúvida das melhores séries de 2023.

O que começa por ser um ataque de road rage entre dois desconhecidos, Amy Lau e Danny Cho torna-se, sem querendo usar um trocadilho, num veículo condutor das suas vidas.

Enquanto que Amy aparenta ter uma vida perfeita como mulher bem sucedida, numa casa moderna com o seu marido e filha que a apoiam em tudo, ela na verdade sente-se incrivelmente sozinha e sobrecarregada, num casamento que não a satisfaz apesar de não conseguir identificar nada de errado, o que provoca nela um vazio enorme. E Danny apesar de ter também ele um negócio, não sabe gerir-se financeiramente da melhor forma e está numa luta interna constante em que não parece conseguir progredir na sua vida e quer desesperadamente agradar os seus pais e irmão.

Ambos sentem-se aborrecidos de certa forma com estas frustrações diárias de tentarem passar esta imagem de que estão bem quando não o estão e é este encontro inesperado dos dois que lhes traz uma certa satisfação e felicidade ao quebrar a monotonia das suas rotinas.

Quase como duas crianças a brincar num recreio, neste jogo de "apanhada", Amy e Danny mostram ter mais em comum do que pensavam. Os diálogos entre os dois são impecáveis, dignos de uma masterclass em guião.

A série no fundo reflete a importância da saúde mental e de que nunca sabemos verdadeiramente o que se passa na vida dos outros.

Parte do sucesso de "Beef" tem a ver com o facto de que, independentemente da classe social, a vida adulta reserva muitas responsabilidades e por vezes grandes momentos de insatisfação. Se tivessem anunciado a série sobre dois sociopatas talvez não alcançassem o impacto que tem tido, pois é o facto do público se conseguir relacionar com estas duas personagens principais que torna a série apelativa.

As reações de Amy e Danny quando quase têm um acidente rodoviário logo no primeiro episódio, nada mais é que a exaltação de um acumular de fatores externos que saem cá para fora na forma de insultos. Gritos

e gestos feios que muitos espectadores já presenciaram ao longo do dia nas estradas do mundo inteiro. Sempre perturbador são estes momentos que tornam estes episódios relacionáveis. O público sente-se visto em ambas as personagens.

Na abertura de cada episódio quando aparece o título vemos obras de arte incríveis dignas de um museu que expressam muito bem o clima e a tensão de cada episódio. Curiosamente são da autoria de DAVID CHOE, um dos actores da série que interpreta o papel de Isaac, primo de Danny. DAVID já não mostrava os seus quadros ao público há mais de 10 anos e LEE (o criador da série) quando os viu quis incorporá-los na série pelas emoções que retratam, proporcionando uma maneira bastante criativa e original de abertura. A música que ouvimos nessas aberturas é original da autoria do compositor britânico BOBBY KRLIC, de nome artístico, THE HAXAN CLOAK.

A designer de produção, GRACE YUN fez um excelente trabalho, com uma grande atenção ao detalhe, particularmente com a casa de Amy que tem uma atmosfera muito zen mas ao mesmo tempo parece uma prisão com as tábuas de madeira a separar as divisões, uma escolha muito bem pensada.

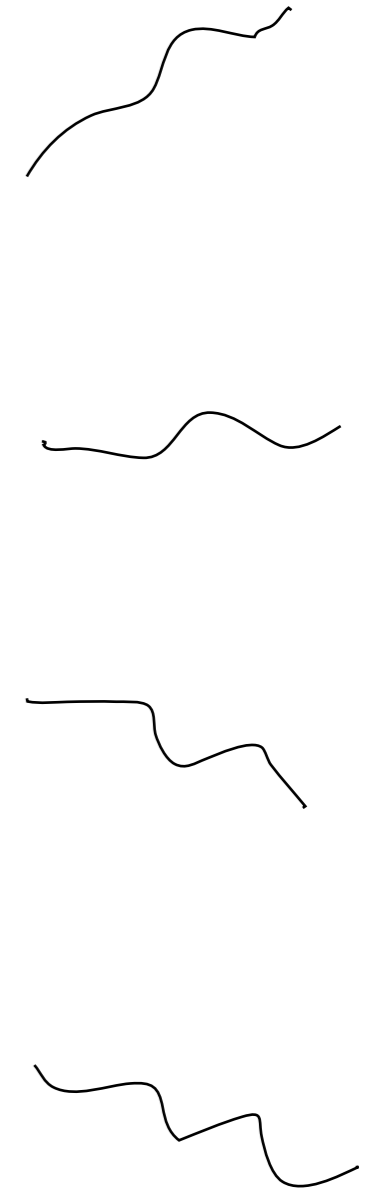
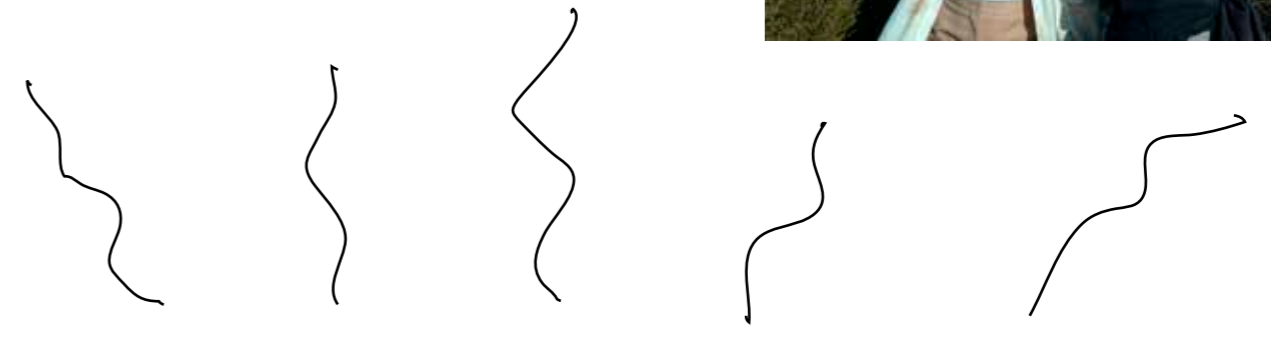
A preferência por temas musicais dos anos 90 e início de anos 2000 propostos por TIFFANY ANDERS no fecho de cada episódio assentam perfeitamente suscitando interesse para ver logo o seguinte.

A série de 10 episódios foi repartida por 3 realizadores, LEE SUNG JIN, JAKE SCHREIER e HIKARI e contou com a montagem brilhante de NAT FULLER, LAURA ZEMPEL, JORDAN KIM e HARRY YOON.

LARKIN SEIPLE, diretor de fotografia, usa pouca luz, as cores ficam escuras e os contrastes bem definidos, um clima pesado e sério que é o que a série pede, não há nenhuma cena com demasiada luz ou que remeta para alegria.

Uma mistura de géneros, um drama psicológico, um thriller e, atrevo-me a dizer, um tipo diferente de comédia romântica, com um elenco predominantemente asiático, "Beef" quebra todas as barreiras e por ser refrescante na sua originalidade. Merece ser visto.

texto —————> Lara Mather





ENTRE A  
SIMPLICIDADE DA

ARQUITETURA E

DA NATUREZA

JUNYA  
ISHIGAMI

texto —————> Francisco Spratley  
fotos —————> Yashiro Photo Office



A *House&Restaurant*, um projeto concebido para um chef, representa uma obra-prima do arquiteto japonês JUNYA ISHIGAMI, exemplificando uma abordagem única à arquitetura, na qual a simplicidade e a harmonia com a natureza desempenham papéis centrais. Localizada na encantadora cidade de Ube (província de Yamaguchi), no Japão, este projeto é uma verdadeira sinfonia entre o design e a natureza, destacando-se pela sua estética minimalista e pela forma como abraça o ambiente natural circundante.

A essência do projeto reside na busca pela fusão perfeita entre arquitetura e natureza. A *House&Restaurant* assemelha-se a uma folha gigante que parece repousar suavemente sobre o solo, criando uma sensação de unidade com o seu entorno. O edifício adapta-se à paisagem, integrando-se na natureza, de uma maneira sutil e discreta. O uso inteligente das paredes que foram escavadas e as de vidro translúcido permitem que a luz natural inunde o interior, proporcionando uma atmosfera serena e agradável para os seus visitantes.

Simplicidade é a palavra de ordem em todo o projeto. Os espaços interiores são amplos e desprovidos de ornamentos desnecessários, enfatizando a importância da experiência sensorial. Uma paleta de cores neutras e o uso de materiais naturais, como a terra, a

madeira, contribuem para uma imersão na Natureza. Uma característica verdadeiramente única da *House&Restaurant* é a maneira como a natureza é incorporada no seu design. A sensação de estarmos numa gruta onde as árvores foram cuidadosamente preservadas no local e agora crescem através do chão do restaurante, criando uma conexão direta com a paisagem circundante. Esse elemento proporciona um toque inigualável à experiência gastronômica, com o som das folhas e o aroma da vegetação contribuindo para a atmosfera única do local.

Este projeto também se destaca pelo seu compromisso com a sustentabilidade. A eficiência energética e o uso de materiais locais desempenham um papel fundamental na construção, refletindo a preocupação de Ishigami com a preservação do meio ambiente.

Em resumo, a *House&Restaurant* é muito mais do que uma casa ou restaurante; é uma declaração de simplicidade e conexão com a natureza. ISHIGAMI desafia as convenções tradicionais, transformando um restaurante numa experiência sensorial que convida os visitantes a se reconectarem com o mundo natural que os rodeia. Um projeto notável que continua a inspirar arquitetos e entusiastas da arquitetura em todo o mundo, destacando.



## RECONSTRUIR O NOSSO MUNDO

Entre março e agosto de 2023, o MAAT recebeu uma exposição que constituiu uma verdadeira jóia para estudantes e especialistas de design. Chamava-se “Plástico: Reconstruir o Nosso Mundo” e incluía, no seu vasto espólio, exemplos de um extenso uso do plástico, e nas mais variadas formas e maneiras.

Diante dos nossos olhos pudemos apreciar modelos que até então permaneciam na nossa imaginação ou que tínhamos somente vislumbrado em livros. Poucas ou nenhuma oportunidade tivemos antes de as ver ao vivo.

Ao centro do espaço, recriando um interior da década de 60 e 70 do séc. XX, sensivelmente, concentravam-se os objectos mais icónicos do design, transportando-nos para uma era em que o plástico era promessa de futuro, e onde o material trazia uma solução para tudo, até para habitação.

Podíamos deliciar-nos com as formas redondas e sensuais de peças de design coloridas, como o emblemático rádio “Panasonic Toot-a-Loop R-725”, 1969-72, de cor vermelha, o set de talheres de JEAN PIERRE VITRAC, 1928/29, ou a “Ball Chair” de EERO AARNIO, de 1963. Também era possível extasiar-nos com as maquetes de casas, como, a exemplo, a casa “Monsanto House of the Future” – uma casa concebida totalmente em plástico, e que, com as suas formas futuristas, adquire hoje o epíteto de casa do “futuro do passado”. Em torno do modelo da “House of Future”, podiam ser visionados filmes promocionais da época, onde era possível assistir ao modo utópico como se encravavam o uso dos plásticos e observava uma crença cega nos seus benefícios.

Todas as formas em plástico, que cresceram exponencialmente, desde os materiais de construção aos objectos do quotidiano, pelo seu desempenho eficaz, por um lado, ou pelo aspecto atraente e irresistível por outro, constituíram uma verdadeira armadilha para a humanidade.

Hoje temos uma quantidade incontável de objectos oriundos de polímeros sintéticos que não conseguimos ver-nos livres tão cedo.

A exposição acolheu, não só exemplos pertencentes à categoria glamorosa do design, (a exemplo, a simbólica “Tupperware”, que serviu a imaginação de tantas donas de casa), como também forneceu amostras do uso do plástico para fins utilitários, fosse

na medicina, fosse na alimentação, na indústria aeroespacial, ou na construção.

A questão colocada foi, o que fazer a tantos resíduos, produzidos há mais de cem anos? Na exposição houve oportunidade para visionar documentários críticos sobre a comercialização de cadeiras de plástico brancas, as famosas cadeiras de resina, que, pela instabilidade que ostentam, são fáceis de quebrar, e de fazer cair pessoas.

Tínhamos, ainda, nesta exposição, a oportunidade de ver objectos de usos tão diversos, como o icónico telefone de mesa, de MARCEL BREUER e RICHARD SCHADEWELL; A fonte de beber de DIXON, a cadeira feita de resíduos da BÄR+KNELL, *Müll Direkt*, 1994; as jarras feitas de bioplásticos da marca SHELLWORKS, 2021; as experiências formalmente orgânicas do STUDIO FORMAFANTASMA, de 2011; as máquinas trituradoras de plástico *Precious Plastic*; os “jardins” *Yiwu Commodity City* de RICHARD JOHN SEYMOR, 2015; a quinta bioplástica de MARCO CAGNONI, 2018; as micro algas fabricadas para o uso em biopolímeros, entre outros.

De um universo de mais de quatrocentas espécies de plásticos, a exposição “Plástico: Reconstruir o Nosso Mundo”, com curadoria da VITRA, de JOCHEN EISENBRAND, MEA HOFFMANN, CHARLOTE HALE, a LAUREN BASSAM, ANNIINA KOIVU, demonstrou-nos um universo de plásticos, exibindo os seus aspectos contraditórios, por um lado podem ser essenciais, por outro supérfluos, por outro ainda, podem ser sedutores ou até perigosos.

Dividida em três grandes núcleos, a exposição centra-se também na história do plástico, desde as suas origens naturais até às experiências sintéticas, pela mão dos cientistas. E por último, reúne exemplos dos esforços realizados na criação de objectos que questionem o plástico e que, segundo o texto que acompanha a exposição, implementem alternativas que reduzam a produção e consumo, e que encorajem na reutilização do plástico.

texto —————> Carla Carbone



Foto de Peter Stackpole, para o artigo “Throwaway Living”, LIFE magazine, 1955  
© Getty / Photo: Peter Stackpole, cortesia MAAT



Folhete publicitário da BAKELITE, 1930; Cortesia da Amsterdam Bakelite Collection

EERO AARNIO, Pallo / Ball Chair, Globe Chair, 1963 © Vitra Design Museum, foto: Jürgen Hans



HENRY MASSONNET, Fauteuil 300 / Monobloc, Polypropylene, 1972 © Vitra Design Museum, foto: Jürgen Han



JEAN PIERRE VITRAC, Plack, conjunto para piquenique. 1977 Cortesia do Museum of Design in Plastics, Arts University Bournemouth



EDWARD HACK, garrafa de Xarope de ananás, 1958; Cortesia do Museum of Design in Plastics, Arts University Bournemouth

BÄR+KNELL, Müll Direkt,  
1994 © Vitra Design Museum,  
foto: Jürgen Hans



Panasonic Toot-a-Loop R-72S  
radio, 1969-72 © Vitra Design  
Museum, foto: Andreas Sütterlin



Shellworks, contentores  
produzidos em Vivomer,  
um bioplástico produzido a  
partir de micróbios que se  
decompõem, 2021 © Shellworks,  
foto: Catharina Pavitschitz

MycoTEX em colaboração com  
Karin Vlug, MycoTEX seamless  
jacket; foto: Jeroen Dietz

# MARTINHO PITA

Com formação em arquitetura encontramos MARTINHO PITA na Lisbon by Design no momento em que apresentou pela primeira vez o seu projeto *Vitrola*, que tem por base formas cónicas em vidro soprado que pelas suas dimensões representavam um grande desafio. O repto ultrapassado, marca uma viragem fundamental na sua trajetória agora concentrada na área do design.



Como foi o teu percurso?

Sou arquiteto de formação. Vivi 10 anos fora, estudei 5 anos em Edimburgo, vivi 1 ano e meio na Índia passando depois por Roterdão e Suécia, passagens que marcaram a minha experiência pessoal e profissional. Estudei e trabalhei arquitetura mas com uma componente virada para estratégias sociais, que desenvolvi na Índia, Suécia e aqui em Lisboa, na aldeia piscatória da Cova do Vapor.

A arquitetura pura e dura desmotivava-te?

Sempre me entusiasmei a arquitetura, desde muito novo quando fazia casas com almofadas na sala, quando construía casas nas árvores com o meu pai e primos ou quando criava espaços habitáveis por entre uma montanha de mobília antiga empilhada no quarto de brinquedos, que a minha avó herdou da sua falecida tia. Tive a oportunidade de trabalhar com ateliers como os MRDV em Roterdão, os AIRES MATEUS e JOÃO PEDRO FALCÃO DE CAMPOS em Portugal. Projetei uma casa mal saí da faculdade que, devido à crise de 2010, apenas ficou construída em 2018. Era bastante inexperiente quando a comecei a desenhar. Acompanhar a materialização desse projeto foi um processo bastante desafiante que beneficiou de correções importantes que a minha maior experiência e olhar mais amadurecido puderam trazer durante a construção. A arquitetura deu-me as fundações e alicerces para o que faço hoje em dia.

Mas então porquê essa viragem para o design?

Em 2010 voltei para Portugal. Vivíamos uma crise profunda, ateliers de arquitetura a fechar, muita gente a fugir do país em busca de estabilidade. Tive que tomar uma decisão, escolhi ficar e para isso senti que tinha que me reinventar.

Precisava de me aproximar da Natureza e decidi passar um período sabático em casa do meu pai, que é artista e vive no campo. Ele é uma pessoa que admiro bastante, no entanto, um pouco distante na minha vida. Vivi dos 5 aos 21 anos com os meus avós maternos, até que decidi sair da minha zona de conforto e aventurar-me por terras escocesas. Apesar de ser essencialmente um pintor com formação em Belas Artes, o meu pai é um autodidata que domina diversas técnicas e materiais. Pedi-lhe, então, que me ensinasse a trabalhar a madeira, mais especificamente ramos provenientes das podas das Azinheiras. Aprendi todo o processo, desde a poda, secagem e todo o trabalho de escultura e eletrificação.

*BICHOS* foi o meu primeiro projecto de iluminação e nasceu da reconeção com o meu pai. Esse processo despertou a minha veia mais artística, que sempre viveu em mim, mas que fazia uma certa cerimónia em se manifestar. Comecei depois a explorar outros materiais como as palhas da pradaria, material com o qual criei toda uma linha de iluminação baseada no respeito pelo *TEMPO*.

Mais tarde decidi dar continuidade a um projeto que começou nos meus tempos de estudante em Edimburgo. Tudo começou quando fui acampar com o meu pai e um amigo dele, que para iluminar o espaço à noite, apontou uma lanterna a um garrafão de 5L de água. Fiquei fascinado com a solução, o efeito e a atmosfera que criava. No meu último ano do curso escolhi "Arquitetura e as Artes", onde estive inserido num coletivo de artistas e tive a oportunidade de criar alguns projetos e colaborações interessantes. Senti-me perfeitamente integrado nesse habitat e foi nessa altura que surgiram as minhas primeiras experiências com luz e água.

Mas como funcionava essa questão da luz e água agora relacionada com o vidro?

Para além das formas, era necessário encontrar o conteúdo perfeito para a mistura destes dois elementos, cheguei à conclusão que seria o vidro. Demorei dois anos a encontrar um mestre vidreiro disposto a produzir as minhas ideias. A Marinha Grande está virada maioritariamente para produções em série e processos repetitivos e muito pouco aberta a designers e artistas com as suas experimentações. Um forno de vidro necessita estar constantemente ligado para atingir a temperatura certa, e devido à boa vontade do proprietário, eu aproveitei o período entre turnos, das 3 às 5 da manhã, para produzir as minhas peças. Em Portugal, o vidro de sopro manual é uma arte em vias de extinção e a geração mais nova não tem interesse em aprender.

Comecei por criar a coleção *GOTAS*, peças que se moldam a diferentes superfícies, um canto, aresta ou plano, como uma gota de água. Das *GOTAS* nasceu uma vontade enorme de explorar este material e ajudar a manter esta arte viva no nosso país. O meu processo é bastante experimental e gosto de esticar as formas e processos ao máximo para que

o possível roce o impossível. Devido ao lado manual e imprevisível do processo, crio formas e dimensões que não sei se vão funcionar ou caber sequer na arca de arrefecimento. Tem tudo a ver com o improviso, com o momento.

Voltando um pouco mais atrás, então os primeiros vidros que fizeste eram pensados para ter água; Certo?

Sim, água e luz. Criei uns casquilhos que se podiam colocar no gargalo da peça e ilumina-la. Comecei por produzir casquilhos de cortiça, no entanto percebi com o tempo que a cortiça é um isolante térmico, ou seja acabava por queimar as lâmpadas. Criei então, com a ajuda de um designer de produto, casquilhos impressos em 3D mas devido ao calor dos LEDs começaram-se a desfazer passado algum tempo. Hoje em dia, com a experiência que fui adquirindo, melhorei os casquilhos para metal e funcionam lindamente. O meu trabalho foi melhorando com a experiência e é algo que faço questão de assumir e abraçar.

Mas então depois deixaste essa questão da água ou ainda é algo que exploras?

O meu trabalho divide-se em duas vertentes, catálogo e "tailor-made" com a criação de peças "bespoke", específicas para determinado espaço ou projeto. Ao longo dos anos fui desenhando peças novas para diferentes clientes onde explorei o tema da água e luz. Em certos projetos o elemento água está presente sem necessariamente usar água.

Como chegaste então as formas cónicas destes projetos que apresentaste pela primeira vez no Lisbon by Design em Lisboa?

Durante muito tempo foquei-me nas formas orgânicas da natureza, na perda de controlo no processo de formação das peças, a beleza da fluidez, do irregular. No entanto de há uns anos para cá comecei a explorar formas mais geométricas. A própria natureza é composta por padrões, regularidades visíveis que se repetem criando formas orgânicas, os objetos físicos nada mais são que cópias imperfeitas. Assim, uma flor pode ser aproximadamente circular, mas nunca é um círculo perfeito. Não existe uma flor igual à outra. As minhas peças refletem esse mecanismo de criação. Mesmo idealizando formas geométricas, o processo manual com os seus movimentos imprevisíveis, acaba por lhes dar uma identidade única. O "erro" e imperfeição estão presentes em todos os processos do meu trabalho, dando-lhe singularidade e personalidade.

Inicialmente tinha uma proposta montada para a Lisbon by Design bastante diferente da que apresentei. Um mês e meio antes do evento começar, decidi mudar tudo! Tudo começou por uma pequena obsessão por duas peças cónicas, sentadas no meu atelier, que desenhei e decidi produzir como projeto experimental. Foram feitas em vidro de sopro manual, uma peça branca e outra preta. Essa obsessão cresceu e decidi criar toda uma coleção usando essa forma como módulo que se agarra a diferentes estruturas, como teto, parede, chão e mesa. O sistema de fixação é igual em todas elas, apenas variam as cores e as estruturas que as suportam.





Então era tudo completamente novo do que tinhas feito até então?

Sim completamente novo. Um salto de fé, ou como se diz em inglês, a "leap of faith". Foi sem dúvida um parto muito difícil mas que no final compensou. Tornou-se um processo bastante desafiante dadas as dimensões da peça cônica, com 60 cm de diâmetro e 25 de altura. Para vidro soprado manualmente, são dimensões pesadas e incrivelmente difíceis de manejar, e que teimam em entrar na curta altura da porta da arca de arrefecimento. Antes de começar a produzir recebi a notícia que o meu mestre vidreiro tinha sido hospitalizado de urgência e tinha que parar 3 meses. Fiquei a saber que ele era a única pessoa na Marinha capaz de produzir estas peças e que a única solução acabou por ser arriscar e tentar produzir com os seus ajudantes. Escusado será dizer que correu bastante mal. Fui 6 vezes à Marinha Grande, fiz 3 moldes em madeira, produzi 15 peças para aproveitar apenas as 4 que precisava para apresentar na exposição.

Então o que mostraste foram os grandes sobreviventes? Como se chamam as peças? Têm algum nome?

Sim a maior parte delas não chegou a moldar o bico e estavam bastante deformadas por trás. Queria duas cores iguais na peça de teto e duas cores mais neutras nas peças de parede, mas quando olho para o que tinha, as tais sobreviventes, eram todas de cores e pesos diferentes. Não sabia o que fazer, sentei-me com a minha mulher no atelier e calmamente escolhemos, entre as sobreviventes, duas cores que casassem. Incrivelmente, as que faziam mais sentido usar, tinham também um peso muito semelhante. É esta a beleza do meu trabalho, acreditar que tudo faz parte e que existe sempre um sentido. O projecto chama-se *Vitrola*. A vitrola, ou gramofone, consiste nos primórdios do gira discos e é constituído por uma plataforma giratória, uma agulha para leitura das vibrações sonoras e um amplificador cónico em forma de corneta que servia para reproduzir som gravado utilizando um disco plano giratório.

O que apresentei na exposição foi toda uma sinfonia, não só da produção dos moldes, das peças, dos arranjos, das fixações e estruturas metálicas, mas também de todo esse processo caótico e suas frustrações, altos e baixos, erros e soluções criadas. O movimento circular está presente tanto nas peças finais como ao longo dos processos de produção. Toda essa música, todo esse fado ficou gravado em cada um dos cones que produzi, da mesma forma que uma música gravada num disco vinil.

Então as cores surgem ao acaso?

As cores são pensadas à priori e compradas em abalotes, barras de vidro cilíndricas com cor concentrada, que eu encomendo da Alemanha. Mais tarde na sessão de sopro, uma fatia desse abalote é aquecida e misturada com o vidro transparente que sai do forno. Existem cores opacas que são mais fechadas ou cores transparentes que criam um efeito degrade onde a cor vai esticando consoante a intensidade do sopro e respectiva expansão do vidro.



Mas se quiseres fazer duas com o mesmo tom, é complicado?

Conseguimos controlar o pantone e a quantidade de cor usada, no entanto, com exceção da cor preta e branca, não é possível controlar o seu efeito com exatidão. A dificuldade aqui reside nas dimensões principalmente nas dimensões da peça, o que torna esse controle muito difícil, ou quase impossível. Eu prefiro assumir essa variável e torna-la uma mais valia.

Imagino que continues a explorar os teus cones em vidro já que conseguistes poucos, mas tens mais algum projeto em mente?

Estou a explorar novas técnicas de vidro como o fusing ou termo-moldagem que consiste na arte de fundir vidro. Ao contrário do vidro de sopro manual, começamos por usar planos de vidro colorido que podem ser formados, moldados, texturados ou mesmo dobrados no forno.

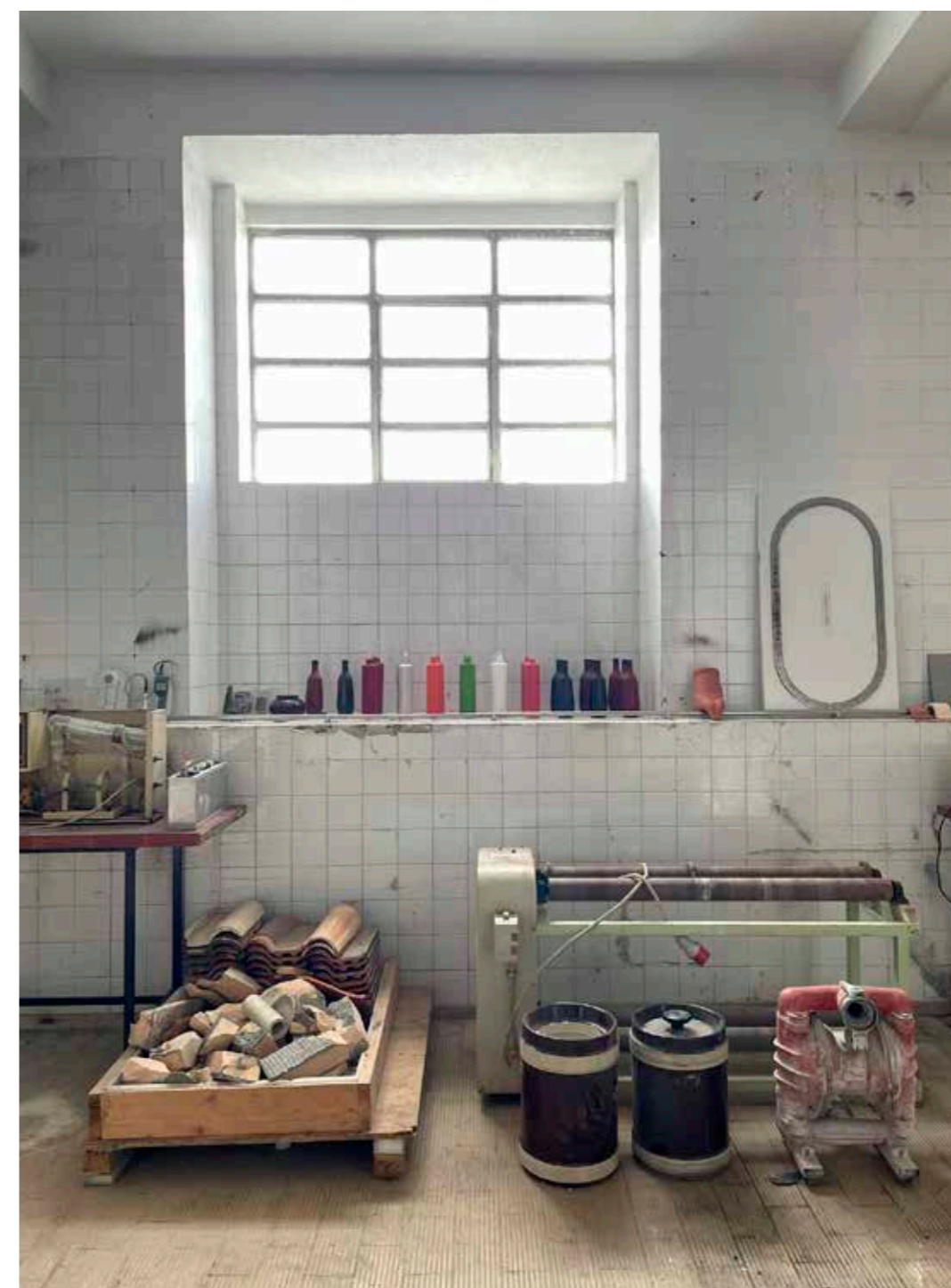
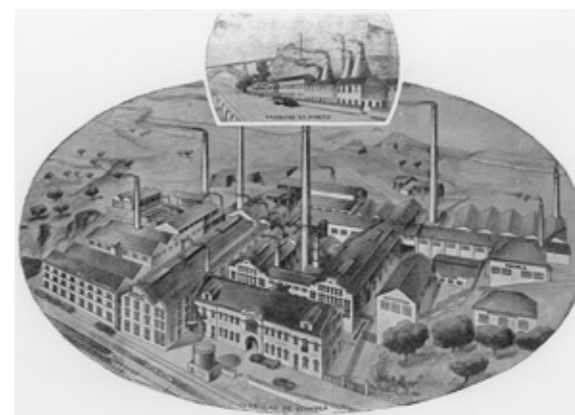
texto —————> **Francisco Vaz Fernandes**  
fotos —————> **João Guimarães**

## UMA FÁBRICA DE IDEIAS

Se velhos são os trapos, já os edifícios antigos apresentam múltiplas oportunidades. O rico passado cerâmico de Coimbra revê-se nas velhas fábricas que foram desaparecendo, uma após a outra, ruindo. Já com a LUFAPO é outra história. Criada na segunda década do Séc. XX, esta grande fábrica de cerâmica que teve dezenas de edifícios coroados por outras tantas chaminés, com escola primária e creche próprias. Funcionou até aos anos 70. Depois de um período de indefinição, reabriu como Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro (CTCV) em 1987 e, depois da saída deste, mas mantendo-se sob sua tutela, reinventou-se como LUFAPO HUB em 2021.

ANA CARVALHO, coordenadora do espaço, partilha que foi criado em proximidade à ideia da *New European Bauhaus*, definida pelos conceitos do sustentável, inclusivo e belo. Com pretensão de o estabelecer como *lighthouse Bauhaus*, o LUFAPO HUB serve de incubação e acolhimento de empresas – start-ups e scaleups – e junta ainda vários criativos, artistas e artesãos, que partilham os vastos pisos com empresas mais convencionais. Assim, encontramos uma linha de produção de sabonetes artesanais, a LA BOUTIQUE; uma oficina de encadernação e de arte do papel, a CHRONOSPAPER; lado a lado com a associação cultural CATRAPUM CATRAPEIA e outros vizinhos, entre pintores e ilustradores. No Atelier de COCRIAÇÃO convivem vários ceramistas de diversas nacionalidades, como U-LA HARDA de CLAUDIA ÁLVAREZ e o projecto CERAMICARTE de JULIANA MARCONDES, entre outros. Para estes criadores, as rendas são mais em conta do que para as empresas aqui estabelecidas, garantindo a renda destas últimas a viabilidade económica do espaço.

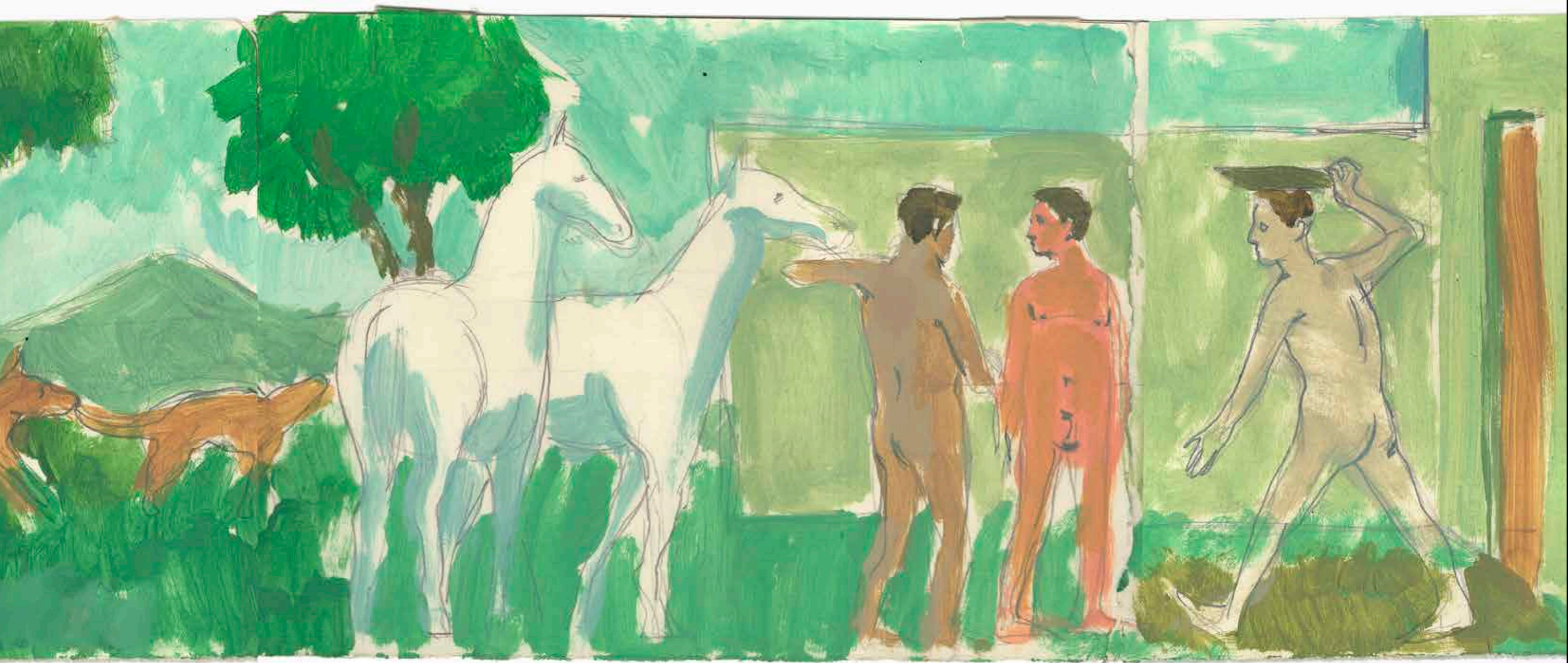
A par com a criatividade quotidiana que habita o espaço, na nave térrea organizam-se exposições, como Uma exposição no escuro, e a velha fábrica centenária abre-se para festivais, como o MATE – Music, Art, Technology and Education, oferecendo as suas preenchidas camadas históricas à cidade e aos seus visitantes.







Parte da série "O rei manda"  
Acrílico sobre papel, 13x100 cm  
2023



Parte da série "O rei manda"  
Acrílico sobre papel, 13x100 cm  
2023



Parte da série "O rei manda"  
Acrílico sobre papel, 13x100 cm  
2023



Parte da série "O rei manda"  
Acrílico sobre papel, 13x100 cm  
2023

## EM BRUTO



Este ano apresentaste pela primeira vez trabalhos de tapeçaria que recorrem a uma tridimensionalidade mais evidente. Em sequência há um movimento nas tuas criações que também se tornou mais visível. A que se devem estas alterações? Surgem da necessidade de estar sempre a encontrar novas soluções de uma necessidade natural de sentir que estou em evolução. Deixaram de ser sempre aquelas peças lisas, o que já implica outra forma de pensar e outro tipo de planeamento. Já existia tridimensionalidade na composição das peças mas agora ganharam muito mais. Também as cores estão mais suaves mais femininas o que lhes dá ao final maior leveza. Penso que comunicam melhor com as pessoas.

Quando é que a tridimensionalidade, tal como agora a vemos, surge? Já tinha feito algumas peças suspensas, mas de parede onde a tridimensionalidade é explorada, as primeiras foram as três que apresentei neste Verão durante o Lisbon By Design. Depois ainda dentro dessa família seguiram-se as peças no M.U.S.A de Sintra. Como disse é um processo evolutivo que continua a ter ajustes.

Mas tecnicamente o que é que está alterado? Tive que aprender uma nova técnica, a de soldar. Essas peças exigem a criação de uma estrutura metálica que depois é revestida por uma tela.

E a questão do movimento? É muito importante para mim, pelo menos pela forma como vejo a natureza que me inspira. Nas árvores e vegetação marítima não há nada de estático e por isso essa necessidade de movimento confere aos

meus trabalhos algo mais aproximado a um mundo vivo. Daí que apareçam peças com raízes e fios que são tão leves que qualquer aragem gera um pequeno balançar. Então, o ponto de partida, foi como conferir movimento ao trabalho que já desenvolvia. Por isso é tudo a base de experiências que me conduzem ao final a novas peças.

Sei que és do Algarve. De que forma a tua região está incluída no teu trabalho? Nas formas menos visíveis. Ao longo dos anos fui introduzindo a minha família no processo de produção. Quando regresssei ao Algarve a minha família começou a ajudar-me muito mais e hoje em dia também são parte do meu projeto. A minha mãe deixou o seu trabalho, para vir integrar a minha equipa. Ter regressado ao Algarve e a possibilidade de manter esses laços de família para mim tornou-se importante. Depois também há todo um conjunto de questões relativos ao mar que se levantam quando se vive no Algarve onde a mensagem de preservação e sustentabilidade nunca é demais sublinhar e que está integrado no tipo de preocupações que trago para o meu trabalho.

Como é que a questão da sustentabilidade aparece no teu trabalho? Desde sempre porque já quando era estudante introduzo o desenvolvimento de fios que eu própria criava a partir do aproveitamento da lã extraída da tosquia das ovelhas que pelas mais diversas razões tinham como destino ser queimada. Depois mais tarde ao ter contacto com as fábricas apercebo-me da quantidade de fio que acaba por ser desperdiçado. Havia muito material excelente que no final de produção sobrava e que mais cedo ou mais tarde iria parar ao lixo,

e que podia muito bem ser aproveitado por mim, já que trabalho numa pequena escala. Consegui então uma primeira parceria com a primeira fábrica onde tive o meu primeiro estágio. Depois, consegui outras parcerias, também, na zona do Porto. Hoje em dia, o meu trabalho é todo realizado com o aproveitamento de desperdícios das fábricas.

Como é que chegas aos têxteis? Tirei o curso de moda em Lisboa mas, depois fui trabalhar para uma fábrica têxtil porque, percebi que desenhar roupa não estaria no meu projecto pessoal. Gostava mais da parte têxtil por isso fui estagiar para uma fábrica, para perceber a dinâmica dessa área, que desconhecia por completo. Fui para o Porto, e lá abri o meu primeiro atelier, onde começo a criar as minhas tapeçarias. Desde cedo tive clientes o que tornou o projeto sustentável. Primeiro, eram peças de pequenas, e só com a mudança para um espaço de maior, me aventurei em escalas de grandes dimensões, que vieram a dar visibilidade ao meu trabalho. É um trabalho complexo que implica a utilização de uma mistura de muitas técnicas de produção artesanais, grande parte delas transmitidas pela minha família, que já estava ligada ao têxtil. Misturo com outras que também fui aprendendo ao longo do meu percurso de formação.

Ainda fazes a coloração do fio? Já vem tudo colorido, tenho que me adaptar ao que há. Há sempre clientes que querem uma ou outra cor que viram em trabalhos anteriores, mas não funciona assim. O que temos é o que vamos usar. É muito importante passar essa mensagem da reciclagem numa economia mais sustentável ligada à criatividade.

Quando partes para uma peça tu já tens uma imagem que te conduz, uma fotografia, por exemplo, que te inspira? Não. No curso fui educada para primeiro desenvolver uma inspiração e só depois partir para a concretização de uma coleção. Eu nunca fui este tipo de pessoa. Eu apresento tudo no final e procuro entender o que me levou a chegar ali. Há um processo muito inconsciente e estar a tirar essa parte do processo, é no meu ver matá-lo. Por exemplo, começo com a vontade de fazer uma peça com um conjunto de cores que defino, mas dada a demorada da produção, de repente mudo e, introduzo algo não planeado. Não sei porquê, talvez porque se trata de uma lã específica, uma cor ou outra razão. No final é certo que tudo ganha uma forma. É certo que há uma inspiração na natureza mas, também algo mais fundo que vai às profundezas do meu subconsciente. As minhas peças também me ajudam muito a interpretar-me a mim própria. É uma forma de eu também falar comigo. Só no ano passado comecei a ter mais consciência disso. As minhas peças falam muito sobre a morte e a vida.

E tens mais consciência que isso aparece nas tuas peças? Sim, a morte sempre foi um tema que me deixava nervosa, desde pequenina e, hoje em dia, eu olho para as criações e o que eu faço são corais mortos. Estou a representar essa degradação algo que vai acontecer, que é inevitável em todo o processo criativo. Um dia termina. Ou seja, tenho mais consciência desse diálogo que travo com as peças que produzo.













QUARTO  
DE FLORES



Neutralizado o espaço, por um cortina cinza que envolve todo o interior da Cabana Mad, Miguel Ângelo Rocha expõe um conjunto de trabalhos, onde se destacam duas esculturas de grandes dimensões. Recorrendo apenas a madeira recortada e pintada de branco seguimos linhas que se entrelaçam e se elevam no espaço dominando-o visualmente. O espetador circula, deambuleia o olhar nessa aparente leveza das formas como se fossem fitas suspensas por um segundo. Uma visão que a fotografia nos veio dar nessa possibilidade de congelar o momento de um pequeno sopro em que tudo se elevou. Tanto as formas como os títulos das peças têm uma propositada dimensão poética, que não permite auto-referências claras a realidade do dia a dia.

Miguel Ângelo Rocha hoje, com 54 anos, começou o seu percurso profissional com propostas que divergiam daquelas que na sua geração estavam a merecer mais atenção pública, que optaram por projetos mais discursivos, trazendo a arte para campos sociais e ganhando dimensões políticas. Havia nesse jovens a genuína necessidade de estarem a par dos discursos dominantes do que se fazia lá fora. Ou seja, O artista enquanto corpo político, não ganha relevância no trabalho que Miguel Angelo começa a produzir, nem a desmaterialização da arte, para dar apenas exemplo de algumas temáticas dos anos 90, o que faz com que o artista passasse a ter um percurso singular que ainda assim nunca deixou de ter visibilidade e atenção em Portugal.

Muitas vezes a sua produção foi enquadrado com artistas da geração anterior, como José Pedro Croft ou Manuel Rosa, por haver mais pontes de conexão. Contudo, olhando para outros casos singulares que emergiram em outros países, e nomeadamente se quisermos colocar ao lado de um Mark Menders, percebe-se que também nunca foi nem é um caso tão singular num panorama mais alargado. Olhando até para trás, num mundo dominado pelo storytelling, o silêncio, a introspeção a que a obra de Miguel Ângelo de Rocha nos convida é o que permitiu que a sua obra ganhasse a consistência que vemos hoje.

Formalmente não verificamos grandes mudanças na sua obra e a constância é certamente outro ponto a reter. Ela gere-se por si, por um conjunto de obsessões que o artista trabalha consecutivamente que não têm por prioridade mostrar-se como novidades. Materiais e formas repetem-se porque elas representam à partida os recursos mínimos eleitos pelo artista se expressar. O que lhe está no pensamento que ganha forma a partir da mão que desenha e que ganha dimensão quando passada para um corpo erguido no espaço, não precisa de grandes recursos. Ou seja, a materialidade existe, é complexa, mas não é só um fim em si. Ela ganha uma constante, porque está sempre atualizada, em conexão com o pensamento do artista da sua poética.

O desenho como forma de pensar é presente no trabalho de Ângelo Rocha. O seu trabalho procura sair de um espaço racional para entrar numa fase mais inconsciente que um desenho automaticamente pode assegurar, permitindo-lhe chegar a um nível poético. Linhas que rodam entre si sem princípio nem fim. Também as suas esculturas materializam este princípio sem fim que se eleva ou se projeta no espaço. No meio, uma das esculturas apresenta, estruturas que evidentemente remetem-nos para o arquétipo de um corpo de homem, que podemos trespassar pelo olhar, encontrar o seu vazio interior, porque tudo é sonho.

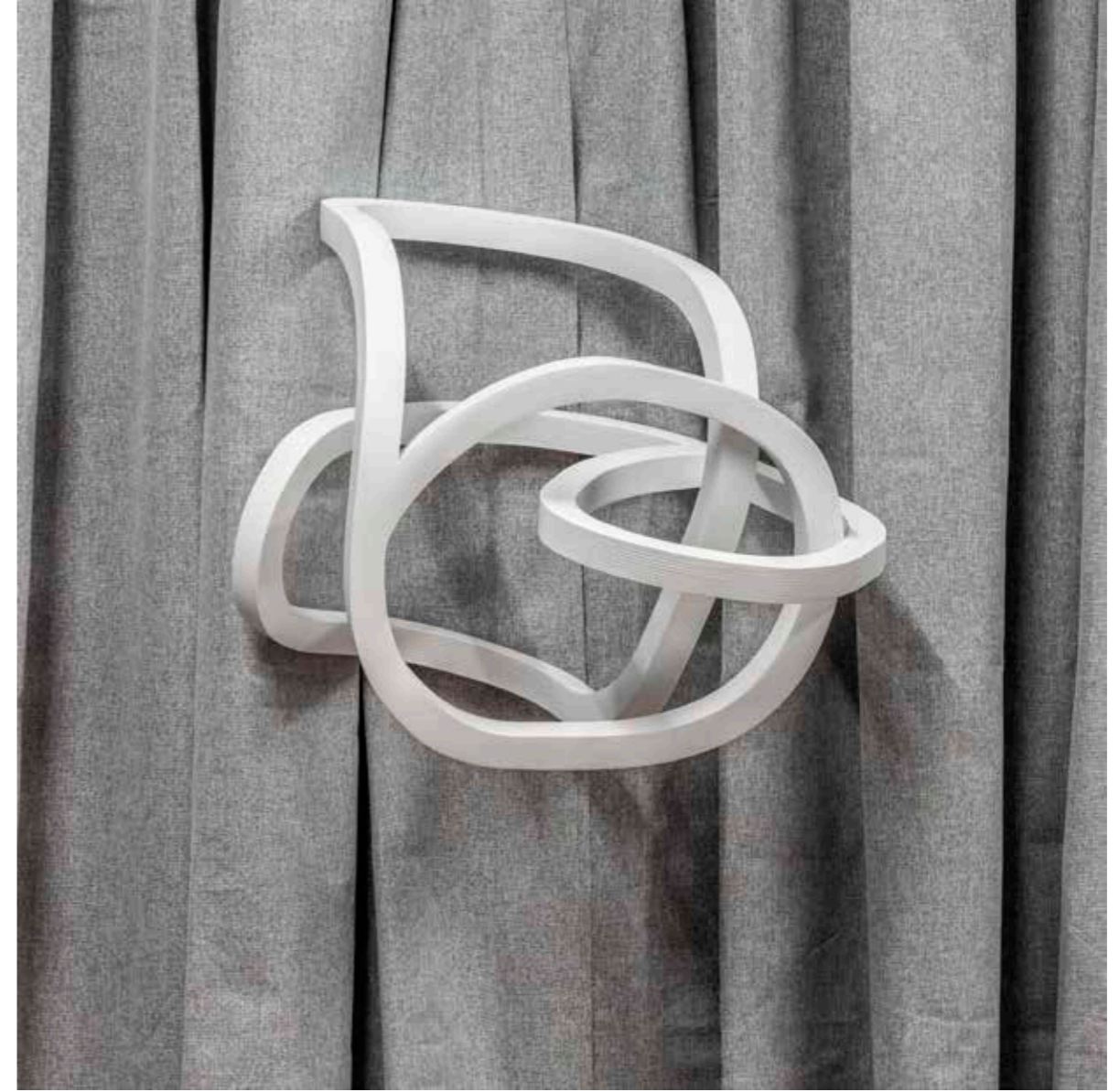
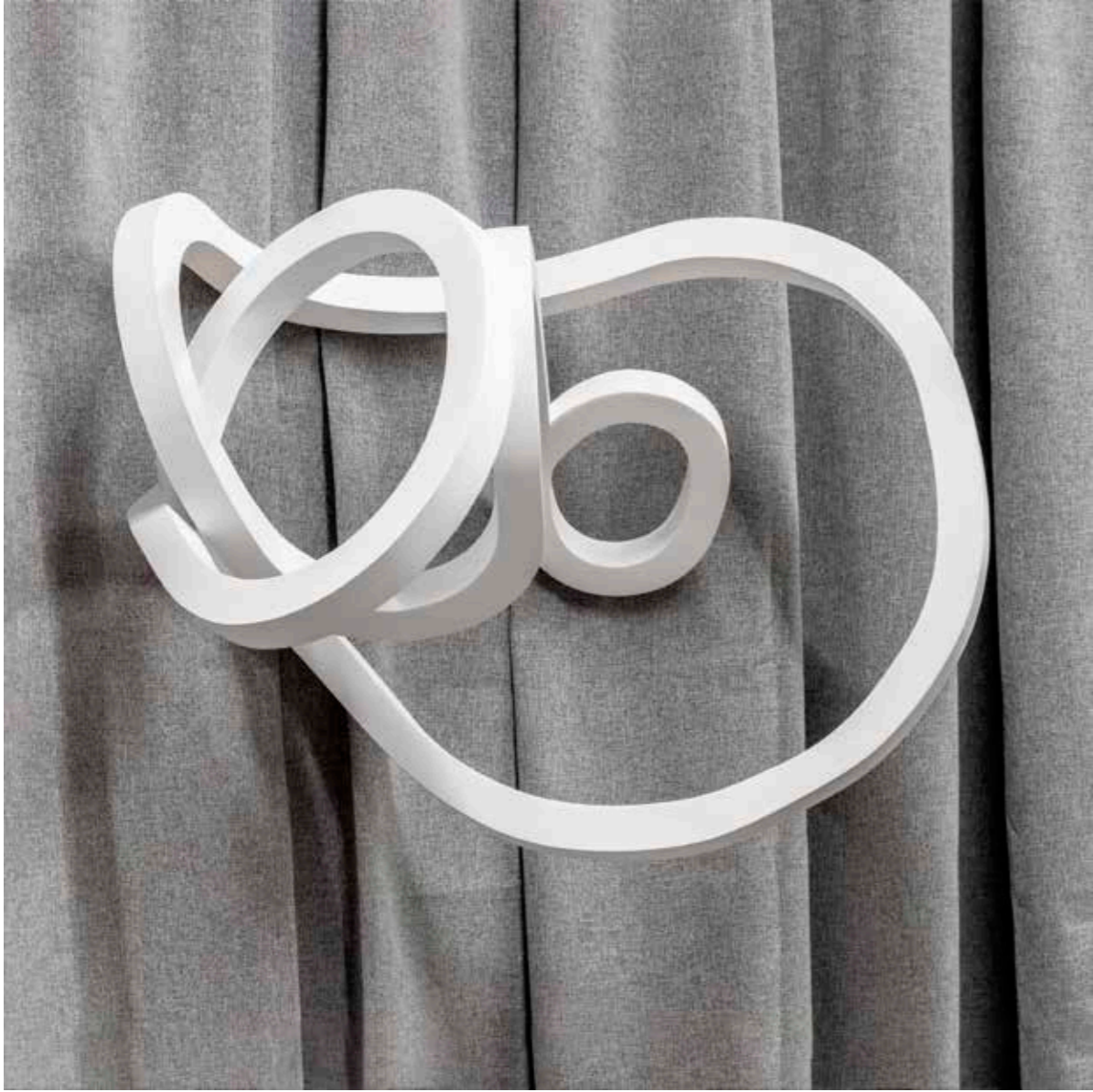


CABANAmad  
Rua Da Misericórdia,  
66 1ºdto - Lisboa

Até 21 de Dezembro

texto —————> Francisco Vaz Fernandes



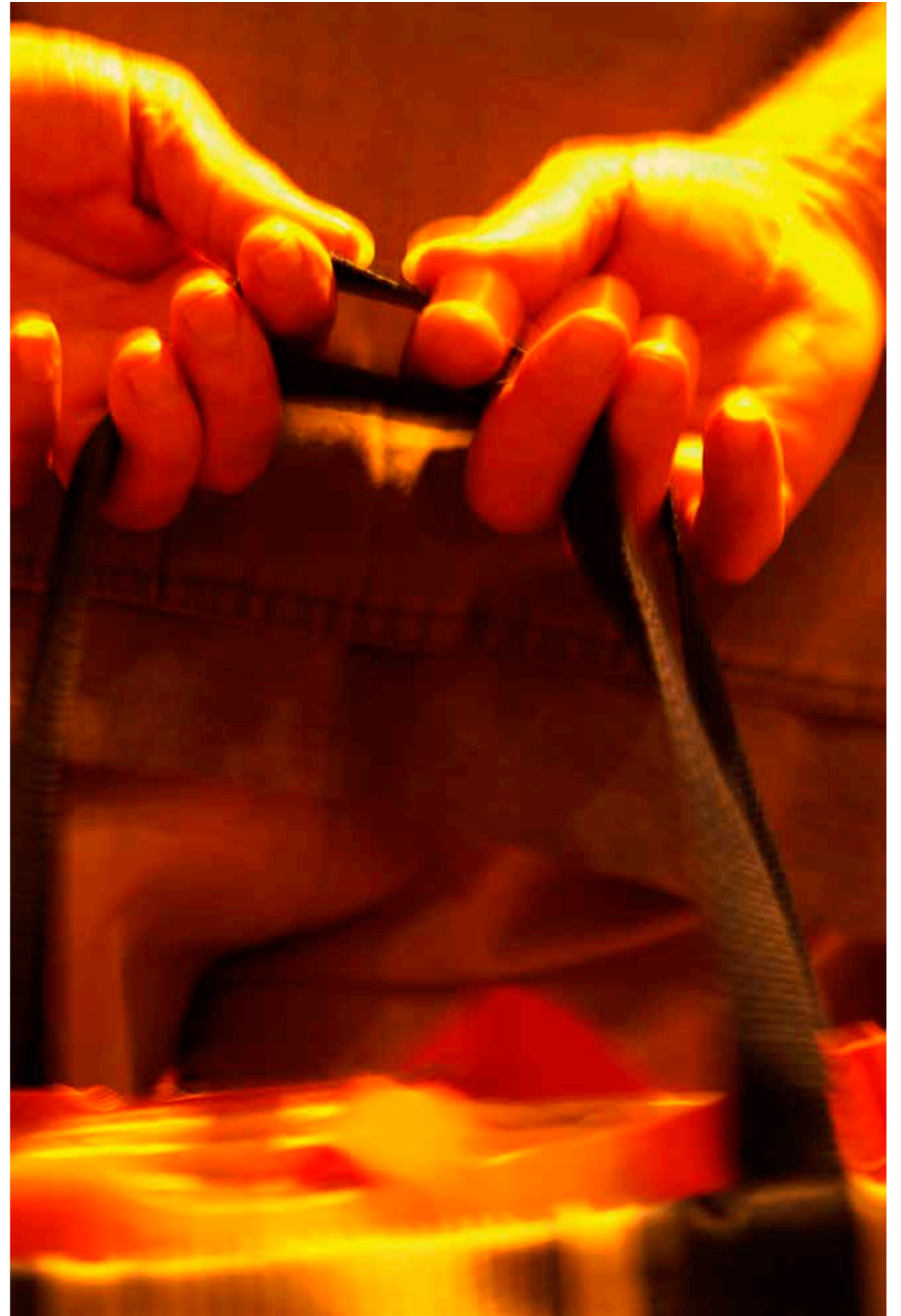
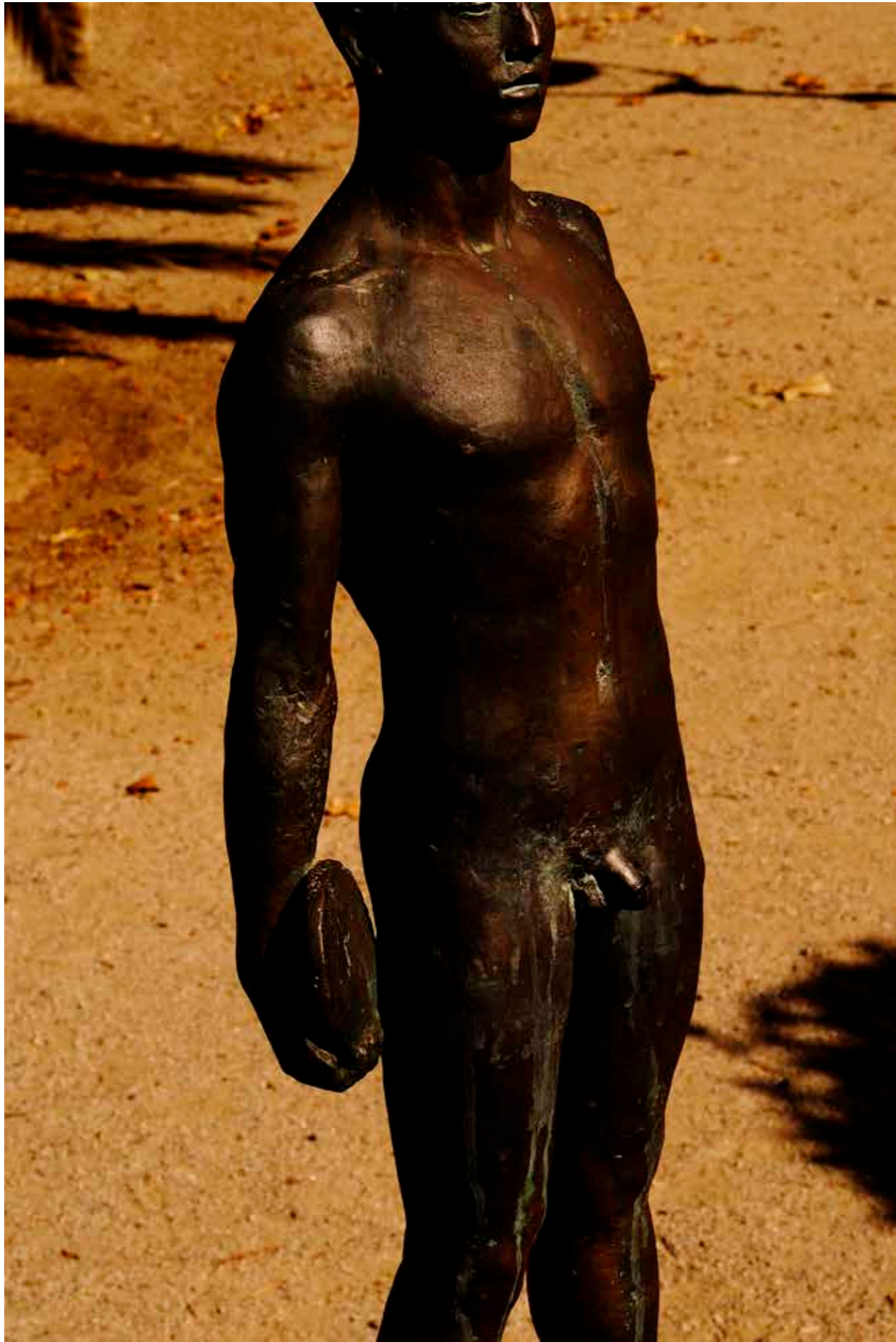


LUÍS  
CÀRMO

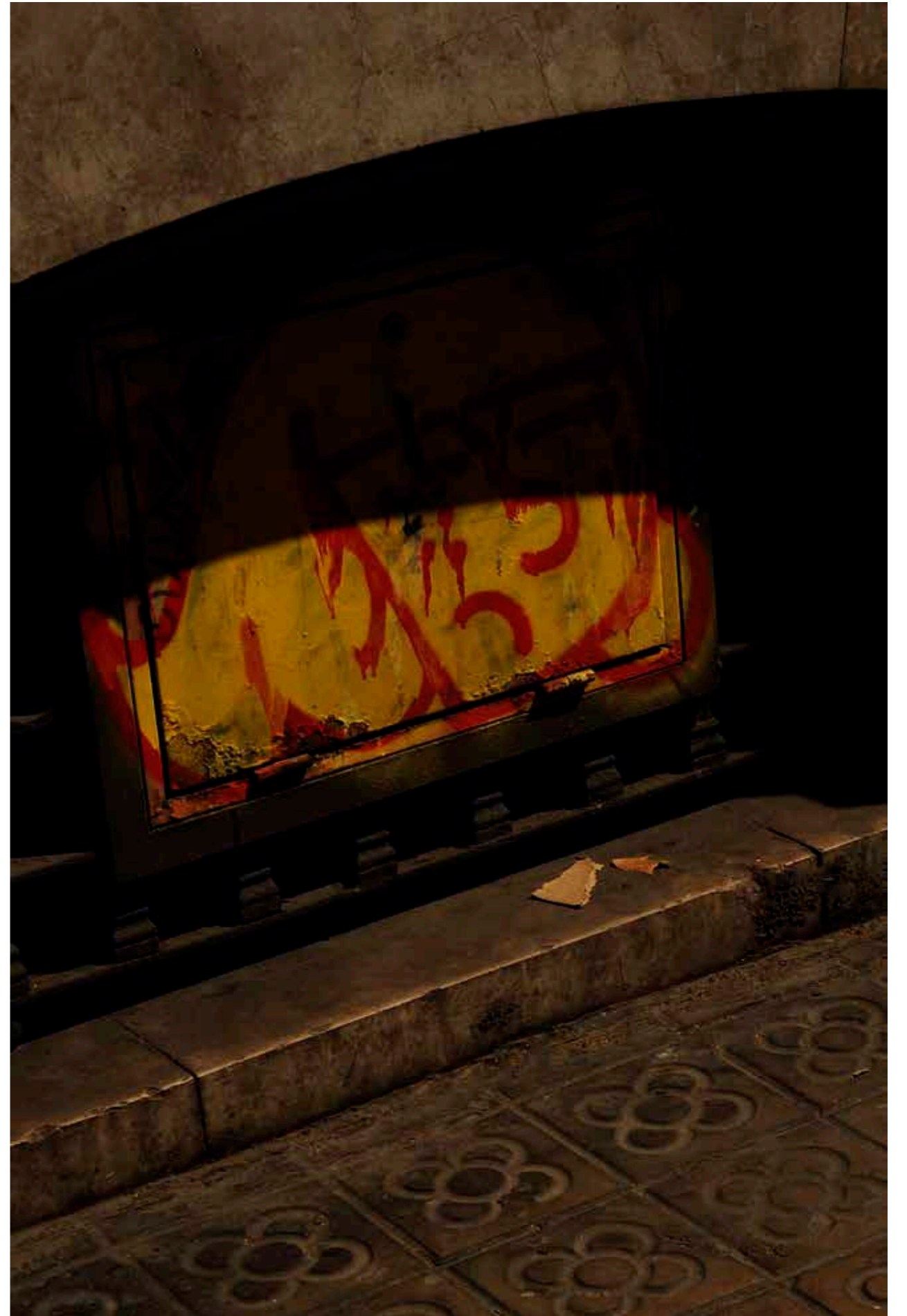
@luis.carmmo

RED  
YELLOW

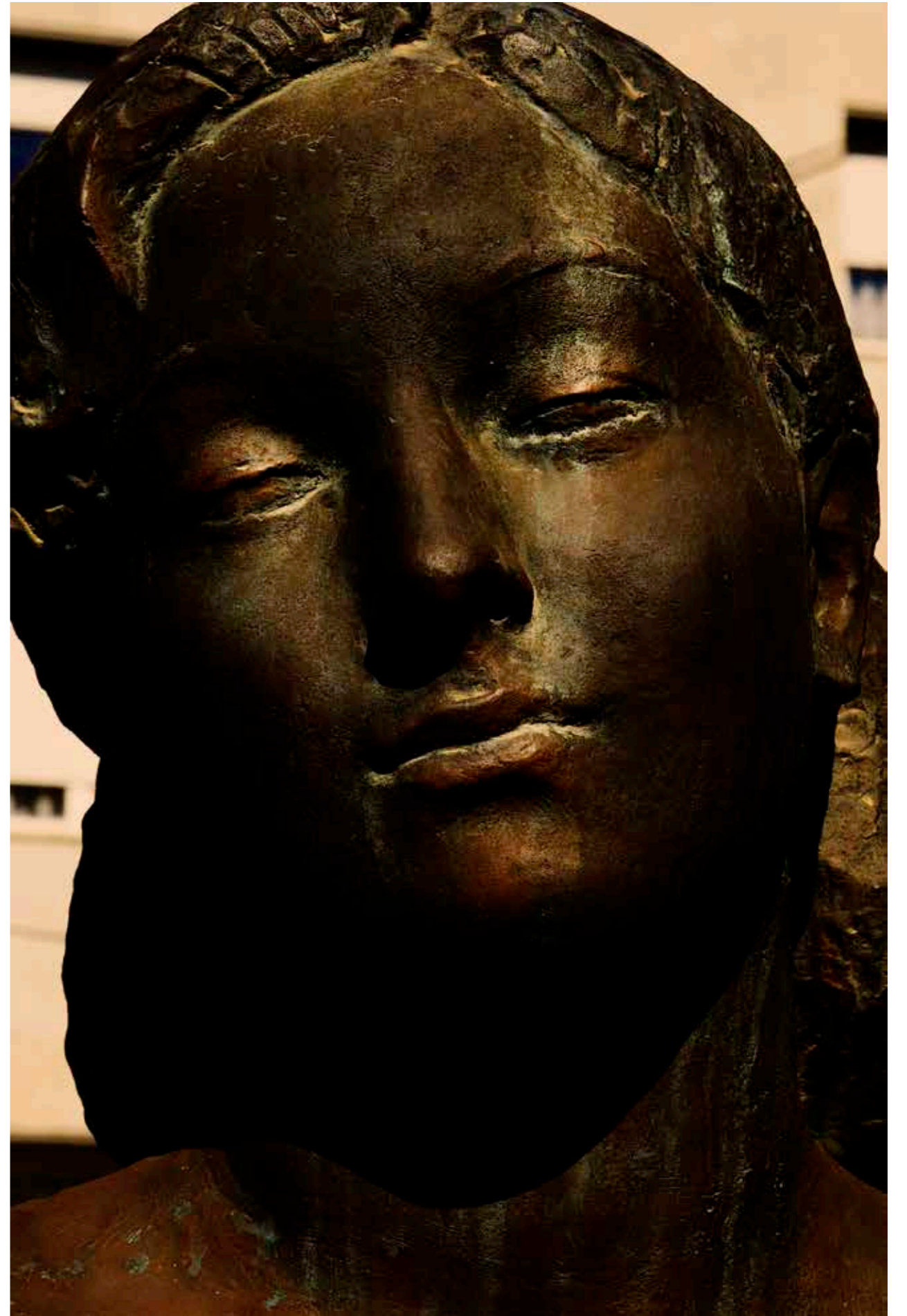


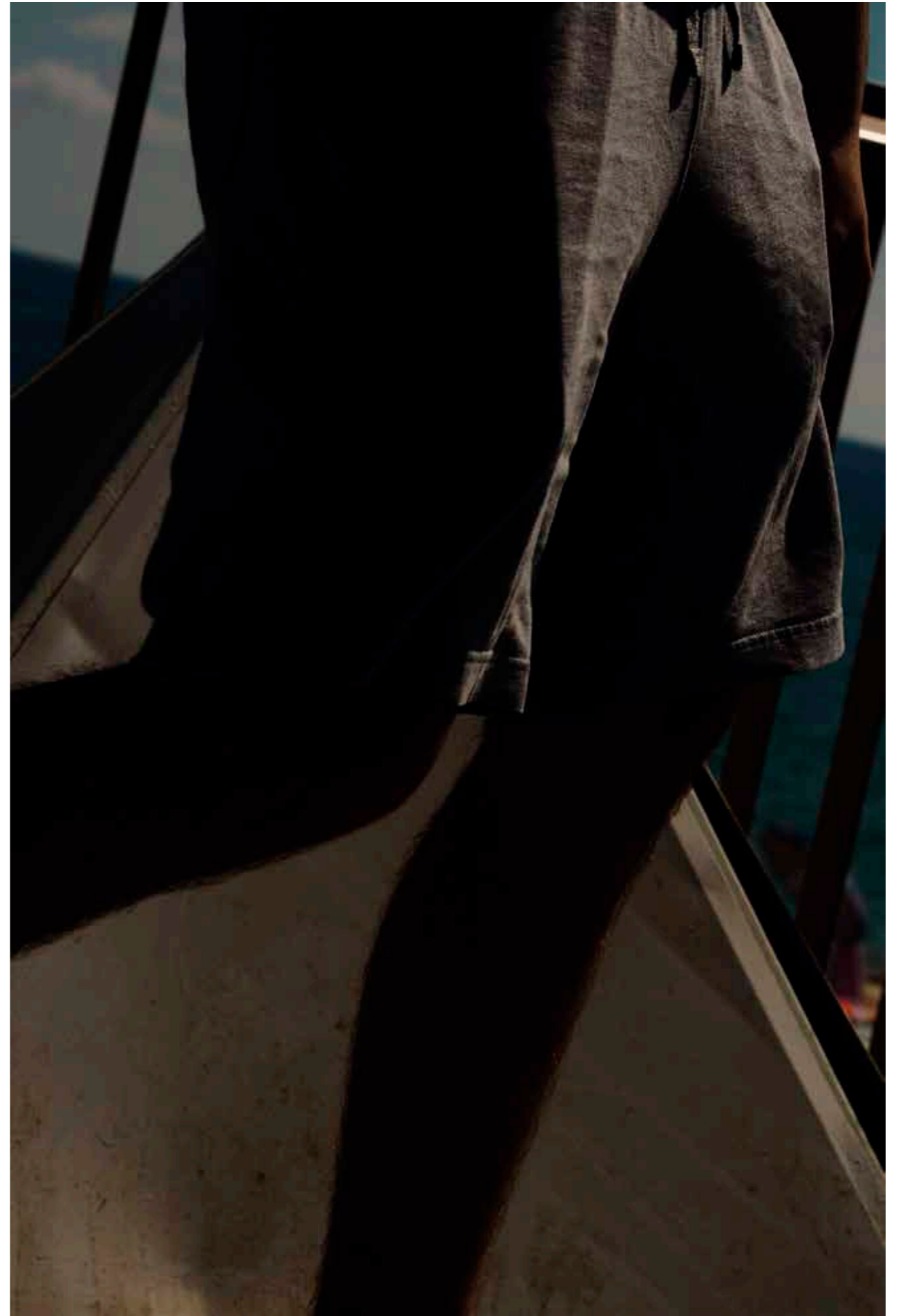
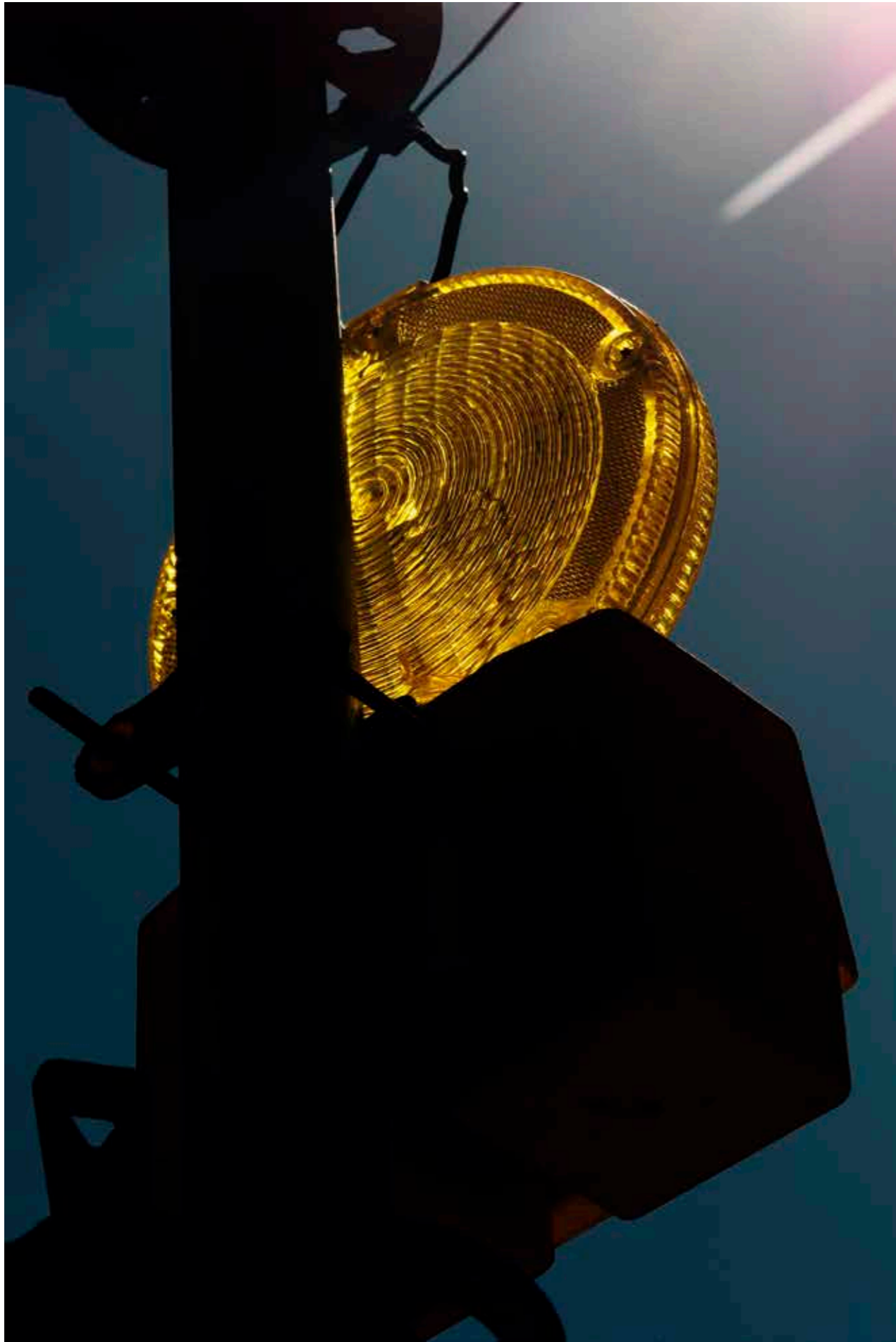


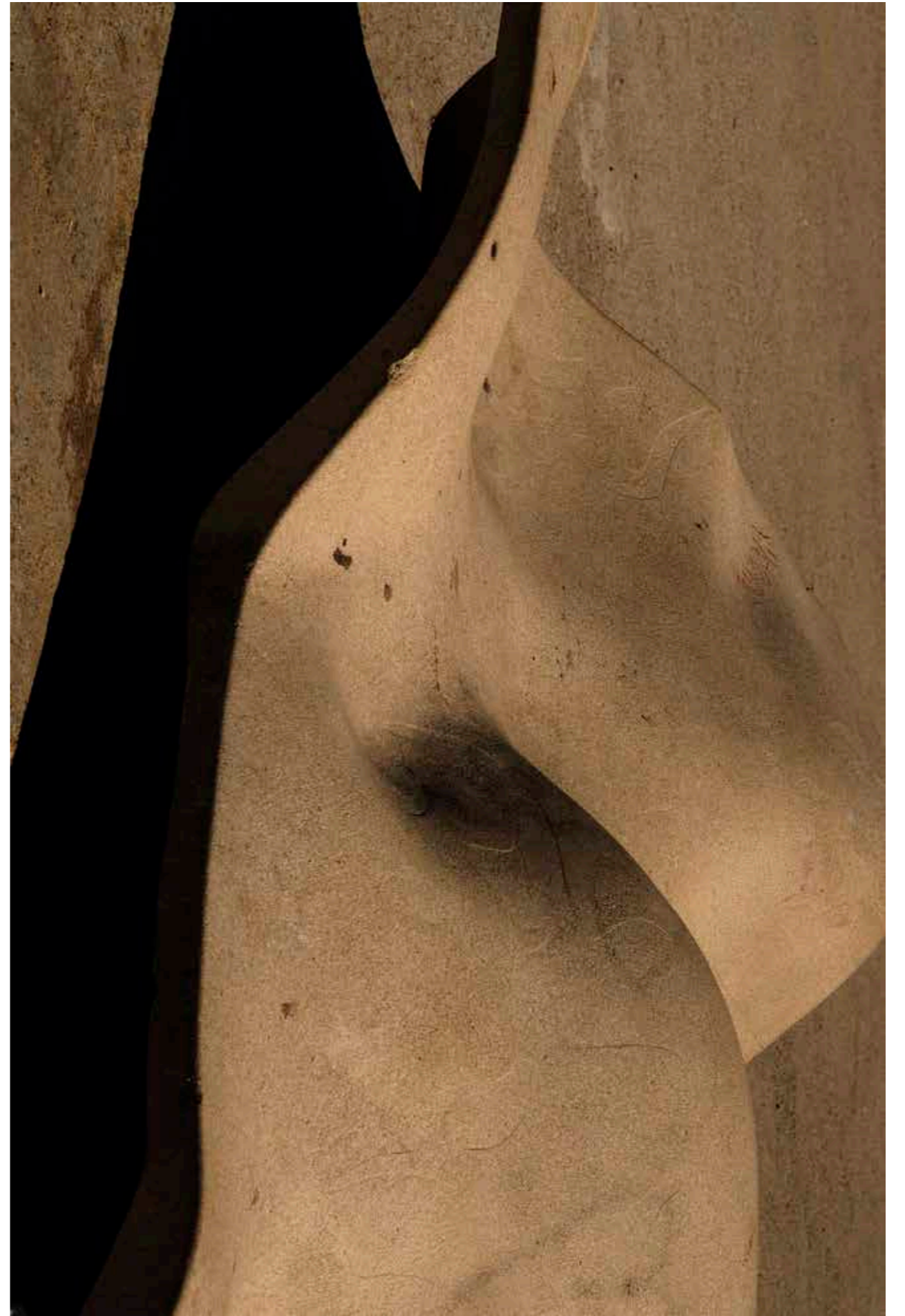














## ILLUSION OF CLAY

texto —————> Francisco Vaz Fernandes

Para todos aqueles que seguiram a emergência do movimento da Street Art em Portugal, AKA KORLEONE é um dos nomes mais proeminentes a ocupar grandes murais em Portugal, sempre com um estilo gráfico e colorido muito próprio que o tornam facilmente reconhecível. Contudo, o seu projeto artístico tem sido marcado por desafios que o levam a passar a diferentes médias que obrigatoriamente o desafiavam e transformam a própria imagem que se tem do seu trabalho. Depois de termos assistido a uma exposição na *Underdogs Gallery* em Lisboa, com peças criadas a partir da sobreposição de vinis onde explorou os recortes das formas em sobreposição criando diversos tipos de transparências, apresenta agora no Hotel Tivoli Avenida, pela primeira vez, as suas experiências em cerâmica e azulejaria portuguesa.

Esta é a segunda exposição que marca o 90º aniversário da Tivoli Hotels & Resorts e a *Illusion of Clay* dá-nos a ver na mesa central do lounge do hotel, uma instalação composta por objetos resultantes da sua incursão no universo do azulejo e da cerâmica tradicional portuguesa. Onde costumávamos ver arranjos de flores o artista integra ainda elementos visuais e escritos que documentam todo o processo criativo até chegar ali, onde também se cruzam elementos de arquivo inerentes à história do Hotel Tivoli. Essa relação mais íntima como o espaço estabelece-se numa estadia de uma semana que funcionou como uma residência artística e é interessante que para além de muitos documentos que pertencem à história do Tivoli em Lisboa, juntaram-se uma série de pequenos plintos com faces espelhadas que para além de serem suportes para as peças de cerâmica, conseguem trazer para o centro da mesa, todo o ambiente do lounge do hotel, a partir dos seus reflexos. São imagens que nos chegam fragmentadas conforme ponto de vista de quem olha. O processo de

criação, as vivências do artista e do hotel são convocadas e misturadas numa preocupação de integrar tanto um passado com o presente que cada espetador vive no momento.

Os azulejos que nos apresenta, foram criados pela primeira vez para uma exposição na Kolly Gallery em Genebra, cidade com a qual o artista tem profundas relações afetivas dado que residiu por longas temporadas nessa cidade Suíça com a família. Nesse sentido, trás para um azulejo produzido em Portugal a imagem das montanhas, um elemento que identitário de Genebra e que a Suíça tem em geral como o seu cartão postal. A passagem para um media com o qual não tinha grande familiaridade apresentou-lhe diversos desafios e levou-o a explorar uma expressividade diversa que o aproximou muito mais a uma certa abstrativização da pintura que contrasta em muito com o que estávamos habituados a ver nos murais onde o desenho é preciso, delineando, com campos de cores definidos que contrastados criam um efeito gráfico forte. No azulejo esses princípios são difíceis de seguir e se a paleta pode estar lá ela, está muito mais diluída em transparências, efeitos que são difíceis de controlar. AKA KORLEONE tem no azulejo duas perspetivas de criação, Por um lado, propõem pequenos painéis onde pré-define uma composição onde entram vários campos figurativos que se interligam, tal como acontece nos seus murais, ou então, trabalha na produção de azulejos individuais com padrões mais ou menos repetidos e só mais tarde procura juntar peças de um puzzle que se mostra muito livre. Pode apresentar peças individuais, como em composições que podem formar uma painel ou cubos, tal como se pode ver nesta apresentação no Hotel Tivoli Avenida.

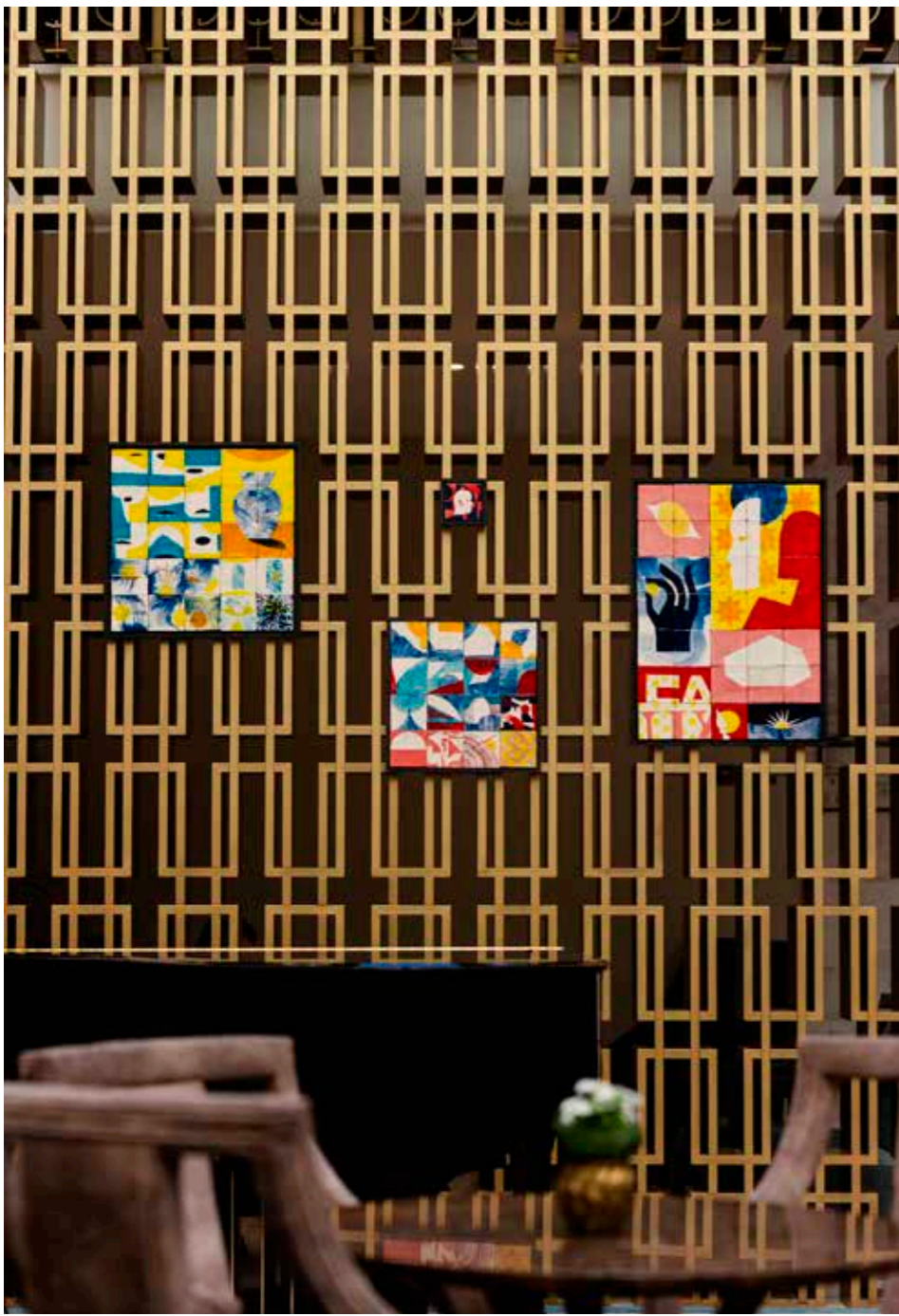
Já referente às cerâmicas, estas primeiras peças apresentadas como uma estreia absoluta, resultam de uma residência artística do mestre FELICIANO AGOSTINHO, na sua olaria em Viana do Alentejo. Apesar de alguma semelhança nos processos de criar o azulejo, na verdade as técnicas artesanais são muito diferentes, o que levou o artista, mais uma vez mergulhar num procedimento experimental e disruptivo. Partindo de uma leitura da tradição portuguesa, as cerâmicas ganham a partir do desenho e formas de pintar uma expressão contemporânea que vai beber também a linguagem formal dos projetos de street art que AKA KORLEONE nos habituou: perfis de cabeças corpos, mãos, pássaros, elementos arquitetónicos e vegetais, tudo num desenho de influência cubista.

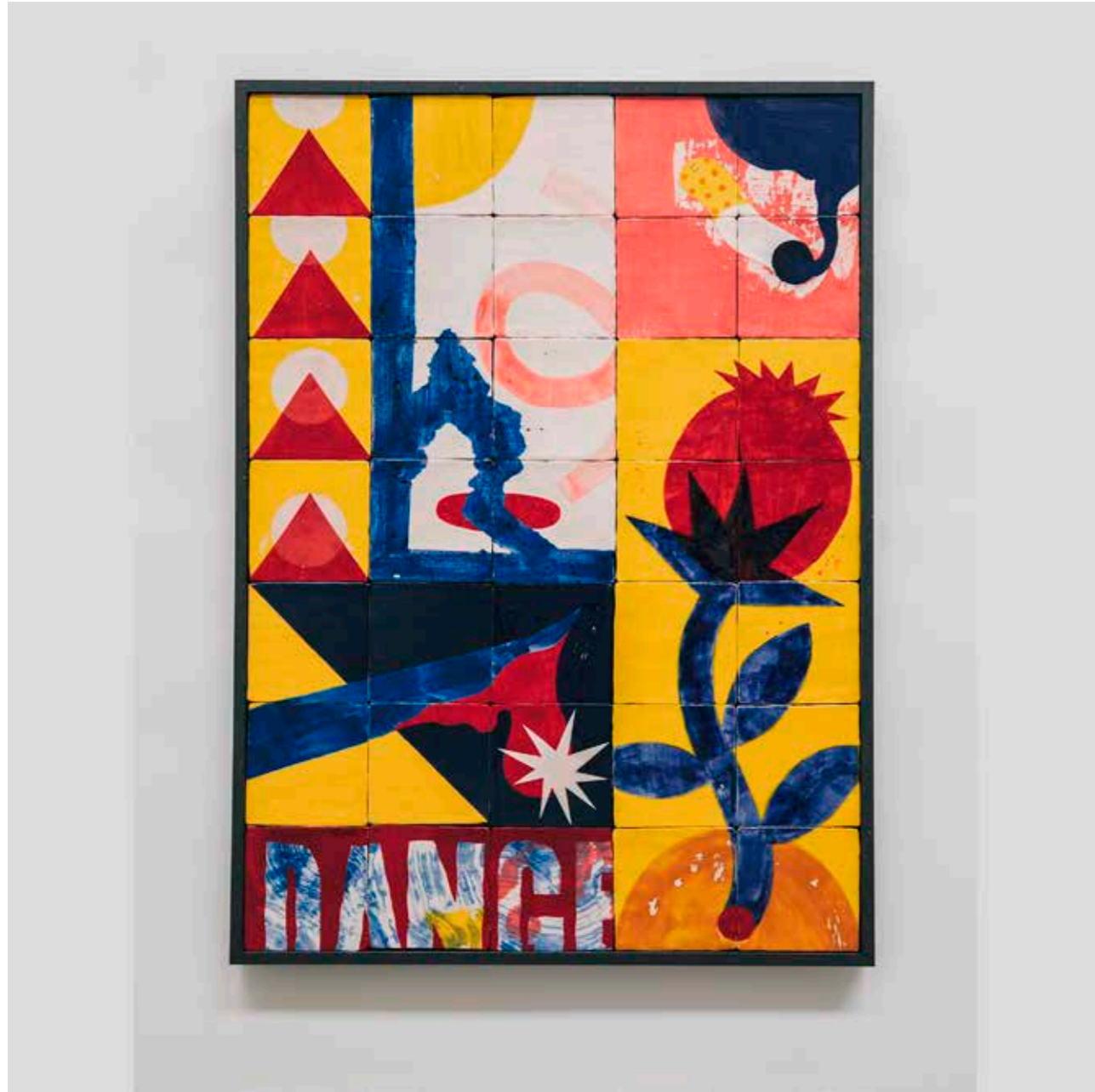
A par da composição que criou sobre a mesa do lounge do hotel, existem ainda fixos em suportes verticais alguns painéis de azulejos de pequenas dimensões e alguns papéis em aguarela de projetos preparatórios. Por estarem agrupadas por núcleo, estas obras, pedem um olhar mais íntimo, ainda assim, pela intensidade da cor e brilho do vidro, sobrevivem a grandeza do espaço central do hotel. É até curioso esse jogo de escalas, porque curiosamente foi pelo oposto, ou seja, a partir da grande dimensão dos murais que AKA KORLEONE ganhou um estatuto no meio da arte contemporânea.



ILLUSIONS  
OF CLAY, de  
AKACORLEONE  
Lobby do Tivoli  
Avenida Liberdade  
Até 12 de janeiro 2024









INÊS BARRETO foi a grande vencedora da última edição dos concorrentes ao prémio ModaLisboa x IED – Instituto Europeo di Design, distinção entregue durante a Lisboa Fashion Week. Actualmente a terminar o mestrado, INÊS BARRETO é formada em Design de Moda pelo Modatex, no Porto. Nas suas criações procura desenvolver particularmente os temas da mente e psique. Aborda a moda não só com um carácter pessoal e íntimo, mas também com o intuito de transcender a ideia de criar roupa, trabalhando sempre através de narrativas que canalizam a sua voz. INÊS BARRETO interessa-se pelos processos contínuos de criação, nos quais o foco não deverá ser a forma finalizada ou estanque, mas a aprendizagem, exploração e criação contínua através de ligações estabelecidas entre diferentes campos artísticos dos quais a artista retira influência.

Dos eventos que te inspiraste na tua última coleção, qual ou quais foram para ti os de mais importância? E porquê?

A minha última coleção foi motivada por diversos acontecimentos que, ao longo de 2022, me marcaram, principalmente, pela negativa. Se tivesse que reduzir a dois, seriam estes: a morte de VIVIENNE WESTWOOD e a eleição da Shein como a marca mais popular desse ano. Estes acontecimentos acabaram por motivar toda a narrativa da coleção, na medida em que vi o mundo pelo qual me apaixonei a desvanecer, e precisava de me re-apaixonar.

Qual o teu ponto de partida na criação do látex da tua coleção? E se é algo que irás continuar a explorar em futuras coleções?

As primeiras vezes que vi látex líquido a ser utilizado foi por artistas plásticos dentro do meu círculo de amigos, que utilizavam este material para as suas peças. Foi quando tive a oportunidade de visitar o atelier de escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, que uma amiga me mostrou amostras deste material, e comentamos que um casaco feito em látex seria algo incrível.

Quando o fiz para a minha coleção final no Modatex e mostrei os resultados ao meu coordenador de curso, ele encorajou-me a fazer mais e, desde então, ainda não parei. O meu objetivo não é prender-me a este material, porque ainda há muito que gostaria de explorar, mas é sem dúvida algo que ainda me vejo a fazer e a aprimorar, pelo menos enquanto me der gosto fazê-lo.

Com a tua coleção anterior *“Let’s Us Eat Cake”* o que estás a preparar para a próxima, que surpresas podem nos aguardar?

A minha próxima coleção será feita durante o meu mestrado e, por isso, estou entusiasmada por aprender e explorar novas técnicas, criando coisas totalmente novas, com acesso a outros tipos tecnologias. Tenho como objetivo tirar proveito desta oportunidade que me foi dada (e que muitos não têm) ao máximo! Por isso, acredito que é muito difícil desvendar o que aí vem, uma vez que vai ser o reflexo de toda a mudança que irá acontecer nos próximos meses da minha vida.

Como jovem criadora, o que sentes falta neste país, na indústria da moda/têxtil?

Ao longo deste último ano que passou, tenho tido a oportunidade de observar o mundo da moda em Portugal num âmbito mais próximo. A conclusão que tenho vindo a retirar é que há pouca hipótese de um jovem criador ser pago pela sua arte, seja por compras, seja por trabalhos remunerados.

Acho que numa fase inicial é-nos muito imposto que “borlas” são normais, o que vai desde trabalhos muito mal remunerados (e muitas vezes nem o são), a empréstimos de roupa, que se pode estragar, perder, ou nunca ser devolvida.

Acredito que a exposição é, para artistas nas diversas fases da carreira, usada como moeda de troca. Entendo que seja necessário, mas penso que a falta de equilíbrio entre visibilidade e valorização faz com que começar uma carreira nesta área só seja possível para os privilegiados – quer do background da sua família, ou das agências com quem trabalham, etc.

Diz-me três coisas que mudarias na Indústria da Moda em Portugal.

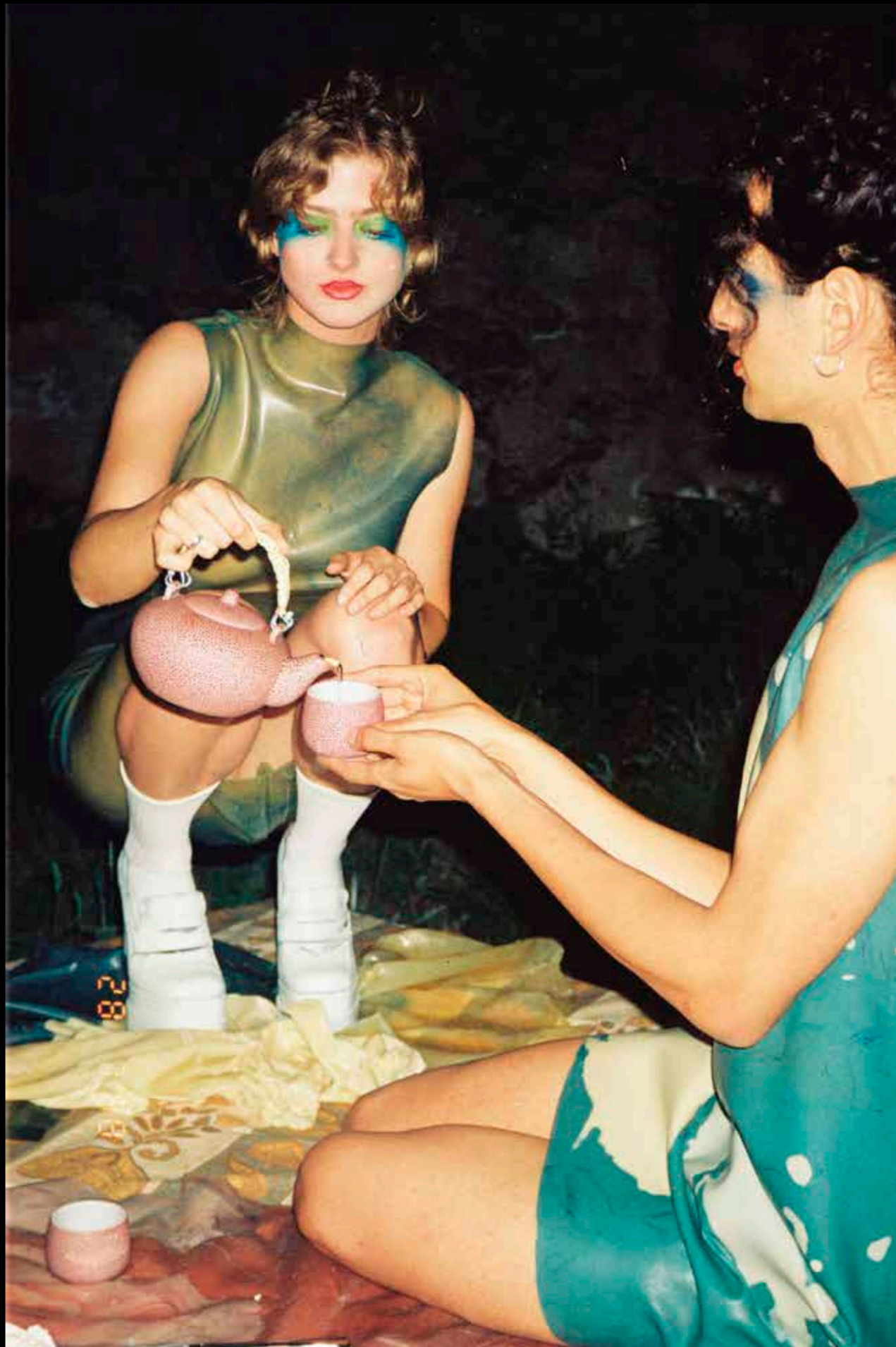
A resposta a esta pergunta não é fácil de dar: acho que há muita coisa que deveria ser diferente tanto em Portugal como no mundo, e tanto na moda como noutros setores. No entanto, acho importante destacar que, numa altura em que muitos jovens (e não só!) sofrem com a crise habitacional um pouco por todo o país, investir em moda de autor é a realidade de muito poucos em Portugal.

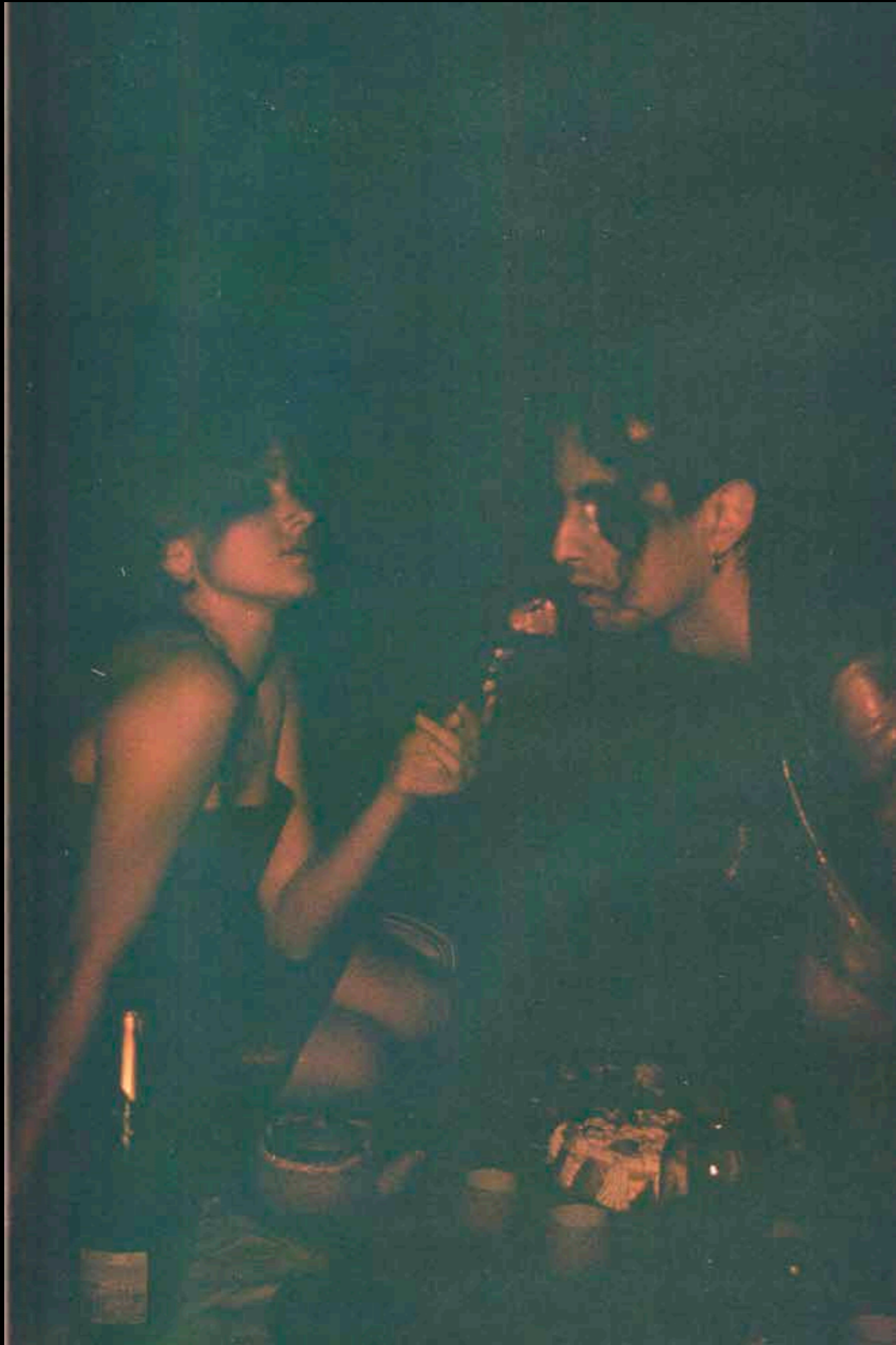
Por outro lado, sinto que, por vezes, o designer se “perde” no processo de divulgação, o que vai desde não sermos creditados em redes sociais, ao risco que corremos quando emprestamos as nossas criações para uma shoot ou um evento.

Finalmente, não só no âmbito da moda, mas da cultura e arte em geral, sinto que os apoios dados às artes são muito limitados e, embora eu tenha tido a sorte de ter o meu talento reconhecido e apoiado, as oportunidades são poucas, pelo que não vejo o mesmo a ser possível para colegas meus com muito talento.

Com as atuais alterações climáticas que a humanidade enfrenta, e sendo a indústria da moda uma das mais poluentes. O que gostavas de poder melhorar?

Sinto que um dos maiores problemas que enfrentamos atualmente passa pela fast fashion e pela forma como é disseminada nesta “era do TikTok”. Poderia falar dos desterrós e das estatísticas do aumento dos números do fast fashion, mas a verdade é que antes de olharmos para estes gigantes responsáveis pelo dano causado ao nosso planeta, é importante refletirmos e olharmos também à nossa volta. Sinto que o consumismo extremo está presente no nosso dia-a-dia, e é cada vez mais banalizado por, nomeadamente, influencers. Como resultado das redes sociais, somos influenciados a comprar sempre mais, e a seguir certas trends em vez de descobrir o nosso estilo e usar a nossa criatividade para maximizar o uso que damos a uma única peça.

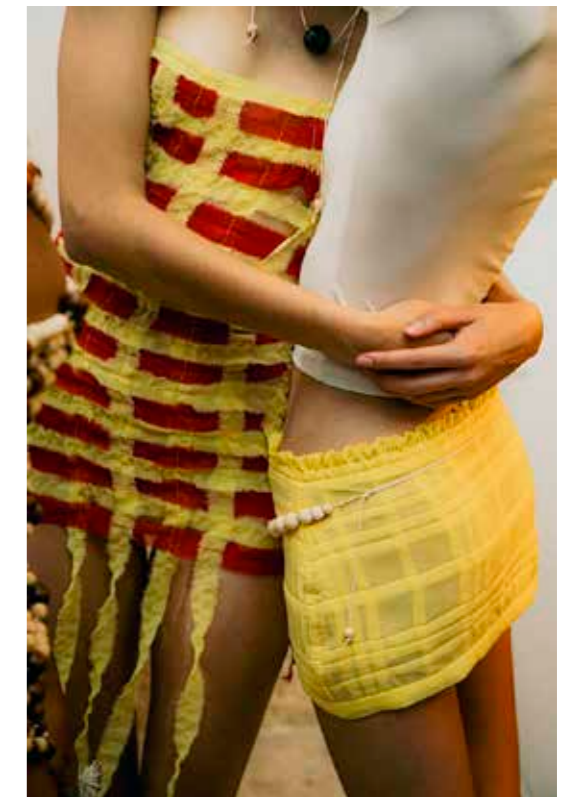








SANGUE NOVO NA  
MODA LISBOA



Cada ano, a ModaLisboa destaca dez dos designers mais prometedores da nova geração do país. Esta edição SS24 revelou um elenco fresco e diversificado do qual foram selecionados seis finalistas: BÁRBARA ATANÁSIO (@barbara.atanasio), ISZA (@i.s.z.a.), MARIA DO CARMO STUDIO (@mariadocarmostudio), GABRIEL BANDEIRA (@gabriel.srb), DIOGO MESTRE (@mestre\_studio) e ÇAL PFUNGST (@calpfungst), que divulgarão uma nova coleção em Março.

A Parq apresenta-vos cada um dos seis talentos, reflexo do potencial, da criatividade e do entusiasmo da moda emergente portuguesa.

texto —————> **Flora Santo**  
fotos —————> **Kelly Palma e ModaLisboa**

À descoberta do universo de MARIA do CARMO STUDIO, com uma coleção impregnada de amor pelo verão, pela feminidade e pela Ilha da Madeira, terra Natal da criadora.

Quais foram as inspirações para a tua coleção? Para esta coleção a inspiração foram três conceitos especiais. Foi a reinterpretação de padrões tradicionais, tipo Kriss Kross e Argyle, padrões que encontramos regularmente nas roupas há bastantes anos. Foi reinterpretar também staple pieces de verão: t-shirts, mini saias, vestidos... E foi criar peças que podem ser reproduzidas por mim com alguma facilidade e vendidas. Estou numa fase de crescimento da minha marca e quero expandir. É o mais importante para mim. Expandir, começar produção, ter equipa, etc.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca. Hiper feminina, sem pretensões; Não quer ser nada do que não é; É ingénua, de certa maneira.

Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais? Referente aos portugueses, são definitivamente os designers emergentes. Adoro o trabalho da CONSTANÇA ENTRUDO. Mas designers emergentes é o pessoal que eu gosto mais. Estão a fazer coisas que considero super inovadoras e divertidas.

O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa? Continuar a inovação, criatividade, abrir horizontes. Temos muito pessoal criativo aqui neste país e temos plataformas de divulgação, e só é preciso continuar a dar esse espaço a pessoas como nós.

BÁRBARA  
ATANÁSIO

*New Blood*

A EXPLORAÇÃO  
DO DÉJÀ VU



Encontro com BÁRBARA ATANÁSIO cujo o trabalho oferece uma reflexão sobre a descoberta de um país já admirado e do seu quotidiano

Quais foram as inspirações para a tua coleção? A minha maior inspiração foi uma viagem que eu fiz ao Japão. O conceito derivou tudo a partir daí. Nessa viagem nós temos muito aquela expectativa do que é que vai ser, depois quando chegamos lá na realidade temos dois mundos que estão em dualidade entre si, que é a realidade e o que nós tínhamos achado que ia ser. E então nós vivemos quase um déjà vu constante. Especificamente, eu inspirei-me na Fruits Magazine, que é uma revista japonesa, no estilo de Harajuku e nos anos 90.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca. Eu acho que a minha marca quer experimentar, quer acolher os novos desafios - por exemplo, quer ser sustentável, quer inventar ao máximo, ir sempre

crescendo com os desafios que nos são lançados. E eu acho que quer ter piada e fazer com que as pessoas se sintam bem.

Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais? Há muitos designers, eu acho que estou sempre a mudar. A energia dos jovens designers inspira-me muito, como por exemplo as designers por detrás da marca CHOPOVA LOWENA.

O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa? Eu desejo que seja mesmo preparada para levar este passo em frente, para conseguirmos continuar a poder fazer o que queremos porque se continuarmos desta maneira, não vai a lado nenhum. Portanto queria mesmo que fôssemos pioneiros nisso, até porque nós temos uma indústria muito boa, com muita capacidade e eu acho que é essencial conseguirmos pegar nisso para levar este passo em frente.

ISZA

*New Blood*

A BELEZA BRUTA  
DO QUOTIDIANO



Encontramos em ISZA uma coleção virada para o futuro, inspirada nas tecnologias que a rodeiam.

Quais foram as inspirações para a tua coleção? A minha inspiração vem muito da minha rotina. Eu sou uma pessoa extremamente visual: tudo que está a minha volta, eu sinto a necessidade de canalizá-la, no geral para a arte mas essencialmente para a moda. Tudo o que eu vejo captura o meu olho e eu penso logo em formas de transformar em roupa. Eu comecei a reparar que na minha rotina eu fazia muitas viagens de Braga para o Porto então estava sempre rodeada de comboios, metros, e passava muito tempo à espera deles também. Começava a observar o meu redor e acho que foram esses tempos que me deram a inspiração. Eu inspiro-me muito no visual, nos materiais, nas fotos que eu tiro destes ambientes. E estes ambientes, os comboios, maquinaria, indústria, construção, levaram-me a envolver a tecnologia, este mundo de engenharia e mecânica, por isso também usei impressão 3D.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca. Rebelde, audaz e livre.

Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais? O que vem primeiro à cabeça é o RICK OWENS, sem dúvida, acho que é a minha principal inspiração.

O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa? Eu desejo que as pessoas que vêm a moda reparem quando aquilo é verdadeiro e eu acho que quando um designer faz um trabalho verdadeiro, as pessoas também o sentem. Acho que, essencialmente, isto também define a beleza da moda. Mas também temos que pensar na parte sustentável, hoje em dia, que é o que o Sangue Novo faz, e por isso temos que aliar estas duas coisas: uma moda verdadeira e consciente.

GABRIEL  
BANDEIRA *New Blood*

DARK WORLD



Descobrimos a coleção do Gabriel Bandeira, intitulada "In (a) Wolfskin" que reflete sobre a dualidade que existe no ser humano.

Quais foram as inspirações para a tua coleção? Principalmente foram três filmes que eu vi, o "Basketball Diaries", "John Q" e "Goya". Tem essa ideia da dicotomia entre uma pessoa que tem um núcleo que é bom, mas ela é forçada a tomar decisões ruins. Mas o que me inspirou bastante também foram artes plásticas e música.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca.  
Coolness, arte e família. Não família - relacionamentos.

Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais?  
Acho que Carol Christian Poell e Ann Demeulemeester.  
O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa?  
Crescimento e expansão.

MESTRE  
STUDIO

*New Blood*



Revelamos o mundo poético do Diogo Mestre, uma carinhosa ode à infância

Quais foram as inspirações para a tua coleção? As inspirações da minha coleção remetem muito à infância. Quando comecei a desenhar a minha coleção, comecei a pensar no que é que me definia enquanto designer e percebi que infância tinha uma influência grande sobre a minha estética. O pijama abre a coleção pelo sonho e a partir daí podemos sonhar livremente. Entram as malhas, fazem referência aos ursinhos de peluche, e eu tentei ser o mais brincalhão possível e ser algo que fosse usável e que fosse apetecível, que quiséssemos mexer. E a referência ao Alentejo, donde eu sou, aparece com as malas.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca.  
Interativa, colorida e playful.

TEMPLO  
DOS SONHOS



Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais?  
Eu acho que enquanto fui crescendo adorava Alexander McQueen. Mas, acho que de momento a pessoa com quem me identifico mais é o J.W. Anderson.

O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa?  
Eu acho que nós somos o futuro de que a moda portuguesa precisa. Sangue novo, jovens designers, são o que vai trazer frescura e que vai fazer com que sejamos ouvidos e com que Portugal seja relevante ao nível de moda.

*New Blood*

O PIQUENIQUE  
SURREALISTA

Olhamos para o universo teatral de ÇAL PFUNGST no qual se cruzam questões existenciais, influências absurdistas e roupas com poder transformador

Quais foram as inspirações para a tua coleção? Eu estava a ler *The Carrier Bag Theory of Fiction* que refere que as mochilas, ou os sacos, vieram antes da espada. Antes de matarmos para comermos, fazíamos sacos, entrelaçávamos coisas para poder pôr o que recolhíamos da natureza. Isto para mim foi muito potente e levou-me a criar um herói cuja a arma é a roupa. Outra inspiração é o *Piquenique no Campo de Batalha* do FERNANDO ARRABAL. O seu teatro pânico, assim como os absurdistas e os surrealistas influenciam-me muito. Nessa peça de teatro temos uma família que vai visitar um soldado ao campo de batalha e fazem um piquenique. Ora o piquenique no século XIX era uma novidade reservada a alta sociedade que incluía comida, bebida e jogos. Faz-me pensar como é que algo tão simples e agora tão comum pudesse ser visto como um privilégio e essa questão inspirou-me. Uso, então, o piquenique e o jogo como um pano de fundo figurativo, literal nas bases do vichy, que aparecem como metáfora para a vida. Todos escolhemos passatempos e cada um com o seu placebo enquanto o fim do mundo acontece.

Interessa-me muito criar estes objetos ambíguos passíveis de leitura abrangente, uma condução semiótica. A história deste particular jogador de xadrez que também é príncipe e uma bruxa e uma sandes, é parte do mundo que tenho dentro da cabeça traduzido em objetos que dão leituras múltiplas. A coleção começa com veludo noturno e fofinho, uma abstração de dominós, passa por lagartixas e aranhas cromadas em céus azuis e de tempestade, num mundo natural antes e depois de nós e acaba num alumínio frio e brilhante com que embrulhas as sandes para o piquenique. Chamei-lhes *Sandes de Faraday*.

Dá-nos três palavras-chaves para definir a tua marca.

Surrealismo, arte, e ao mesmo tempo cuidado. O lado de cuidar é muito importante. O lado transformador é importante também. Para mim a cena mais fixe quando estás a vestir a minha roupa é sentires-te diferente, é sentires-te transformado ou sentires-te preparado para outra coisa. Como se fosse uma roupa de super-herói. Havia uma roupa que parecia de feiticeiro e o modelo transformou-se noutra pessoa, tornou-se numa personagem deste meu mundo.

Quais são os designers, portugueses ou estrangeiros, que te inspiram mais?

Tem de ser YOHJI YAMAMOTO, DRIES VAN NOTEN, SACAI, UNDERCOVER, VIBSKOV, COMME DES GARÇONS.

O que é que desejas para o futuro da moda portuguesa?

Espero um futuro auspicioso em que as pessoas vejam a moda como arte, deem valor à peça, deem valor a estas coisas que eu defendo: desta roupa que transforma, que te pode preparar para coisas. Acho que é importante isso também: roupas mais arrojadas e divertidas, mas que sejam confortáveis.





# L'OBJECT OFICINA MARQUES

A L'OBJECT, uma marca de luxo, de objetos de interiores e fragrâncias, juntou as suas forças criativas a portuguesa OFICINA MARQUES, estúdio multidisciplinar de Arte e Design, para criar Botânica, uma edição limitada de 20 velas.

Por ser uma edição limitada, estas velas encontram-se apenas nos pontos de venda exclusivos da L'OBJECT: As lojas em Paris e Nova Iorque, o espaço exclusivo nos armazéns Harrods em Londres e no site de vendas online em *l-objet.com*.

Detalhes técnicos

Dimensões: 23 cm x 20 cm aprox.

Material do recipiente: Grés com vidro

Material da vela: Cera 70% mineral, 30%

vegetal Volume: 4300 gramas

Tempo aproximado de queima: 350 horas

PVP: 1200 Euros

texto —————> **Maria São Miguel**



# BYD DOLPHIN

O DOLPHIN, o ágil e versátil hatchback 100% elétrico da BYD chegou recentemente a Portugal. Encontra-se disponível no mercado português em quatro versões: *Active, Boost, Comfort e Design*. O BYD é uma marca que aposta numa condução ecológica procurando tornar a mobilidade elétrica de alta tecnologia acessível a mais consumidores.

O DOLPHIN é um veículo com autonomia 100% elétrica de até 427 km (ciclo combinado WLTP), dependendo da versão. Este novo modelo tem 4290 mm de comprimento, 1770 mm de largura, 2700 mm de distância e uma bagageira com 345 litros de capacidade. As versões *Active e Boost* têm uma bateria LFP de 44,9 kWh que pode ser associada a um motor com 70 kW (95 cv) e 130 kW (176 cv), respetivamente. A versão *Active* tem autonomia para 340 km e a *Boost* 310 km. A campanha de lançamento do modelo, atualmente em vigor até ao dia 30 de novembro, conta com a oferta de +2.000€ na retoma da viatura.



Este modelo é um dos quatro finalistas na corrida pelos prémios AUTOBEST 2024.

Relativamente a preços, a versão *Active* do BYD DOLPHIN está disponível a partir de 29.990 euros. A versão *Boost* custa desde 30.690 euros e as versões *Comfort e Design* podem ser adquiridas, respetivamente, desde 35.690 e 37.690 euros.

texto —————> **Maria São Miguel**

# iMac

Há algum tempo que se esperava que a Apple atualizasse o seu iMac. Este computador "all-in-one" passa a usar todas as novidades do SoC M3. Isso traduz-se em mais potência, mais eficiência num ecrã de trabalho grande. A renovação do iMac permite-lhe ter suporte para até 24 GB de RAM e 2 TB de armazenamento. O novo SoC permite que apps de produtividade sejam executadas até 30% mais rapidamente. Para os criadores, o novo chip permite até 12 streams de vídeo 4K, e o Adobe Photoshop também deve processar fotos até duas vezes mais rápido. Também suporta Wi-Fi 6E.

Visualmente, o iMac de 24 polegadas não muda nada. Ainda vem em sete cores: verde, amarelo, laranja, rosa, roxo, azul e prata. Com 11,5 mm, ainda é fino.



texto —————> **Maria São Miguel**

# SUTRO

Os OAKLEY *Sutro* trazem para as tendências de moda uma redefinição visual dos tradicionais óculos de desporto. Inspirada nas necessidades dos ciclistas, esta lente altamente envolvente cria um visual forte, responde a um desejo de óculos cada vez mais volumosos. Versáteis com um carácter vintage este modelo oferece ainda uma visão com a tecnologia *Prizm™*.

texto —————> **Maria São Miguel**



# BAREFOOT

MERRELL dá destaque à sua linha *Barefoot*, uma linha que assenta num movimento minimalista que consiste em andar ou correr com calçado específico que proporciona máximo contato com o terreno para uma passada mais natural, com uma sensação de quase andar descalço.

texto —————> **Maria São Miguel**



## PURO SANGUE

Envolvente e cativante, MUSGO REAL *Puro Sangue Eau de Toilette* encarna o magnetismo e a força nobre do Puro Sangue Lusitano. Este cavalo, considerado por muitos um dos mais belos do mundo, serviu de inspiração para a criação de uma fragrância que aquece a alma, com notas contrastantes e ousadas como a violeta, o couro e o cedro. A nova linha MUSGO REAL *Puro Sangue* é composta por uma eau de toilette e três sabonetes, em diferentes tamanhos e formatos.

texto —————> **Maria São Miguel**



## LOEWE ELIXIRS

A coleção LOEWE *Elixirs* é uma nova linha da LOEWE Perfumes, que se traduz numa evolução de duas das suas fragrâncias icónicas da coleção Arco-Íris Botânico da marca que foi sendo lançada a partir de 2020. O que é proposto agora são duas novas fragrâncias com um nível de concentração excepcionalmente alto de 30% de óleos essenciais, criando um perfume que deixa um significativo rastro.

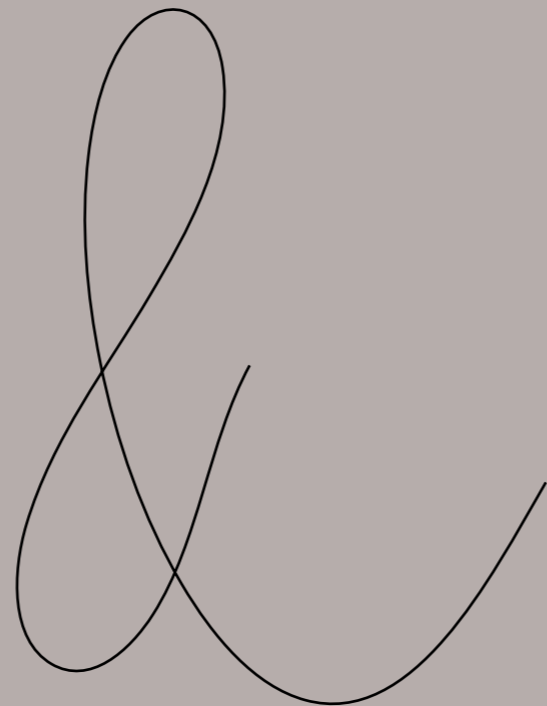
O *Elixir* feminino amplifica os aspetos olfativos únicos de LOEWE *Solo Ella* EDP, e temos um perfume inspirado no pôr do sol que equilibra acordes frutados, florais e picantes para combinar notas de pêra, tuberosa, sândalo e almíscar, o que se traduz numa fragrância delicada e cheia de nuances.

Já o *Elixir* masculino evolui na profundidade e na complexidade da LOEWE *Esencia* EDP. Singular e robusta, esta fragrância mistura aromas amadeirados com notas esfumaçadas de couro, patchouli, vetiver e âmbar para criar um impressão masculina.

texto —————> **Maria São Miguel**



# PEDRO COSTA



# CLEAN FEED RECORDS

A CLEAN FEED RECORDS é a única editora portuguesa de música com projecção internacional. A editora de jazz de vanguarda, agora sediada na Parede, existe desde 2001 e lançou mais de 650 álbuns de músicos de renome americanos e europeus e claro, portugueses.

Em média edita 40 álbuns por ano, é obra... e não há revista, site ou diretor de festival de jazz no mundo que não conheça a CLEAN FEED RECORDS.

PEDRO COSTA é o fundador da CLEAN FEED e é também curador de festivais de jazz pelo país fora, organizador de conferências, dá "aulas" a putos no Seixal sobre música improvisada e é convidado a assistir a festivais de jazz no estrangeiro. É uma voz respeitada no jazz contemporâneo porque anda nisto há muito tempo...

Há quanto tempo PEDRO COSTA?

Eu comecei a comprar discos com 8 anos e já na altura gostava muito de editoras. Com 12 ou 13 anos, o que eu queria fazer da vida era ter uma editora. Depois comecei a trabalhar nos discos em 88 ou 89, sempre naquela ideia que fazer uma editora era o caminho a seguir.

Qual foi o primeiro disco de jazz que te bateu?

Foi o *Rejoicing* do PAT METHENY e o *Blue* do TERJE RYPDAL, foi o meu amigo GONÇALO CANELAS que me emprestou e aquilo foi uma revelação. Eu já tinha ouvido jazz, aliás a primeira vez que eu ouvi jazz ou algo parecido com jazz foi o JOE JACKSON no *Jumpin Live*. Eu fiquei: "epá... eu gosto disto, gosto desta cena dos saxofones, dos trompetes e dos trombones... tive a minha vida inteira à espera para ouvir isto."

Trabalhaste em lojas de discos, atender ao público valeu-te de alguma coisa? Valeu... fiz muitos amigos, permitiu-me conhecer outras coisas, trocar ideias e também era um sonho que eu tinha, trabalhar numa loja de discos.

Da loja da música à Fnac, vendeste muitos maus discos, confessas? Muitos e maus... quando trabalhei na loja da música em finais de 80, princípio de 90, era os ENIGMA, ENYA, PHIL COLLINS, o RUI VELOSO MINGOS E SAMURAI... aquilo era sempre a despachar.

Entretanto tiveste a tua loja de música, a TREM AZUL, em 2004. Porque é que tu achas que a loja não resultou? Vocês estavam no Cais do Sodré, centro de Lisboa... Aquilo funcionou, estivemos lá 10 anos... só que pagávamos mil euros quando começámos e no fim eram três mil e isso já não dava para nós. Quando pintaram a rua de cor-de-rosa, acabou.

Criar uma editora de música, parece-me algo arriscado, já o era aliás há 20 anos... o que é que te deu? Eu sempre quis ter uma editora de música. Em 2000 fui a NYC com uns amigos e fiz lá uns contactos para fazer a primeira gravação.

Qual foi esse primeiro disco? Foi o *Implicate Order*, do STEVE SWELL, com o KEN FILIANO e o LOU GRASSI. O RODRIGO AMADO e o PAULO CURADO entraram em dois temas nesse disco que foi um concerto no Seixal que gravámos.

E dentro do jazz, tu tens particular apetência pelo free jazz... O pessoal gosta de usar esse termo mas o free jazz é como chamar música clássica à música erudita, é um período da história.

Mas como é que se entra nesta música? O free jazz é uma música desconfortável mas arrebatadora. É algo que puxa por nós... é uma música livre e é humana porque um improvisador quando improvisa traz tudo com ele, as músicas que ouviu, as guerras por onde passou, os desconfortos, as alegrias, tudo...

A CLEAN FEED tem bastante reconhecimento internacional, aparece frequentemente referenciada nas revistas e sites de jazz, o que a distingue? O que nos distingue é a prospecção... editamos discos de coreanos, chineses, colombianos, chilenos, franceses, noruegueses... Nós seleccionamos de um espectro mais vasto que a maior parte das editoras.

Mas há um som CLEAN FEED? Eu espero que não.

Quem é que tu gostavas mais que entrasse no catálogo internacional? Com quem é que gostavas de gravar? Eu gostava de gravar outra vez o STEVE LEHMAN,





gostava de voltar a gravar o KEN VANDERMARK, gostava de editar discos do MATS GUSTAFSON.

E se o JAMIE CULLUM ou a NORAH JONES quisessem editar pela CLEAN FEED. Eu? Tás doido ou quê? Não.

Mas e se o manager da NORAH JONES insistisse?

Nem lhe respondia... eu não tenho interesse nenhum nisso... e nem é preciso ir tão longe como a NORAH JONES, já tive propostas de pessoal famoso e não editei porque a música não me interessa. Quando eu comecei houve um crítico que, como sabe que eu sou teimoso e gostava das coisas que gostava, disse-me logo... "agora que tens uma editora vais ter que editar coisas que não gostas"... Mas quer dizer, agora vou ter uma editora para editar coisas que não gosto?! Isso não faz sentido.

O que é a SHHPUMA?

A SHHPUMA é a editora curada pelo TRAVASSOS para coisas que não são jazz. A SHHPUMA é muito variada, é mais variada até que a CLEAN FEED. O TRAVASSOS programa também o *Festival Rescaldo*, que teve na Culturgest durante anos mas agora está por vários sítios como o CCB e o MAAT. A ideia da música que a SHHPUMA edita foi porque na loja durante 10 anos havia uma sala de ensaio e apesar de eu chamar o pessoal do jazz para lá ir tocar e ensaiar... eles nunca apareceram. Quem aparecia era o DJ RIDE, o SAM THE KID, o TIAGO SOUZA, o FILIPE FELIZARDO, o NORBERTO LOBO, a JOANA SÁ e a malta do free jazz... o RODRIGO AMADO, o GABRIEL FERRANDINI e o PEDRO SOUSA. E isso foi a incubadora da SHHPUMA.

Entretanto tu também foste curador de festivais por esse país fora, como é essa experiência? Um concerto em Coimbra é diferente de Lisboa?

É, claro... para já é diferente porque é diferente para mim: Se organizar um concerto fora de Lisboa estou a sair da minha zona de conforto. Mas o próprio público também é diferente. Por exemplo, no Porto é um público muito caladinho, os músicos só no fim do concerto é que percebem se a malta gostou ou não gostou. Lá o pessoal é muito bem comportado e isso é sui generis mas são bons ouvintes e gostam de ir a concertos de música mais arriscada.



Não há nenhum clube de jazz em Lisboa... deve ser a única capital europeia em que isso acontece, não?

As salas de concertos e clubes de jazz que existem na Europa são todos apoiados. Os músicos vão tocar a festivais e nos outros dias da semana, já que estão nessas cidades, dão concertos em clubes para preencher a semana. Em Portugal estamos completamente fora do circuito da Europa Central. Se um músico estiver na Áustria pode ir tocar à Alemanha ou à Polónia... É uma questão geográfica e de apoios.

O *Festival Causa e Efeito* que aconteceu este verão na Universidade Nova, e que incluiu concertos e palestras, é para repetir?

É para repetir sem dúvida! Foi um desafio que foi lançado para fazer um festival com uma ligação forte à CLEAN FEED. O tema deste festival é a igualdade de género e a utilização de instrumentos improváveis na improvisação e isso foi uma coisa que foi sendo construída sem grande consciência. A ideia é mostrar a improvisação com eletrónica, com giradiscos, com pedal steel guitar, com lusofone, com acordeão... Fazer um festival igual aos outros não era uma coisa que me interessasse. Queria fazer uma coisa atual, com jazz actual e a tal utilização de instrumentos improváveis. E as mulheres têm felizmente um papel importante nessa música porque trazem uma forma de tocar bastante diferente. Hoje até é possível fazer jazz e música improvisada sem solos, sem recorrer aos solos... o que é uma coisa incrível. Portanto começamos a despir o jazz das características toda... do swing, do solo, do homem branco a tocar sax tenor, e partimos para outra coisa... O violino de Ardenger, a sanfona, o harmonio... Outra coisa importante é o jazz ter saído da forma e no entanto continua a ser jazz na mesma... é difícil de dizer porquê... mas é a atitude perante a música que a torna o jazz. A atitude exploratória, do risco embora essa atitude não tenha só a ver com a música orgânica.

E depois há essa ideia dos putos no Seixal?

Como é isso de ensinar jazz aos miúdos?

É muito giro. É algo que faço desde 2001. Agora vou com o HERNÂNI FAUSTINO e o PEDRO SOUSA. Na primeira parte eu falo sobre a história do jazz, mostro uns vídeos, desde o princípio das canções do trabalho, o blues e por aí fora, o jazz propriamente dito, as várias correntes... E na segunda parte, os músicos vêm, eu distribuo os instrumentos da escola pelos alunos porque eles só tocam flauta nas aulas. No princípio eles traziam todos as flautas mas agora já não trazem e utilizamos xilofones, metalofones, caixas chinesas, pandeiretas, tamborins e eu dirijo a orquestra a tocar estes instrumentos e faço jogos com eles e os músicos improvisam por cima daquilo.

Como é que os miúdos reagem?

Eles ficam doidos! Os miúdos adoram essa coisa de soltar as amarras de inventar a coisa no momento, de tirar som de um instrumento que nunca tocaram antes e que não sabem muito bem como é que se toca.

Vives na Parede, praia, a smup, crianças... não trocavas isto por nada... és um menino da linha?

Sou pois.

Sempre foste ou houve uma altura que querias ir viver para Lisboa?

Eu vivi em Lisboa 2 anos mas eu gosto muito disto... Lisboa está sobrecarregada de coisas, qualquer coisa que faças lá é mais uma... eu gostava de ter um clube era aqui! Quanto a menino da linha, beto e tal... Não me identifico com isso e é algo que eu sempre quis mudar nesta zona. Esse paradigma do surf, do sol, do dinheiro, das cunhas... infelizmente a Câmara de Cascais e de Oeiras são câmaras muito atrasadas. No que toca à cultura, não percebem a importância. Não dá pra ter festivais de verão e apresentar aquilo como o programa cultural como fazem Cascais e Oeiras. Há uma diferença entre o entretenimento, que é uma coisa importante e que deve continuar mas a arte em si é uma coisa muito diferente disso... A arte é que faz mudar e faz evoluir o mundo.

Como é que tu, como dono de uma editora, lidas com as plataformas de streaming e este novo modo de ouvir música?

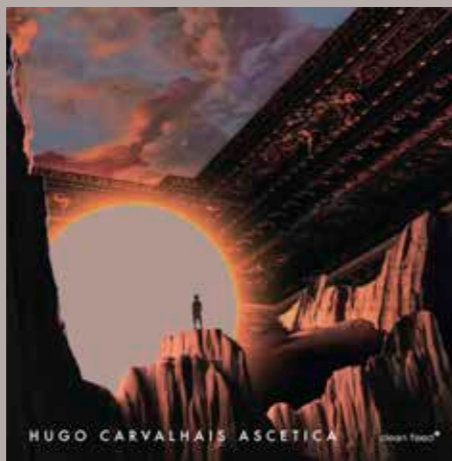
O Spotify serve para as pessoas poderem ouvir um disco antes de comprar por exemplo. Não é tudo mau... mas a verdade é que não rende nada. Para nós como editora é residual o que faturamos com o streaming. Se há 20 anos atrás nos dissessem que podes ter toda a música do mundo e pagas 50 euros por mês, isso era uma loucura. Mas hoje em dia faz-se isso mas paga-se 7 euros. O dinheiro é dividido em 3 partes, a editora, o artista e o Spotify e a parte do Spotify é quase limpinha. Quem é que gravou o disco? Quem é que andou a ensaiar? Quem pagou o estúdio? O Spotify ganha um terço de todas as músicas que lá tem e 33% é uma margem brutal para quem pouco ou nada fez... o Spotify conta que os discos continuem a ser gravados, os estúdios continuam a funcionar mas se não for rentável deixa de haver música nova e é uma coisa triste se algum dia deixar de haver música nova.

Ouço muitas vezes que.. "Já ninguém ouve álbuns, o que está a dar são músicas..."

Sempre foi assim, o PEDRO TENREIRO apontou e muito bem que a música antigamente eram singles. O álbum começou nos anos 50, o CHARLIE PARKER nunca gravou um álbum por exemplo. Os primeiros discos dos ROLLING STONES não são álbuns, são compilações de singles. A ideia do álbum é uma coisa mais ou menos recente.

O que é um Clean Feed?

Clean Feed é um termo usado em vídeo que significa alimentar um sinal puro. E isso é algo que facilmente se relaciona com a música e com esta música em particular. Nós não temos um trabalho de produção, eu não produzo discos no sentido de estar na mesa de mistura, de ter ideias para sobrepor instrumentos ou fazer pós-produção. Aqui a ideia é um sinal puro, é a música vir dos músicos para os ouvintes.



3 Discos essenciais da CLEAN FEED?  
*All is Gladness in the Kingdom* dos FIGHT THE BIG BULL que é um disco brutal. *Devils Paradise* do GERRY HEMINGWAY, em quarteto, que foi o disco que lançou a CLEAN FEED internacionalmente, e o *Beautiful Existence* do JOE MORRIS.

E no futuro próximo, o que poderemos esperar da CLEAN FEED?

Vem aí o PER ZANUSSI com a VESTNORSK JAZZ ENSEMBLE que é um ensemble de jazz de 13 músicos da zona de Bergen, no noroeste da Noruega. Vou também editar o ARUAN ORTIZ num disco com o DON BYRON, o LESTER SAINT-LEWIS... É um quarteto com voz e tem uns rappers, é uma obra conceitual sobre as raízes da música afro-americana. E por fim vamos editar o TRESPASSE TRIO, do MARYIN KUCHEN, o PER ZANUSSI e o RAYMOND STRID com a SUSANA SANTOS SILVA e o NATANIEL EDELMAN.

Não há uma rádio para o teu som?

Não sei até que ponto teria interesse uma rádio de jazz. É como um festival, eu acho mais interessante haver um festival que tenha também jazz do que um festival de jazz... bom é ouvir o jazz misturado com as outras músicas. Eu acho que o importante é misturar as coisas, é estarmos a ouvir rádio e estarmos a ouvir os PINK FLOYD ou os ROLLING STONES e depois vem uma música do KEN VANDERMARK ou dos ANGLES... e depois vêm os KING CRIMSON e depois o MADLIB... é uma forma das pessoas conhecerem outras coisas.

Sentes-te velho?

Já me senti mais novo.

Tu tens um filho adolescente e vês como é que o teu filho lida com a música e com a vida...

O meu filho é muito mais esperto que eu e é obrigação dele ser melhor do que o pai, a obrigação que nós temos é ser sempre melhores que os nossos pais. Quando estamos no carro, ele vai ver ao Shazam o que é, nem me pergunta nada e mete as músicas na playlist dele. E é giro mais tarde ele pôr uma música do LITTLE RICHARD ou dos ROLLING STONES, músicas que naturalmente não são da sua geração.

Tu editas na CLEAN FEED em vinil, como é que vês este novo hype do vinil?

Esses números do vinil que ultrapassou o CD, esses números têm a ver com as reedições de BLACK SABBATH, dos PINK FLOYD, dos ROLLING STONES dos BEATLES, dos DIRE STRAITS, dos LED ZEPPELIN, dos DEEP PURPLE, mais do que têm a ver com realmente as pessoas ouvirem os discos. Muita gente compra os lps e mete na prateleira fechadinho e depois vai ouvir no digital. E os discos novos vendem-se muito pouco... isto é um engano... porque os músicos quando vão em digressão não podem ir carregados de vinis, levam poucos e o que vendem é os CDs. O CD continua a ser um formato com boa qualidade de som, muito mais portátil, mais fácil de passar às pessoas, mais fácil de promover. Eu não posso fazer uma promoção de enviar 100 lps para críticos, isso ia-me sair

um balúrdio incomportável em portes de envio... Eu acho que o CD na verdade não vai acabar, é o formato que eu vendo mais mas deixou de ser um objeto valorizado. Já ninguém oferece um CD no natal ou aniversário. Já me chegaram a assaltar o carro e eu tinha lá uns 20 CDs e eles não levaram. Não é nada valorizado mas para quem quer ouvir música é um excelente formato.

Mas continuas a editar em vinil?

Mais porque os músicos querem e porque eu gosto. É como uma casa de vinho do Porto, eles não ganham dinheiro a vender os vintages e aqueles vinhos caros, eles ganham é com os vinhos de 5 euros. Mas o que dá prestígio a uma casa de vinho do Porto são justamente esses vintages e esse tipo de produto.

Tu agora tens uma casa na

Malarranha, onde é isso?

Malarranha é no Alentejo, pertence ao município de Évora embora fique colada ao distrito de Portalegre.

É onde te vês a passar o final da tua vida?

Eu adorava ir pra lá já... Só que tenho filhos na escola e...

Mas é só por isso? Por ti era já?

Por mim era já... mas a minha mulher, que é 10 anos mais nova que eu, ainda não sente este chamamento do campo. Mas eu cada vez que vou para lá nunca volto com muita vontade. Gosto de estar com as pessoas de lá. Existe em todo o lado pessoas interessantes e nos sítios como esse, o tempo corre mais devagar, os encontros são mais calmos. Existe mais vontade de estar com as pessoas. Existe uma realidade lá que me atrai mais que a correria daqui. Para mim trabalhar de lá é um sonho, gosto de estar sentado cá fora, com o computador e ir dar um mergulho na piscina ou ir dar um passeio e estar a ver o campo...em frente à minha casa tenho um vizinho com ovelhas e um burro, um cavalo e uma vaca... gosto daquela vidinha... de passar na luzia e comprar os ovos das galinhas que têm nomes... é incrível.

texto —————> Hugo Pinto

Tivemos o prazer de conversar com uma das atrizes mais reconhecidas de Portugal, assim como uma das mais acarinhadas. O trajeto de MARIA JOÃO BASTOS na televisão e no cinema português é um percurso cheio de pontos altos e as suas ideias sobre vida são sempre interessantes. Uma entrevista onde falamos dos seus papéis, da sua experiência na moda e de saúde mental, tanto da MARIA JOÃO BASTOS, como das suas personagens.

Ao longo dos últimos vinte anos, MARIA JOÃO BASTOS tem apresentado personagens que não só chegam às pessoas, como ecoam nelas. Através de diversas épocas, universos e abordagens, temos encontrado o seu talento em projectos díspares. A forma como *Liliane Marise* foi celebrada é um caso de estudo na receção de uma personagem em território nacional.

Tudo isto parece ser natural para MARIA JOÃO, são os seus ossos do ofício e falar sobre eles é uma das melhores formas que tem de aproximar as pessoas do seu trabalho. Face a este historial de sucesso, tento começar a conversa por essas pessoas que não existem, mas que todos nós conhecemos. As personagens, claro.

Qual é o seu processo para as conhecer melhor?

– Começo por perguntar coisas básicas que me podem ajudar a construir a estrutura da personagem. E quando eu digo básicas, digo básicas. Se o teu pai está vivo, se a tua mãe está viva. Isso pode nem ser dado na história. Portanto, tentar construir o background da personagem é importantíssimo.

– Todas as personagens têm uma vida até o momento em que a história começa a ser contada. Essa vida, como na nossa, é influenciada por aquilo que foi o nosso passado. Essa estrutura do passado da personagem, para mim, é muito importante.

– Faço sempre essas perguntas sobre o que é que foi o passado desta personagem e como é que esse passado interfere no presente e nesta temática que estamos a falar. Só depois, quando encontro uma razão, é que começo a fazer perguntas mais profundas sobre essa temática.

Começou bem a conversa, estas abordagens processuais lêem-se como conselhos imperdíveis, se calhar até pedagógicos demais para os estarmos a amplificar de forma gratuita. A naturalidade da MARIA JOÃO BASTOS neste tema parece facilitar muito a nossa compreensão.

– Uma das coisas mais importantes para encontrar com as nossas personagens é a empatia. Porque nós

nem sempre concordamos com as nossas personagens. Ou com as atitudes delas. Quando faço de vilã, tenho de encontrar razões que me façam compreender ou, pelo menos, ter empatia com aquele sentimento que a personagem está a ter.

– Qual é o caminho que levou até ali e o porquê daquela atitude. Encontrar até o espaço em que a personagem tem essa atitude e não gosta de a ter. Porque as contradições nas personagens são muito importantes. Eu adoro.

– Tentarmos limpar uma personagem, tirar-lhe as contradições é matá-la. Matar a humanidade, não é? Todos nós temos que ter um bocado de incoerência e há coisas que até nós próprios nem percebemos e o bonito da vida e da idade é ir crescendo, ir descobrindo.

Acrescento –E da terapia também.– o que foi uma tentativa de piadola face ao clima cultural, mas a resposta da MARIA JOÃO fez com que tivesse valido a pena.

– Exatamente, e da terapia também que é ótimo e inclusive é um ótimo trabalho para fazer com as personagens.

– Eu já fiz terapia em personagem. E no Brasil consegui fazer as consultas sem o terapeuta saber que eu não era aquela pessoa. Foi no início de lá estar, não me reconheceu. Há 20 anos que eu vivo entre o Brasil e Portugal, mas aqui seria muito difícil. Quando faço aqui, e já fiz várias vezes terapia para as personagens, assumo que sou atriz e que vou fazer esta personagem. Digo que quero fazer terapia para a personagem. E pronto, vou com os dramas dela para o consultório.

– Genial, não é? É por momentos como este que devemos sempre olhar para dentro da arte. O mergulho no processo de um criador pode servir para pormos o seu trabalho num pedestal ainda mais alto, fruto da inventividade que usou para o alcançar.

A conversa de consultório permite-nos passar para a saúde mental de quem está do outro lado destas percepções provocadas pela representação. Até porque se a MARIA JOÃO BASTOS faz terapia para as personagens, também deve ter uma opinião acerca da importância da saúde mental para os humanos que as inspiram.

– Não tenho trabalho com a minha saúde mental por ser atriz, tenho cuidado com a minha saúde mental por ser humana.

– Acho que todos devíamos ter, e por viver num mundo onde somos sempre tão desafiados a tantas questões, é muito importante que nos questionemos, que nos alimentemos de coisas que nos fazem bem, de informação de qualidade. E espiritualmente também, procurar aquilo que nos faz bem, procurar aquilo que nos faz dar importância às coisas que realmente têm importância. Aceitar errar, aceitar ter errado.

MARIA JOÃO BASTOS

ALOUWER  
Mary João Bastos

entrevista ALEXANDRE COUTO  
talent MARIA JOÃO BASTOS  
fotografia MARIA RITA  
fashion editor TIAGO FERREIRA

cabelo&make-up PAULO FONTE  
assistente styling DIOGO ALLIEN

Agradecimento especial a STIVALI.



*sobrecamisa ZEGNA  
calças SACAI  
malha e botins BOTTEGA VENETA*



*blazer NOÉ  
camisa JIL SANDER  
calças e botins BOTTEGA VENETA  
colar PIAGET na Boutique dos Relógios*



– Da mesma forma que eu tenho a preocupação de ir ao ginásio, tenho preocupação em cuidar da mente. Desenvolvi isso. Sabe bem termos ferramentas para nos conhecermos e para sabermos viver melhor, para saborearmos mais a vida, tem a ver com o auto-conhecimento.

Agradecemos os conselhos. Depois de termos falado sobre o processo de construção de uma personagem, tentámos explorar a proximidade entre o universo da literatura que ajudou a levar para o cinema, através de papéis em filmes como os *"Mistérios de Lisboa"*, o *"Ecuador"*, e agora em *"Sombras Brancas"*, realizado por FERNANDO VENDRELL e escrito por RUI CARDOSO MARTINS. É inspirado pela vida do JOSÉ CARDOSO PIRES.

– O filme é de uma beleza enorme em todos os aspectos, a escrita, a realização, a fotografia. O MORISSON faz um trabalho absolutamente sublime. Consegues te esquecer e consegues acreditar em tudo aquilo que estás a ver. É inspirado no *"De Profundis, Valsa Lenta"*, o último livro que ele escreveu, depois do problema de saúde dele. A minha personagem é a *Alexandra Alpha*. Como se entrasse na vida dele, uma personagem da história. Vale a pena ver porque é bom cinema e porque é sobre JOSÉ CARDOSO PIRES, que merece que toda a gente o veja.

Não é difícil passarmos deste tópico para a relação de amor com os livros, um tema habitual nas conversas com MARIA JOÃO BASTOS.

– Vivo a ler livros, como toda a gente. É incrível e por isso é tão importante ler. Porque nos faz trabalhar a nossa cabeça em coisas muito importantes. E a nossa imaginação é das coisas mais importantes que temos na vida. Faz-nos ir a muitos lugares. E acreditar em muitas coisas. Acreditar é o que nos faz muitas vezes mover para conseguir atingir os nossos objetivos. E eu acho que isso está tudo ligado.

Ao falarmos de livros, é fácil perceber como pensa nas personagens também para o seu trabalho de atriz.

– Amo o trabalho da SALLY ROONEY. E portanto adorei o *Normal People*, que deu uma série brilhante. Portanto também faria aquele papel. Eu acho que vivo tantas personagens que estou a ler, que depois acho, no fundo, que gostaria de interpretar todas.

– Um filme que já foi feito, o *"Ensaio sobre a cegueira"*. É o meu livro preferido. Adoraria ter sido eu a interpretar. Foi a JULIANNE MOORE que o fez, uma das minhas atrizes favoritas.

*Rabo de Peixe* foi outro dos assuntos que não conseguíamos evitar, nem se quiséssemos. A série, cujo sucesso foi tal que se tornou um fenómeno, conta também com a atriz no papel de uma detective em missão nos Açores. Perguntámos qual foi a reacção face a este sucesso?

– Foi de euforia. Uma grande felicidade. Senti um certo patriotismo. Portugal pode.

– E foi vivido assim por nós. Temos um grupo no WhatsApp. Não foi nada individual, em nenhum momento. Mais um país, mais um top, mais um número um. Vai abrir portas para outras séries, vai abrir portas para outras pessoas. Agora vem a segunda temporada e ficámos mesmo muito, muito, muito felizes, sentimos que era uma coisa nossa, de todos.

– Eu ficava muito feliz ao ver as pessoas, quando lia comentários e diziam como "a nossa série está ótima". Houve uma coisa de patriotismo muito, muito importante. Mas não foi só connosco, atores e equipa, foi mesmo com toda a gente e isso é muito giro.

Sabemos que *Rabo de Peixe* está quase a voltar, mas mesmo assim quisemos saber mais. O que é que a MARIA JOÃO BASTOS nos pode contar sobre projectos futuros?

– Bem, a segunda temporada de *Rabo de Peixe*, que me deixa muito ansiosa. É um orgulho enorme fazer parte da segunda temporada, que vai acontecer no início do ano que vem.

– Mas, até lá, vou fazer uma coisa que eu adoro e que também me deixa muito feliz e estou ansiosa para começar, que é a segunda temporada da *Espia*.

A *Espia* é uma série portuguesa produzida pela Ukbar Filmes, protagonizada pela MARIA JOÃO BASTOS e pela DANIELA RUAH.

– E que é passada numa das minhas épocas favoritas, durante a Segunda Guerra Mundial. E adoro aquela personagem, a *Rose*. E depois tem outro fator que eu gosto muito na série, que é contar um pouco da nossa história que muita gente não sabe.

A série passa-se durante a neutralidade de Portugal na segunda grande guerra, o que permitiu que existisse movimento de espões e nos tornássemos um palco de espionagem internacional.

– Nós contámos isso na primeira temporada. Foi dentro dos seus limites um sucesso também aqui em Portugal, numa outra proporção. Mas de tal maneira que vamos fazer a segunda temporada, vamos começar agora em Outubro. E eu estou muito contente porque eu adoro aquela personagem.



*camisa JACQUEMUS  
jeans THE ATTICO  
sapatos MAISON MARGIELA  
óculos de sol BOTTEGA VENETA*



*camisa VALENTINO  
calças KHAITE*

Não seria uma entrevista numa revista tão dedicada à moda sem uma passagem por este tópico. Ainda menos, quando MARIA JOÃO BASTOS tem os seus créditos firmados nessa indústria. E, além disso, também tem este feito digno de se gabar –foi distinguida pela Vogue Itália como uma das mulheres mais elegantes do Festival de Cinema de Veneza.

Aproveito esta tangente entre moda e cinema para também lhe perguntar o que pensa da aproximação destes universos. Suspeito que para além da caracterização, há muito outros detalhes em que se misturam.

– Eu acho que todos os universos criativos estão ligados. A pintura está ligada ao cinema, a literatura está ligada à moda, a moda está ligada à pintura. Não consigo dissociar tudo que seja a arte e processos criativos daquilo que eu vivo diariamente no meu processo de criação no meu trabalho.

MARIA JOÃO parece saber do que fala, é muito mais do que uma reflexão académica para ela. É uma experiência empírica, algo que sente na pele.

– Inspiro-me num quadro, inspiro-me num livro, inspiro-me numa fotografia de moda. Por isso, a moda também me inspira, como o cinema certamente inspira a moda. Vemos muitos criadores a inspirarem-se em filmes, às vezes até antigos. O nosso DIOGO MIRANDA fazia um trabalho incrível com isso. E o FILIPE FAÍSCA também se inspirava nas deusas de cinema.

Estes comentários são de alguém que sabe do que fala, alguém que conviveu com criadores de diferentes áreas e colaborou com eles na busca por um esforço colectivo. Mas, como é que tudo começou para MARIA JOÃO BASTOS? Quais foram os primeiros passos que, ao longo do seu percurso, a trouxeram até aqui?

Desde muito jovem que parecia saber o que queria, assim como o quanto era preciso melgar toda a gente para o conseguir.

– Eu comecei com 12 anos no Teatro Amador de Benavente, porque obriguei as pessoas a aceitarem-me lá. O Grupo de Teatro nem tinha crianças. Eu era mais nova e a pessoa a seguir a mim devia ter 40 anos. Mas desde pequenina que queria ser atriz, fazia teatros em casa.

– Apesar de ser um grupo de teatro armador, nós fazíamos peças de teatro todos os anos. E era um grupo bastante talentoso. Com 16 anos, fiz a minha primeira novela. É como os meus pais me diziam e a minha mãe ainda me diz hoje, quando meto uma coisa na cabeça, é difícil de tirar.

Mas antes da sua carreira como actriz, soube que MARIA JOÃO BASTOS também teve uma passagem pela moda.

– Depois de fazer uma personagem, e do meu pai ainda me levar de casa para o estúdio e do estúdio para casa, decidi vir viver para Lisboa, com 17 anos. Para estudar na universidade e para tentar a carreira de atriz profissional. Foi nessa altura que fui abordada na rua por uma pessoa da Elite que me convidou para ser modelo. Eu disse que não, que não queria. Não estava nos meus planos, era atriz e queria ser atriz, mas ela dá-me o cartão e diz-me para ligar caso mude de ideias.

– E eu só lá voltei, passado quase um ano, porque comecei a pensar naquilo e pensei que me poderia dar a conhecer pessoas em Lisboa e a ter acesso a castings para televisão. Vou lá ter com a ANA BORGES e digo “eu aceito, mas o meu objetivo é ser atriz”. Ela disse-me “ok, vamos trabalhar nisso”.

– Só que, entretanto, comecei a trabalhar imenso em moda. Apaixonei-me por isso. Fazia imensos editoriais e publicidades. Na moda, encontrei um espaço onde aprendi muito, onde fazia um trabalho de atriz, mas de outra forma, porque interpretava os personagens nas fotografias e nos anúncios de televisão. Comecei a tornar-me mais conhecida e a fazer a Moda Lisboa, porque nem altura tinha. Também apanhei essa altura em que mudaram um bocadinho os padrões, não é? Com a KATE MOSS e tudo.

– Poucos meses depois de estar na Elite tive o meu primeiro casting e seis anos depois de ter começado na moda, dediquei-me à interpretação em exclusivo.

É um daqueles percursos que só acontece a quem tem a estrelinha ou a quem se esforça muito. No caso da MARIA JOÃO BASTOS, há a grande possibilidade de que seja um pouco dos dois.

Aproveitamos para agradecer a conversa e esperar que continue a encantar as nossas páginas, assim como os nossos ecrãs, sempre que possível.



*puffer* SAINT LAURENT  
*camisa* MSGM  
*calças* KHAITE  
*sapatos* ACNE STUDIOS  
*óculos de sol* BOTTEGA VENETA



*camisa* SACAI  
*carteira* JACQUEMUS  
*calças* BOTTEGA VENETA  
*botins* GIANVITO ROSSI  
*anéis* PIAGET na Botique dos Relógios

O TEATRO COMO  
UM SIMULACRO  
DA REALIDADE  
*Maria Augusta*



Num sábado, à tarde, a PARQ deslocou-se ao estúdio do c.e.m.-centro em movimento –localizado na Baixa–, para conversar com MANUELA MARQUES (artista e professora) que, se encontrava mergulhada no processo de ensaios do espetáculo “*Temos Apenas o Presente*” –que integrou a programação do *Festival Temps d’Images*, tendo estreia a 13 de Outubro, no Pequeno Auditório do CCB.

Comecemos pela parte que mais me intriga na tua nova peça, o título “*Temos Apenas o Presente*” é um statement? Uma descrença no futuro?

É uma evidência. Entendo, de facto, que temos apenas o presente para viver, porque agimos sempre no “agora”. Existimos, ativamente, no tempo Presente, mesmo com a esperança de um Futuro, ou seja, de um novo Presente. O Tempo é uma grandeza de medida abstrata, um conceito que auxilia o Ser Humano a organizar, a compreender e a perceber a sua estadia terrena. No fundo, e como teorizou Santo Agostinho, o Tempo é sempre Presente, sendo o seu passado, a memória, e o seu futuro, a expectativa. Esta peça reporta e vinca essa ideia de permanente Presente, dado que há ausência, quase total, de referências espaço-temporais e os intérpretes revelam-se, em tempo real, à medida que a ação se desenrola.

O facto de teres elaborado todo este projeto durante um período pandémico, em que tu própria estarias isolada e com o sentimento de um futuro adiado, em que medida isso marcou a tua visão do mundo nesta peça?

Marcou e determinou, de forma inevitável. Creio que ninguém ficou indiferente a este evento pandémico carregado de incertezas, de insegurança e de contingências. O projeto surge durante esse período, e por volta da segunda fase de confinamento emergem as primeiras reflexões e inquietações sobre uma Humanidade restringida de ser Social, em presença física. Quais as repercussões no comportamento e no psicológico do Ser Humano condicionado no espaço e, aparentemente, cristalizado no Presente? –esta é a interrogação que tento responder, desde então, e que ocasionou uma fase de pesquisa sobre assuntos ligados à noção de Saúde Mental. Eu própria já me encontrava isolada, desempregada, realmente sem pistas de como seria o meu Futuro, e num processo cíclico de Depressão e Ansiedade. Contudo, ficar em casa ofereceu-me um lugar de suspensão temporal –abrandamento–, para observar o “mundo”, as pessoas, e voltar a estudar, enquanto me reconhecia. Amíúde, sucedeu-se a elaboração deste projeto com vista à sua materialização –o espetáculo– mas sem quaisquer coordenadas temporais.

Li que recorreste a obras de BERNARDO SANTARENO, ORWELL e POLANSKI, em que medida foram inspiradoras no processo de escrita da peça? Que outras referências te influenciaram ou

influenciam e estão presentes no projeto? Confirmo. Para escrever a peça baseei-me, especificamente, nos universos das obras “*Restos*” de SANTARENO, “*1984*” de ORWELL e “*La Vénus à la Fourrure*” do POLANSKI, uma vez que contêm em si uma sensação de constrangimento, cuja narração reside no limbo ficcional adjacente à realidade. O visionário “*1984*” pela descrição duma sociedade à mercê do ecrã e refém da história que uma entidade superior, diariamente, reescreve. Na peça de SANTARENO e como no filme de POLANSKI, ambos os enredos decorrem, em tempo real, circunscritos num único espaço –quarto e sala de teatro, respetivamente– e protagonizados por duas personagens. Pensei e indaguei a maneira de como poderia juntar, na mesma obra, alguns dos ingredientes que me suscitavam interesse. Em simultâneo, debrucei-me sobre ensaios de autores como DEBORD, LIPOVETSKY, KANT, ESQUIROL, DAMÁSIO ou LEDOUX, entre outros. Claramente, “*A Resistência Íntima*” de JOSEF MARIA ESQUIROL, “*A Sociedade do Espetáculo*” de GUY DEBORD e “*O Cérebro Consciente*” de JOSEPH LEDOUX, foram leituras capitais que adensaram tanto a escrita da peça como a fundamentação teórica do próprio projeto, além de terem reequacionado a minha perceção sobre a condição Humana.

Depreendi que é uma peça sobre o “agora”, sobre o real, sobre uma Sociedade voyeurista. O teatro é tudo isso também?

Diria que é sintomática das maravilhas do “agora”, reflete a dinâmica de uma Sociedade contemporânea individualista que, para existir, está cada vez mais digitalizada e rendida às plataformas virtuais do Deus-ecrã –fenómeno que ocasiona, de certa maneira, um voyeurismo consentido, dado o abuso (mau uso) das ferramentas digitais. Sendo a Arte o oráculo de uma Sociedade, e que por princípio é disruptiva, deve, por direito, abordar-pensar a ação da Humanidade. Por compreender o Teatro como um simulacro da realidade, “*Temos Apenas o Presente*” edifica-se a partir de questões atuais –como as da Saúde Mental, a incompreensão das mesmas dada a sua condição invisível–, mas também toca em assuntos intemporais –como a definição de “amor” ou de “identidade”. Em termos formais, a peça simula a eminência de um “não futuro”, perspetivando-se num não lugar, tanto espacial como temporal.

Pensas que será uma peça muito geracional, deste tempo, ou preferes pensar que traz questões universais?

Arrisco-me a declarar que esta peça é intemporal, universal e transversal, porque é sobre o comum ao Ser Humano, pelo menos esse foi e é o meu desejo. O texto “*Temos Apenas o Presente*” é, deveras, intemporal, adaptável a qualquer geografia e arquitetura, e ao carregar questões humanas e universais pode ser protagonizado por uma diversidade de duplas de intérpretes. O desafio deste projeto foi escrever um texto que pudesse ser tangente a todas as Pessoas. É um espetáculo singelo sobre a fragilidade e a vulnerabilidade humana, como tal, na fase de escrita, fui afinando, minuciosamente, as palavras e as ideias para conseguir ter uma narrativa crua e flexível, esvaziada de acessórios e de distrações.



A tua prática nas artes plásticas condicionou ou contaminou a forma de compor o texto e de dirigir, artisticamente, o espetáculo?

A expressão plástica foi o meu primeiro contacto com a Arte. A minha formação encaminhou-se nesse sentido e, bom, ganhei a prática nas artes plásticas por consequência de querer ser professora de EVT (Educação Visual e Tecnológica) –o meu derradeiro sonho de criança. Na minha opinião, tudo está interligado, portanto, toda a diversidade de experiências que vou usufruindo, ao longo do meu percurso (pessoal e profissional), compõem-me como Pessoa Singular, logo transparecem naquilo que faço, como seja dar aulas ou produzir-criar um objeto artístico. Por exemplo, a dramaturgia e o mise-en-scène deste espetáculo desenvolve-se por leis da Geometria –as personagens figuram os eixos X, Y e Z–, ou os momentos coreográficos da peça que originam composições visuais –desenhos de movimento. Interessa-me, sempre, fazer um exercício de Forma e de Beleza, compor uma série de imagens que encadeadas comuniquem uma história, aberta, e independente do formato em que esta se apresenta.

A ideia da encenação já estava em mente aquando do desenvolvimento o texto? Tens aqui a tentação da realização de uma obra total?

Não tinha qualquer esboço ou imagem, do que poderia ser a encenação do espetáculo que, hoje, estou a ensaiar. Aceitei ocupar-me, inteiramente, de cada fase do projeto. Na sequência do vislumbre e desassossego do mesmo, deu-se a etapa de pesquisa para aglomerar apontamentos e referências que o sustentassem e esclarecessem. Redigir o Texto, numa semana, foi o primeiro gesto da sua corporização. Receio ser pretensioso querer realizar uma “obra total”, ao nível do Absoluto, nem sei bem o que tal significa. Sei, sim, que tenho em mãos a concretização de um espetáculo complexo e ambicioso, que implica uma parafernália de equipamento, dado o cruzamento disciplinar, entre Teatro e Cinema, passando pela direção e articulação de toda a equipa e das várias componentes artísticas que o integram: a cenografia do DIOGO DIAS JOÃO, a realização da RITA NUNES, a sonoplastia do JOÃO HASSELBERG, os grafismos do TOMÁS GOUVEIA ou a luz do MANUEL ABRANTES. Sem o contributo deles, e incluído o suporte à produção da LYSANDRA DOMINGUES, “*Temos Apenas o Presente*” seria só um texto impresso.

Falar em teatro experimental faz sentido para ti? É importante para a renovação do teatro? Teoricamente, referir teatro experimental enquanto corrente artística de determinada época, inscrita na História do Teatro que documenta o seu desenvolvimento, é factual mas não me faz sentido. Advogo que qualquer linguagem-manifestação artística, que se prese, pressupõe-se, sempre, experimental e viva. A prática artística, seja no Teatro, na Dança, na Música, na Escultura ou em que área for, deve ser continuamente experimental, mesmo esta obedecendo a lógicas de metodologia projetual ou respeitando uma agenda política. É importante a experimentação, com ou sem necessidade de inovar ou de solucionar. Experimentar é sinónimo de viver, percebendo que, na prática, nada se repete. Em suma, somos parte de um sistema em constante transformação e renovação.

Convidaste dois atores com quem nunca tinhas trabalhado, a ANA MARTA FERREIRA e o FILIPE MATOS. O que eles acrescentam à tua visão do espetáculo?

Acompanho a carreira da ANA MARTA e do FILIPE, já os conhecia mas nunca tinha trabalhado com nenhum deles nestes moldes artísticos, tínhamo-nos apenas cruzado nas lides do mainstream. Há quem os ache, decerto, uma escolha improvável, convidei-os porque acredito no seu potencial e por gostar de promover o inusitado, o encontro entre profissionais que dificilmente colaborariam. Estou francamente feliz por ser esta a dupla. A ANA MARTA FERREIRA e o FILIPE MATOS têm o que é essencial para se ser Intérprete (ator/atriz): generosidade, disponibilidade, responsabilidade e comprometimento. Estreiam-se neste formato de apresentação e de criação, e com tudo o que isso acarreta, ambos tem-se entregado, sem defesas, ao projeto. Costumo dizer que eles são o coração do espetáculo, marcam a pulsação. Se estamos a trabalhar juntos como é óbvio o “olhar” deles inscreve-se no espetáculo e adiciona outras camadas, dão corpo, voz e sentido às palavras que, em 2021, escrevi.

Trabalhar com os atores leva-te a rescrever o texto? É um processo evolutivo? Trazes a experiência deles, também, para dentro, ou pelo contrário afastas-te da autora do texto e concentras-te na encenação, na interpretação. Deixar de estar sozinha no processo de criação deste espetáculo trouxe-me amparo e vitalidade. É renovador poder trabalhar em equipa, porque amplia as hipóteses do projeto, levanta questões e oferece-lhe novas interpretações que possibilitam a maturação do mesmo. Inicialmente, foi a realizadora RITA NUNES que teve um papel decisivo na revisão do texto para o tornar mais coloquial. Depois, e durante o processo de encenação, juntou-se o parecer dos atores, que ao interpretarem o texto me fez distanciar dele, e assim interrogá-lo e aprimorá-lo para o que é fundamental. No período de ensaios, organicamente, tudo se desenrola e se interliga, a afinação do texto, o desenho da movimentação cénica, a preparação e a direção de interpretação... Enfim, não há existência sem relação.



fotografia YAGO BARBOSA  
styling DIOGO SIXX  
make-up CATALINA JARAMILLO

talent ANA MARTA FERREIRA e FILIPE MATOS  
agradecimentos a Irlete Uchoa, Leonor Fonseca e  
Lysandra Domingues

Com ANA MARTA FERREIRA e FILIPE MATOS. A partir da peça  
de teatro "Temos Apenas o Presente" de MANUELA MARQUES

ana = x  
filipe = y

Ana veste, sweat e saia DIOGO  
SIXX, botas RELISH  
Filipe veste, sweat DIOGO SIXX,  
calças LIDIJA KOLOVRAT







Ana veste, jumpsuit GAELE,  
t-shirt DIOGO SIXX



– “Y: Ana... Ficas bem..., se eu sair?.. Ficas bem aqui sozinha?... Ou sugeres algo?”

– “X: Eu tomo conta de ti.”

– “Y: Dá-me um abraço.”

– “X: Muito gostas tu de abraços. Um dia ainda vão ser proibidos.”

excertos da peça *"Temos Apenas o Presente"*  
de MANUELA MARQUES

*Filipe veste, camisa e calças LIDIJA KOLOVRAT*

*Filipe veste, camisa LIDIJA KOLOVRAT*



*Ana veste, top e leggings HOUSE  
OF WILDFLOWERS, sandálias  
STEVE MADDEN*

– “X: Gostava muito que ficasses na minha vida para sempre.”

– “Y: «Para sempre» é muito tempo. Infinitamente sem fim e tudo se encerra em finitude. Não haveria qualquer hipótese de ser «para sempre»...”

– “X: Nós encontrámo-nos. Os outros nem desconfiam, vivem e morrem sem o saber.”

excertos da peça *"Temos Apenas o Presente"*  
de MANUELA MARQUES

# O SURF DESLIZA CONTRA AS ONDAS DO RACISMO E DA DESIGUALDADE DE GÊNERO



FRANCISCA SEQUEIRA, uma jovem portuguesa que se mudou para São Tomé e Príncipe, acabou por denotar várias diferenças na forma como as meninas portuguesas e as meninas santomenses crescem. E, conseqüentemente, as oportunidades que lhes são apresentadas.

São Tomé e Príncipe, apesar da sua riqueza natural e, imagem paradisíaca, é um local onde 67% da população vive abaixo do limiar da pobreza e apenas 34% das mulheres atingem o ensino secundário. Para além disso, o número de gravidezes na adolescência é muito prevalente (27%).

Surpreendida com um país em que as filhas são vistas como um recurso precioso para a lida doméstica, e sem colaboração masculina, FRANCISCA sentia que ondas de mudança estariam por chegar. Em 2020, fundou a SOMA (*Surfistas Orgulhosas na Mulher D'África*). As meninas apoiadas por FRANCISCA e a sua equipa tornaram-se, então, nas primeiras de São Tomé e Príncipe a aprender a surfar. Note-se que, até à data, era um desporto exclusivamente masculino.

Esta ONG portuguesa, ancorada em Santana, pretende empoderar estas jovens, para que estas se tornem mulheres independentes, com sucesso, donas de si e do seu próprio corpo. No fundo, a mensagem que se pretende transmitir é que a mente é muito poderosa e, que o contacto com o mar pode ajudar a sentirmo-nos mais unos e completos.

Como tal, a instituição tornou-se um porto seguro. Disponibilizando ferramentas como a psicoeducação (trabalho com as emoções e potenciais experiências traumáticas) e workshops sobre confiança, educação sexual e o papel da mulher na sociedade. Assim, a SOMA torna-se pioneira em terapia de surf, em África, exclusiva para raparigas. No entanto, os homens não são totalmente excluídos desta experiência. Como é o caso de EMERSON SOARES, ou LUISINHO, que é um dos treinadores das jovens surfistas.

Enquanto a SOMA desenvolvia as suas atividades e ia recrutando cada vez mais meninas, o banco de imagens Shutterstock Studios encontrou um desafio em termos de representatividade. No fundo, a empresa foi confrontada com a falta de imagens de raparigas, de origem africana, a praticar surf. Dispostos a corrigir esta lacuna, e aliados à Betclíc, sempre preparada para contar histórias de desporto, por mais obscuras que estas sejam, as duas empresas visitaram São Tomé e Príncipe para conhecer estas jovens surfistas e os seus mentores mais de perto.

Acompanhados por máquinas de fotografar e de filmar, a Shutterstock conseguiu as fotografias que tinham em falta e a Betclíc produziu um documentário –*Surfing Through The Odds*– que relata o dia-a-dia das jovens santomenses e das suas famílias. Ambas as produções surgem como uma forma de gerar conhecimento sobre esta causa, mas também, de possibilitar a criação de fontes de rendimento mais sustentáveis para a SOMA.

## Surfing Through The Odds

No documentário, com uma duração de 18 minutos e meio, conseguimos dissecar o impacto que a ONG tem na vida dos residentes, nos mais diversos planos. Num país onde o mote é “leve, leve” é um choque presenciar raparigas a correr com as suas pranchas em direção à água. Até porque, algumas delas tiveram de superar o receio das ondas e das correntes.

Esta surpresa comunitária é reportada nos testemunhos do documentário. No caso das famílias das surfistas, vemos um pai e uma avó que consideram esta experiência muito positiva. Por um lado, o pai afirma que o bem-estar da sua filha, derivado do surf, fez com que os laços familiares se reforçassem e que as tarefas domésticas passassem a ser distribuídas numa forma mais equitativa e que inclui os homens. Por outro lado, a avó aplaude o facto de as jovens não darem tanta prioridade à maternidade, o que demonstra que estas pretendem construir um futuro sólido antes de engravidarem.

Em relação à equipa, RITA XAVIER –SOMA General Manager– afirma que a maior lição que levantou com este projeto foi a urgência de estarmos presentes não só com o nosso tempo, mas também com o nosso coração.

Como é muito importante reforçar que devemos de ir atrás dos nossos sonhos, o documentário mostra as surfistas a conhecerem uma ilustre figura conterrânea. As jovens tiveram a oportunidade de falar com uma polícia que decidiu juntar-se às forças após episódios de violência doméstica por parte do marido. Apesar de ser uma história de força e de perseverança serve, também, como um aviso para que estejamos sempre atentos para situações de risco.

Atualmente, a ONG já fez com que 90 meninas se formassem e ajudaram Maura (13 anos) a sagrar-se campeã nacional de surf.

Como é que estas jovens santomenses pensam em si como indivíduos, e mulheres, após viverem esta experiência? Nas palavras de WAZIMILA LIMA, ou WAZY, “o lugar da mulher é em qualquer lugar. Não é só na cozinha. Pode ser na política, pode ser no surf, no futebol, em qualquer lugar que ela quiser. A mulher deve ser valorizada.”

Assim, a SOMA tem mudado a sociedade santomense, uma prancha de cada vez.

Para mais informações sobre a instituição e possíveis formas de apoio, visitar: <https://www.somasurf.org/>

texto BERNARDO SEMBLANO











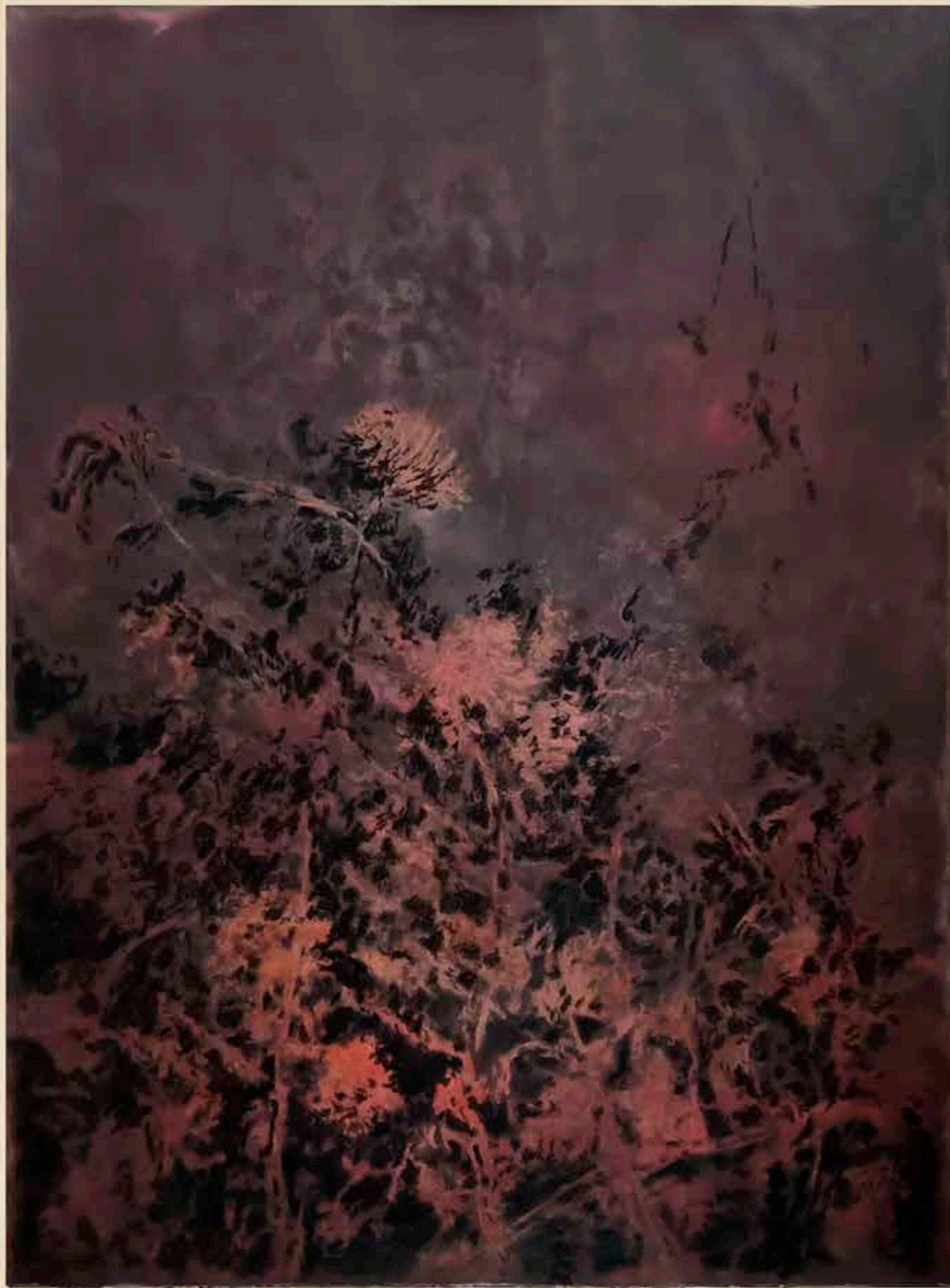


*portfolio*

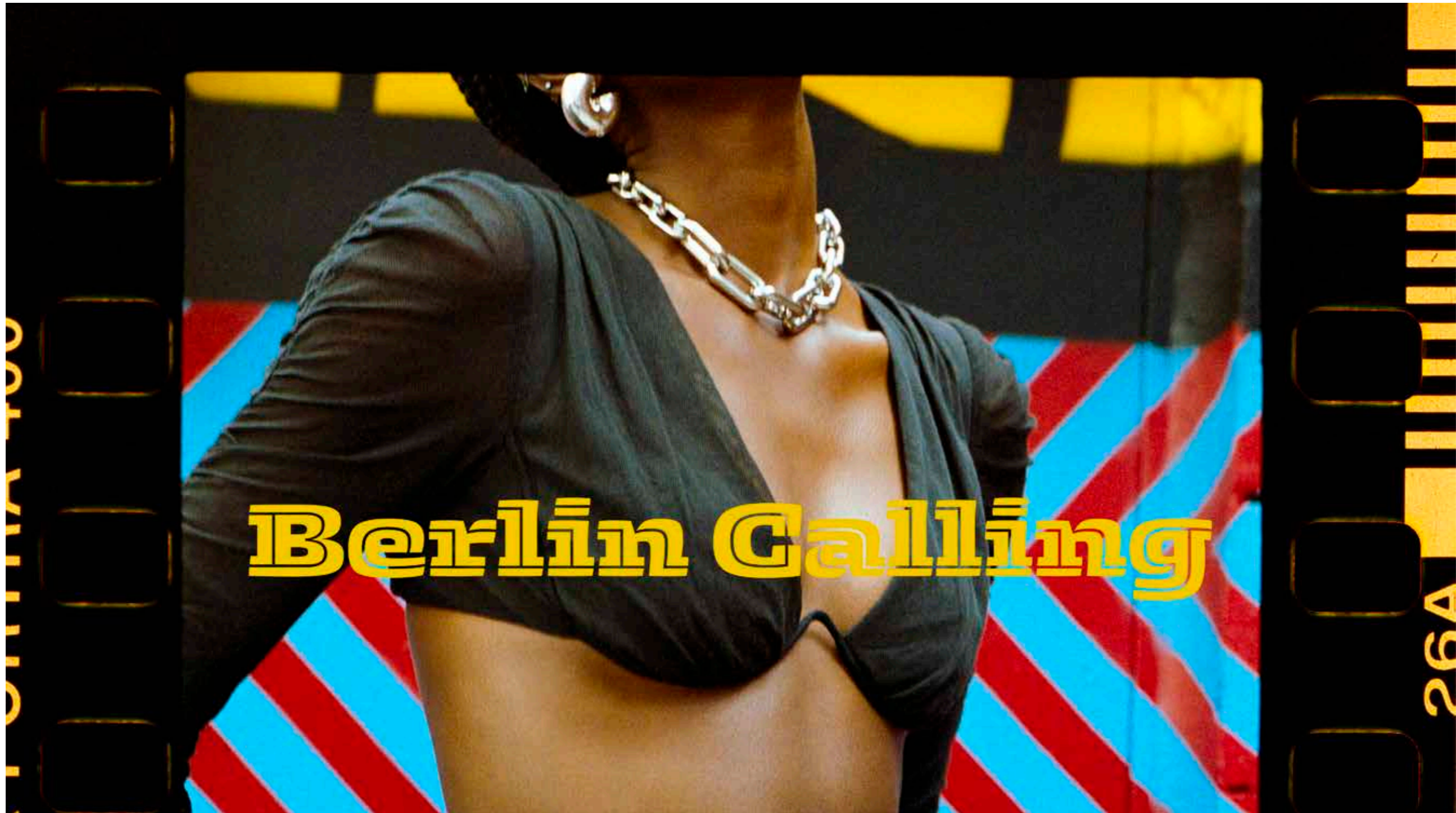
# *António Faria*

@\_antonio\_\_faria\_





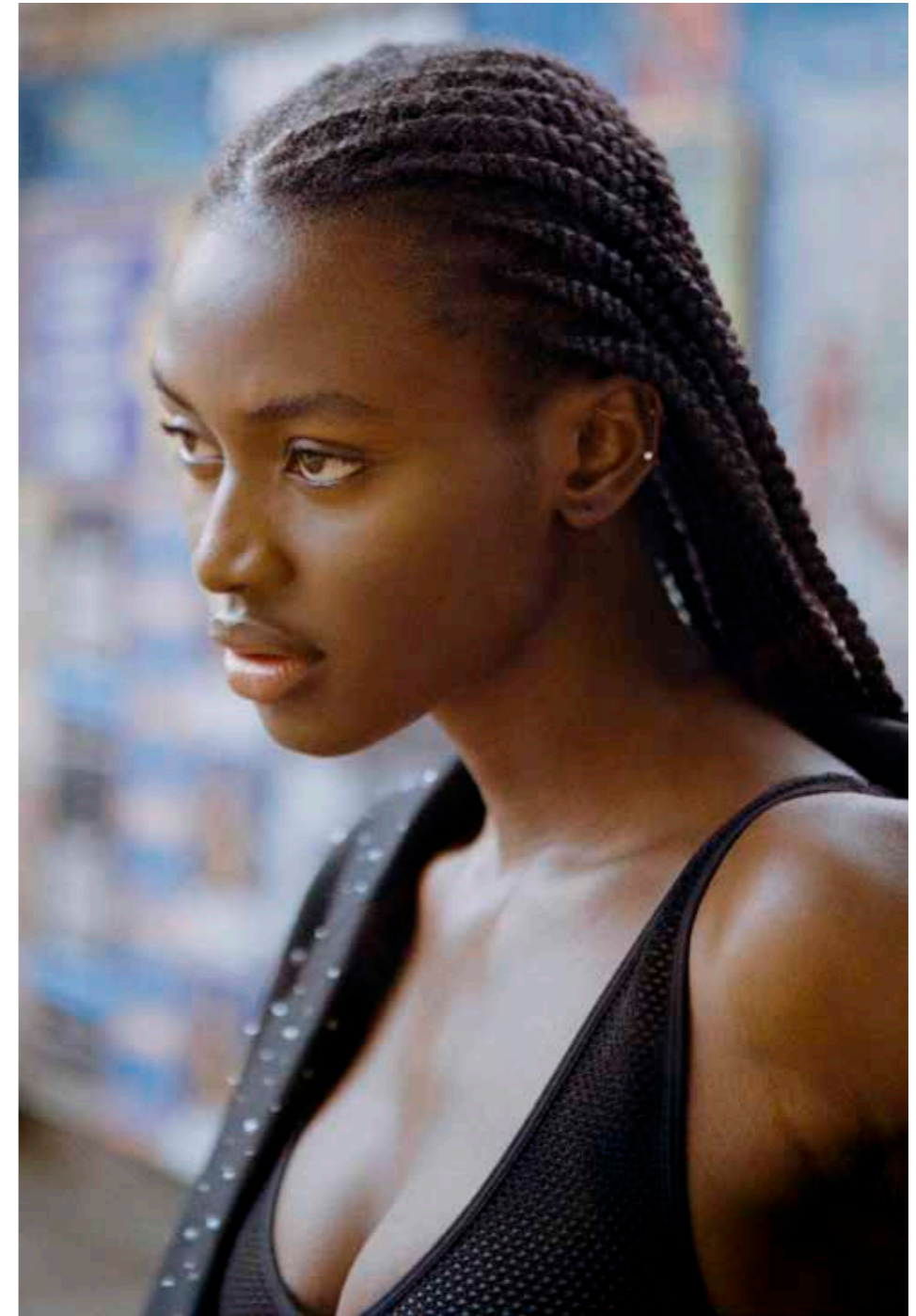




# Berlin Calling

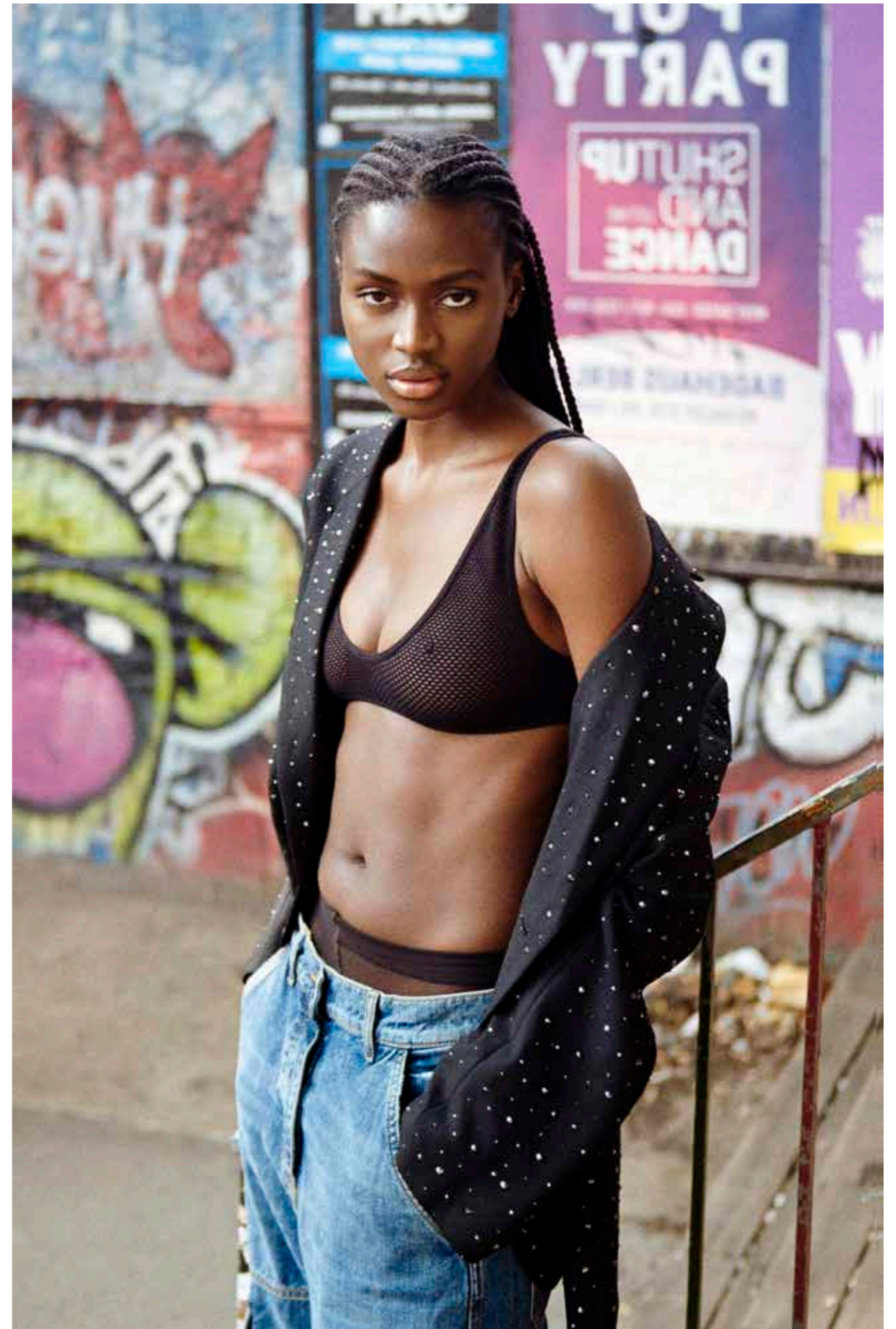
fotografia & creative direction PEDRO DA SILVA @pedrodasilvaphotographer  
styling LOUISE MCILROY @louisemcilroy  
set designer NINA OSWALD @ninamarlena

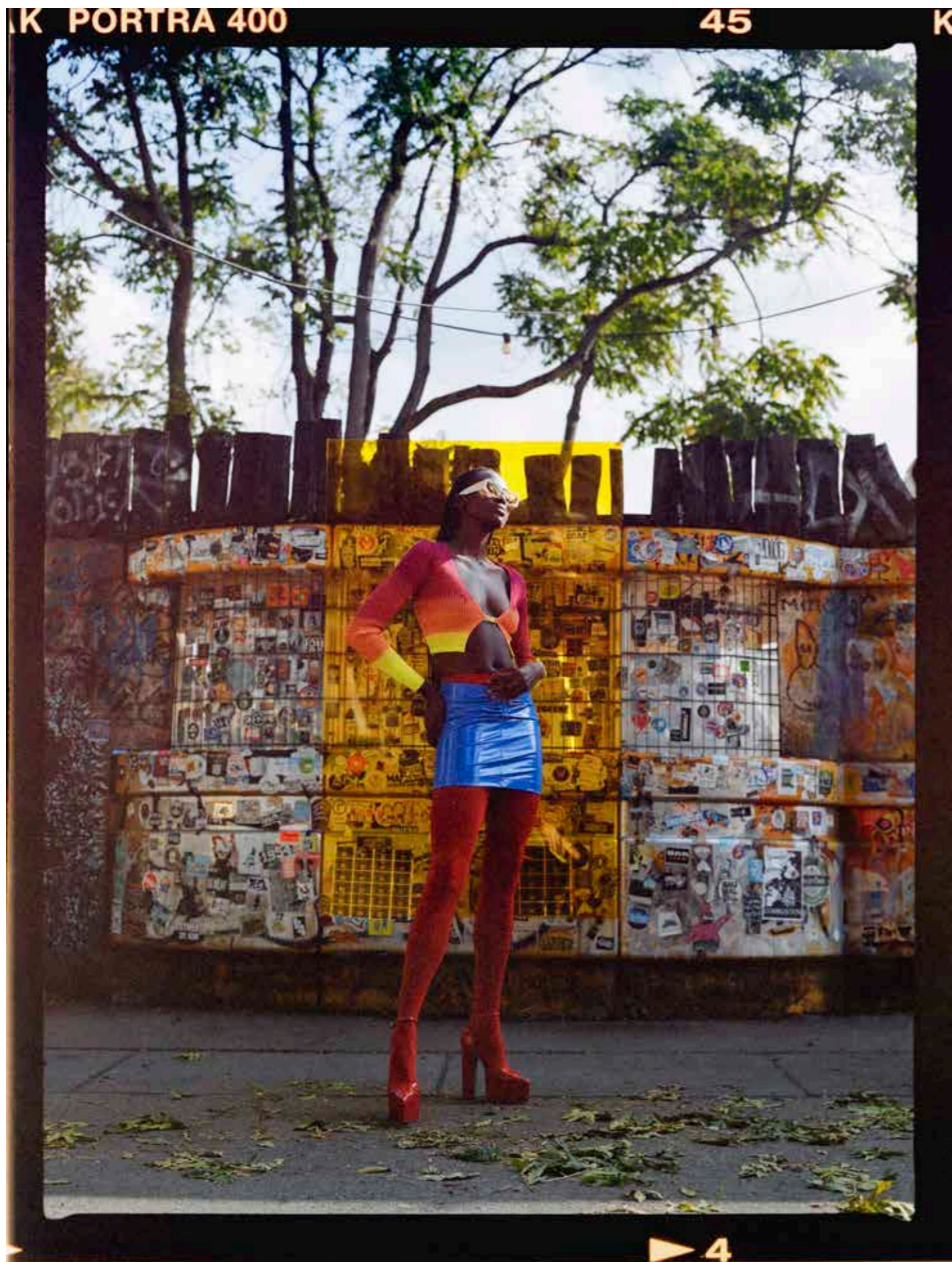
set designer assistant JULIETTE CATELLE @julietectl  
mu/hair RITA PRATES @ritaprates\_  
modelo IBUKIN SAMMY @ibukunoluwa\_sammy @mirrrmodels



blazer SANDRO, jeans DIESEL,  
bra ZARA, shoes PINKO

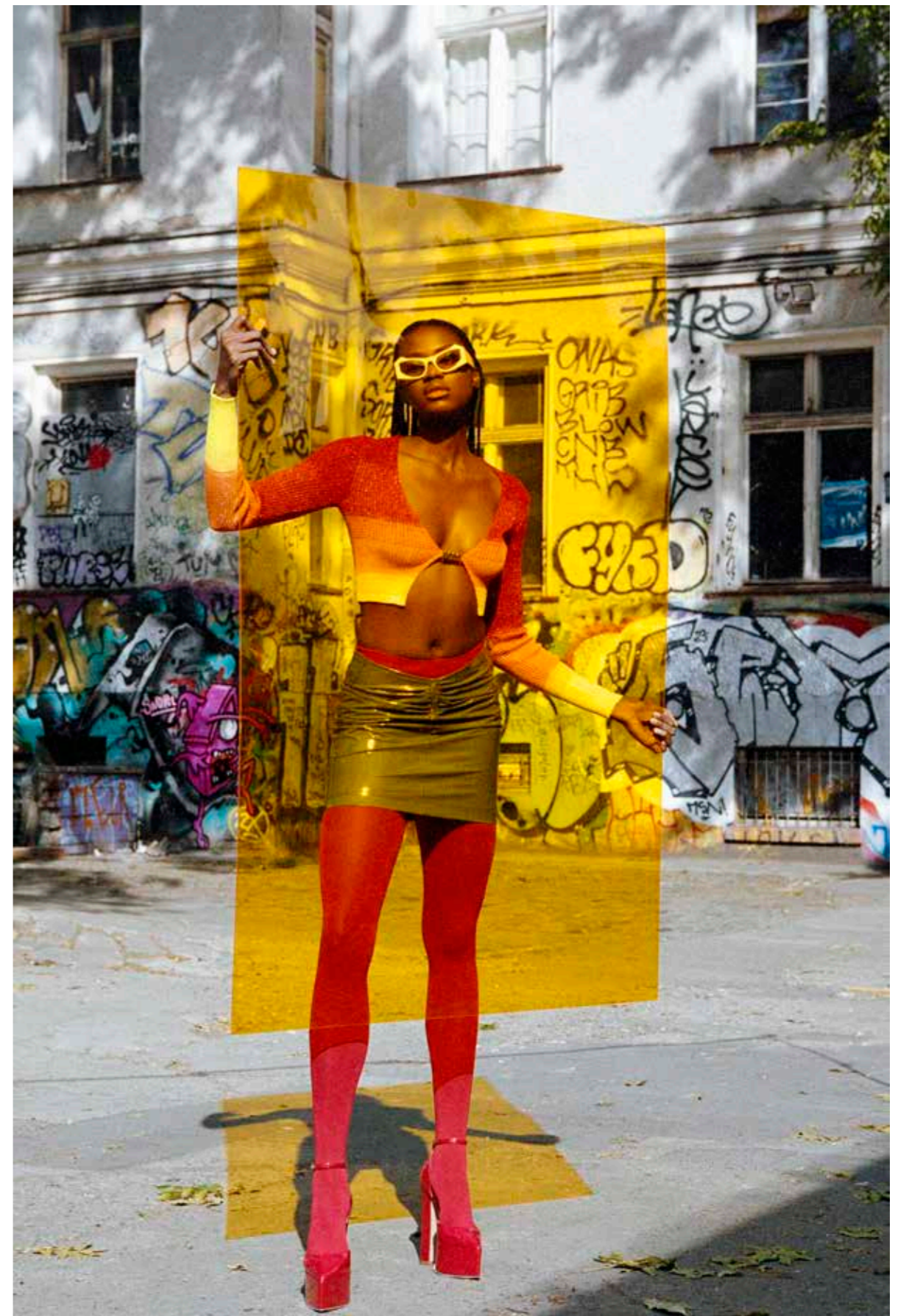
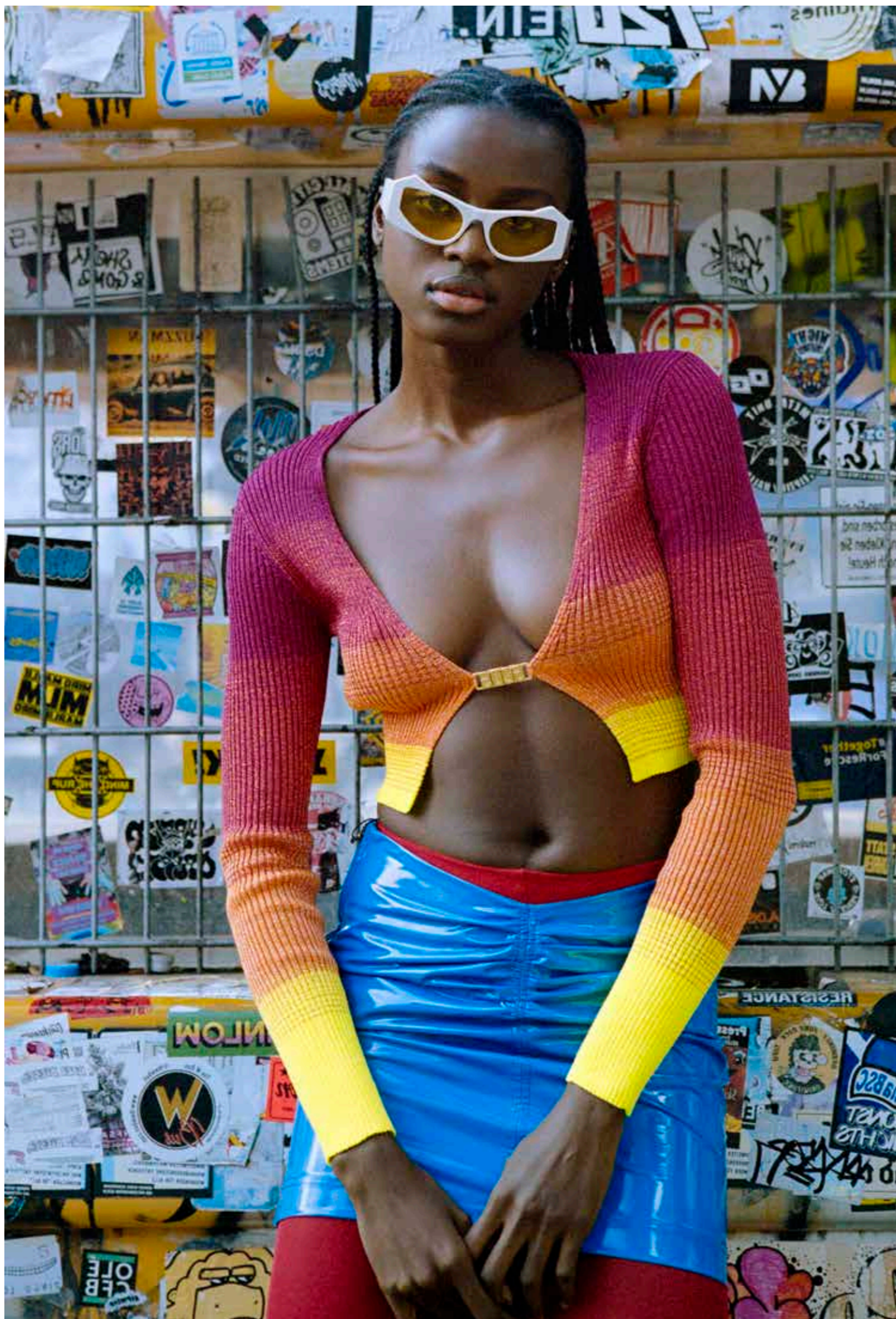




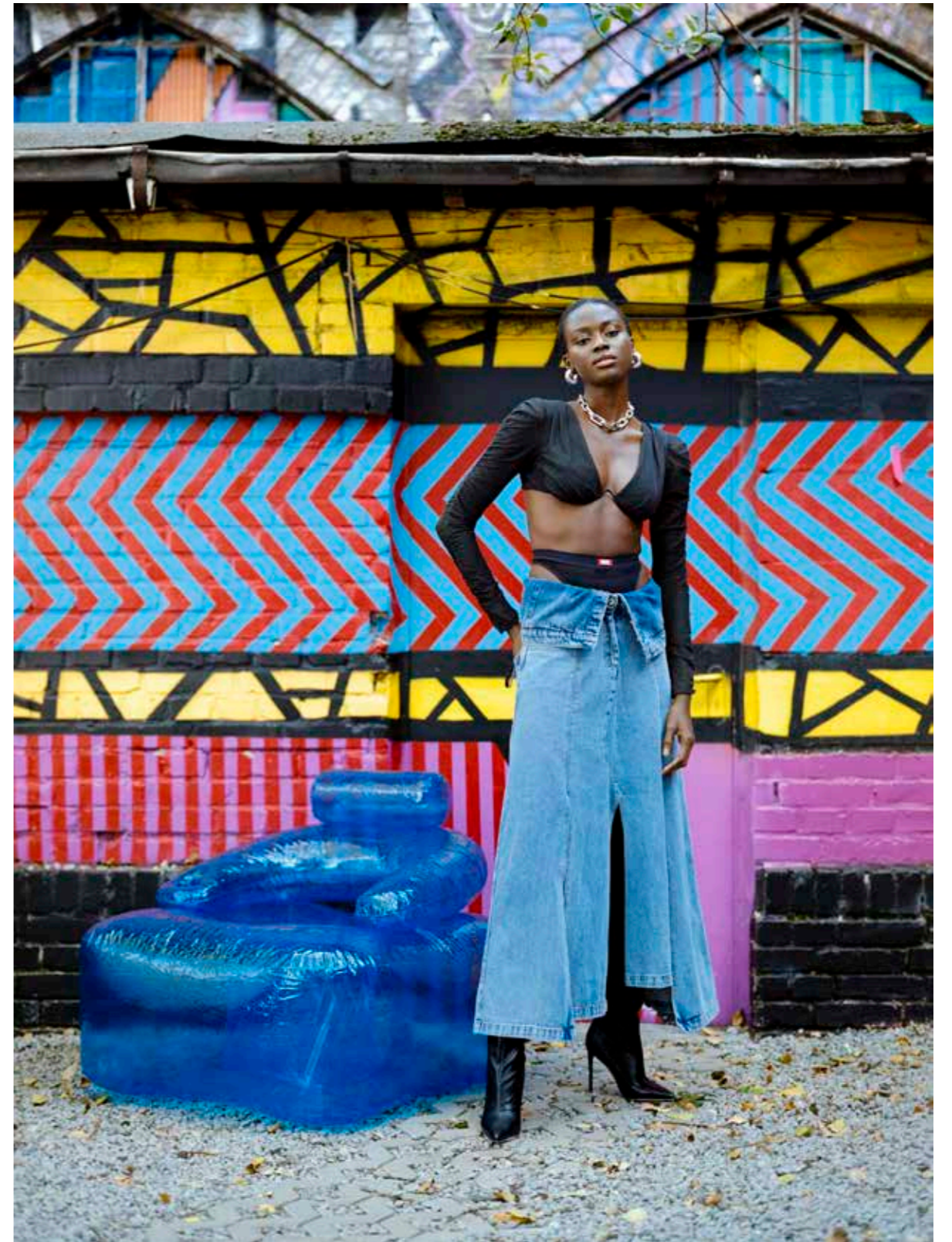
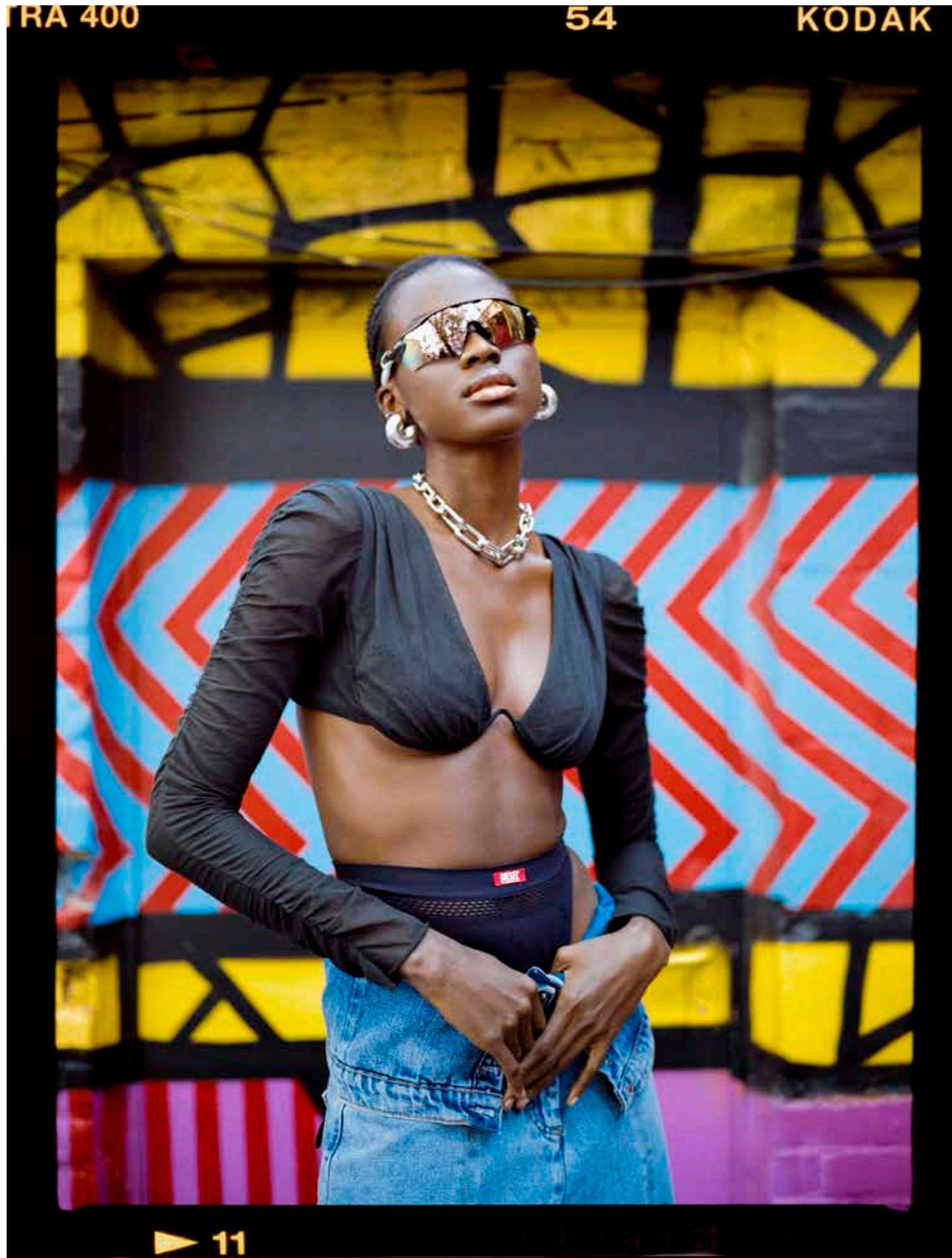


top e sunglasses GCDS, saia PATRIZIA  
PEPE, botas STEVE MADDEN

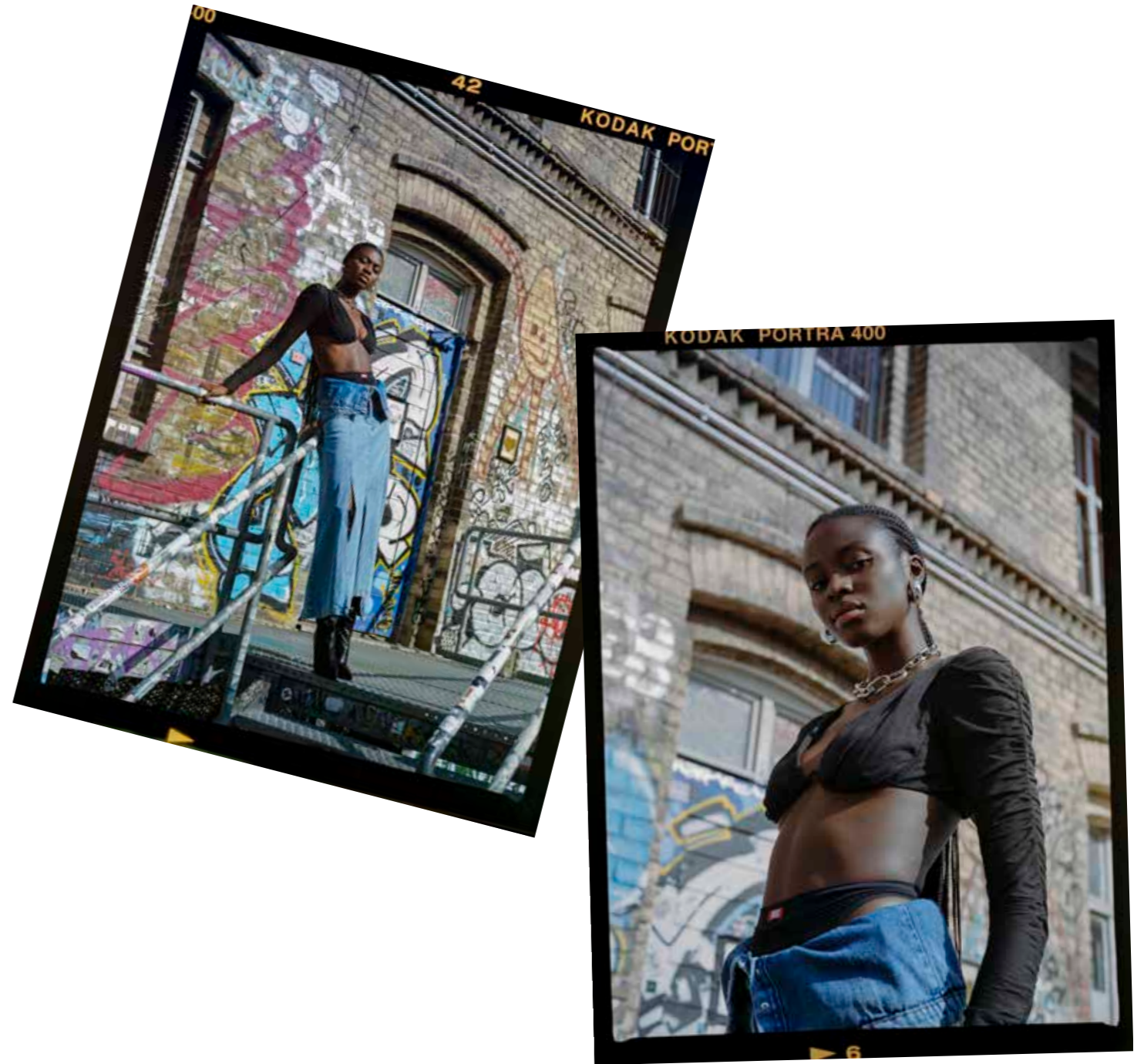




top e sunglasses GCDS, saia PATRIZIA PEPE

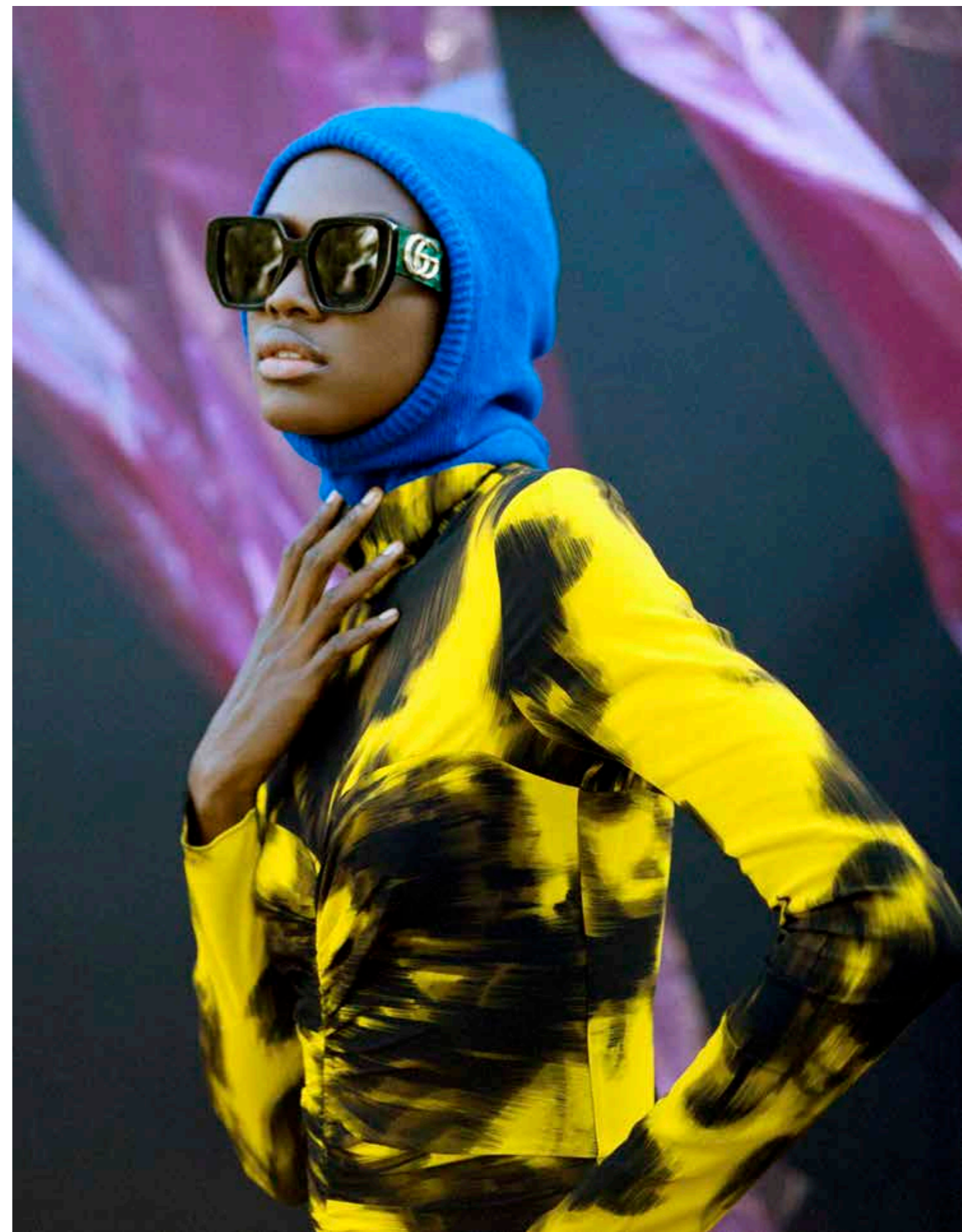


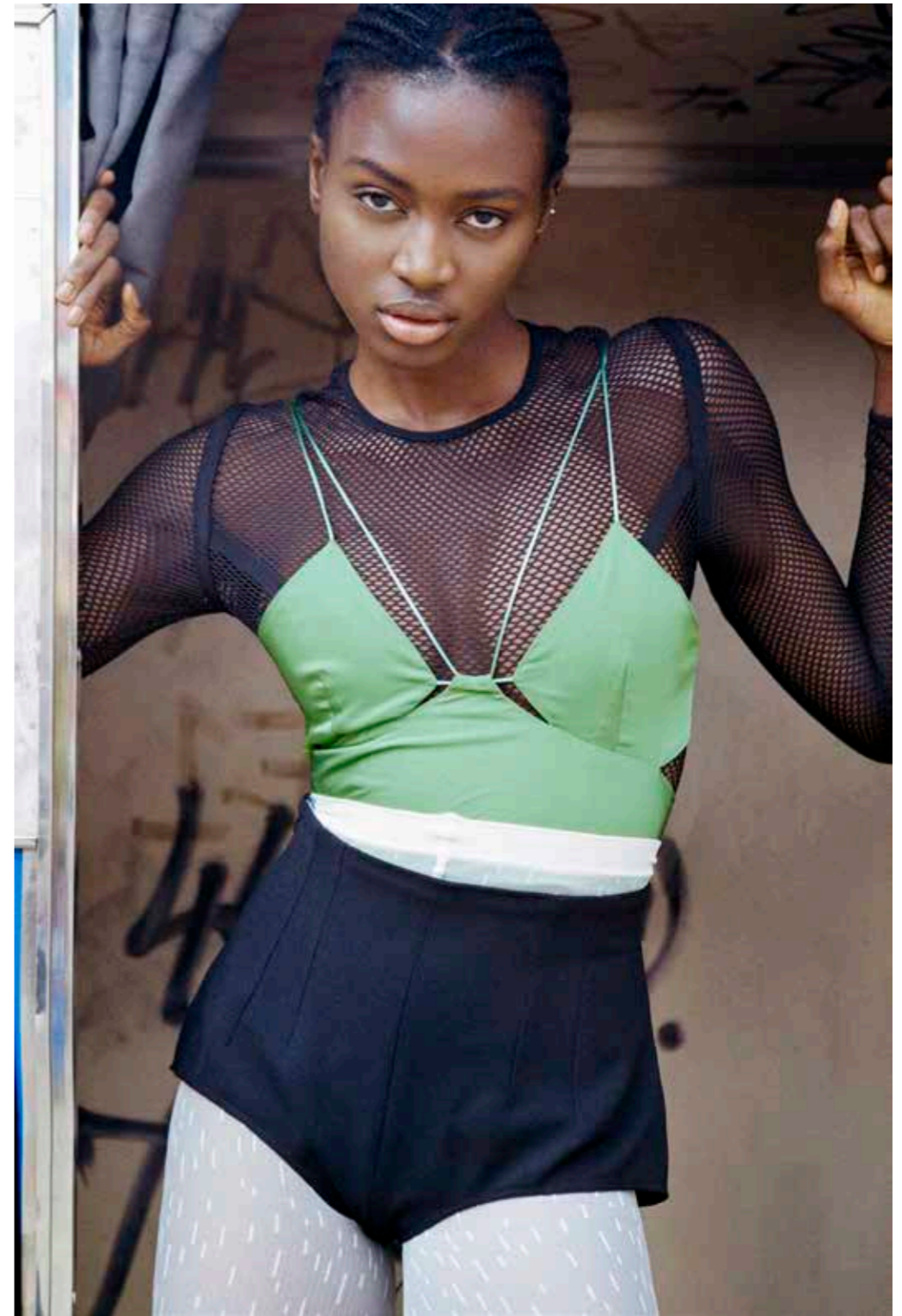
top BEE & BRIDGE, saia ROKH,  
underwear DIESEL, botas STEVE  
MADDEN, brincos e corrente DANNIJO



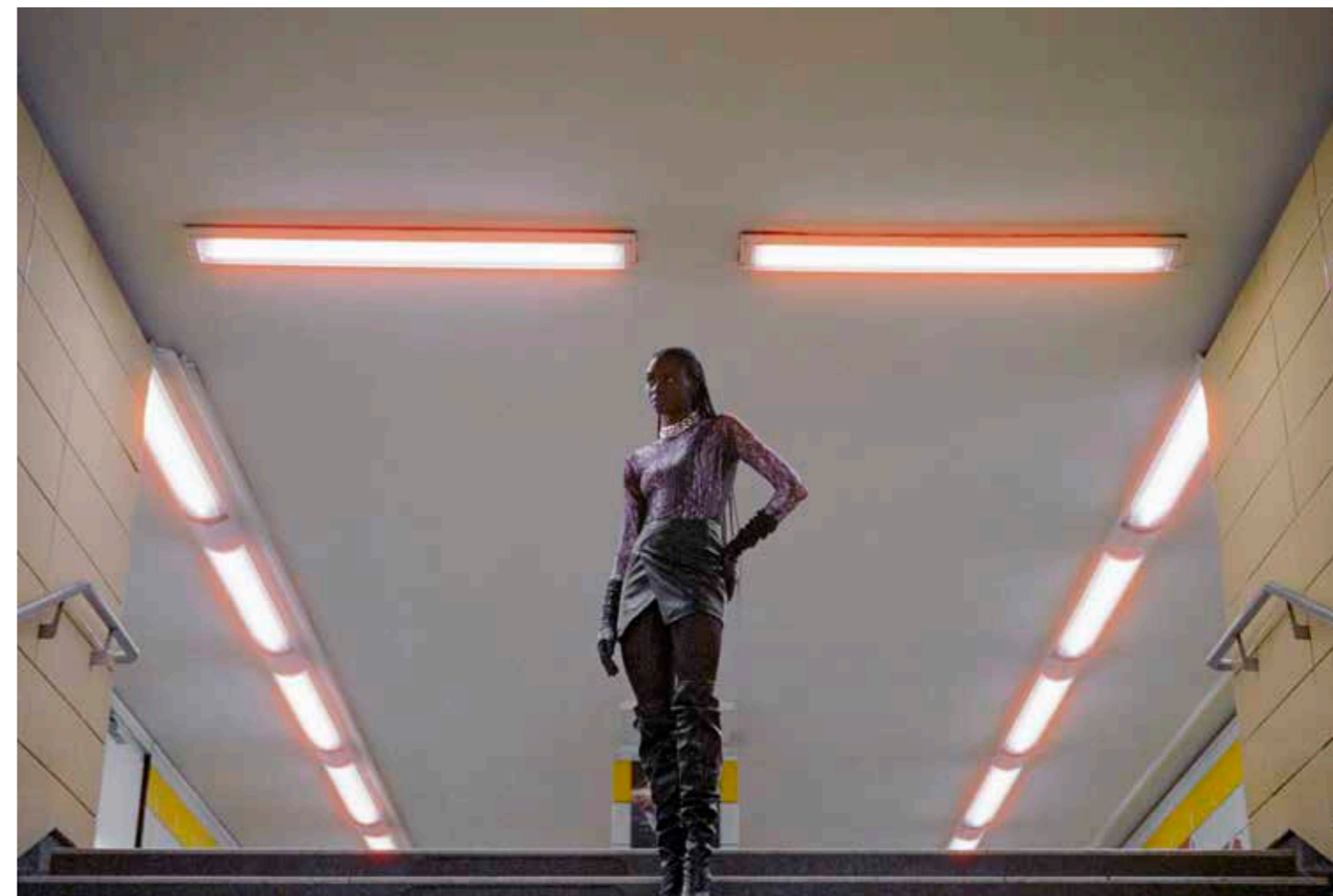


vestido AKNVAS, balaclava ROTHOLZ,  
sunglasses GUCCI, botas STEVE MADDEN



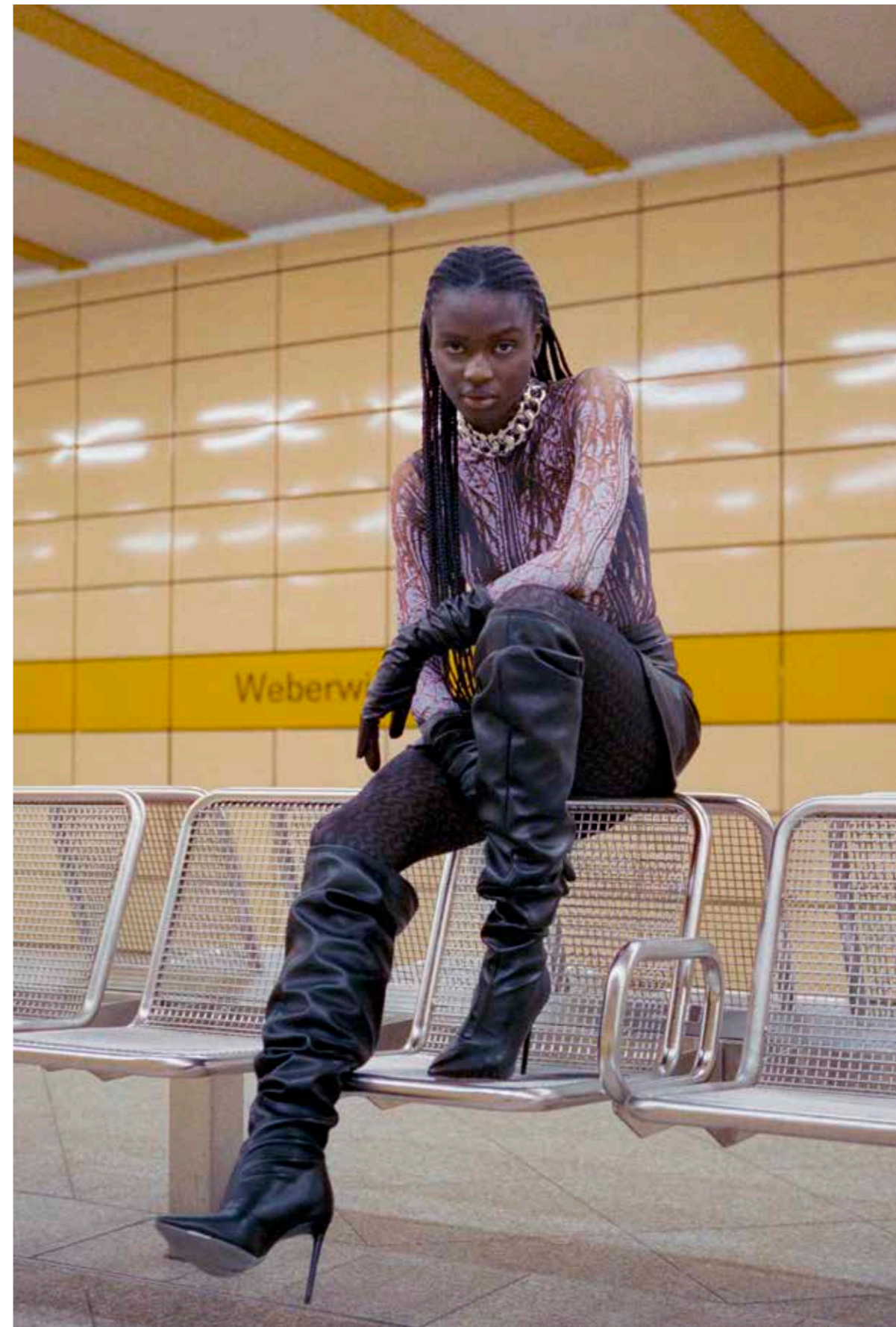
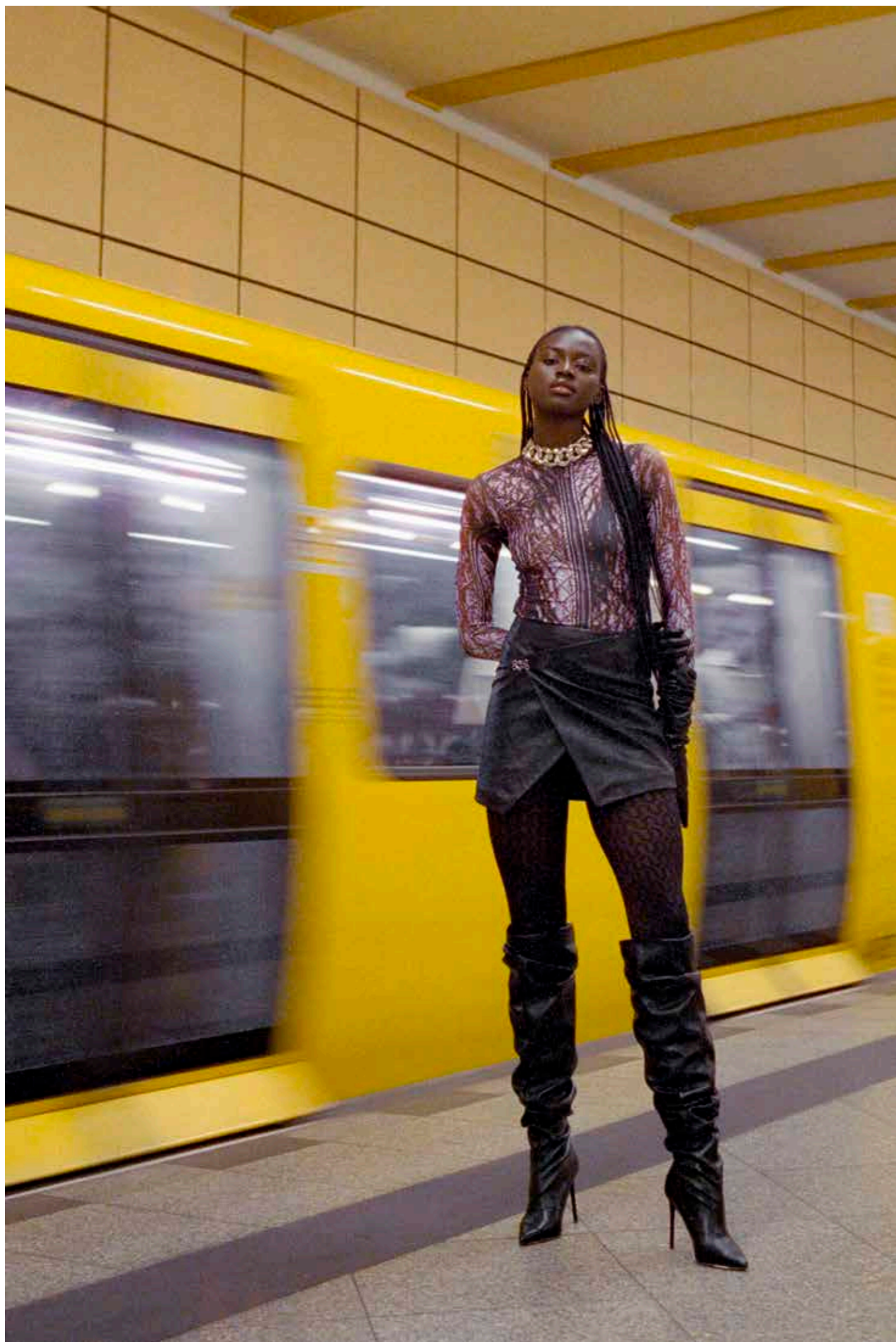


top MIISTA, bodysuit HAN KJOBENHAVN,  
shorts MAX&CO., tights FALKE,  
botas STEVE MADDEN



top SINEAD GOREY, saia ELLEME,  
luvas PIECES SKIRT, botas STEVE  
MADDEN, corrente DANNIJO





top SINEAD GOREY, saia ELLEME,  
luvas PIECES SKIRT, botas STEVE  
MADDEN, corrente DANNIJO

# NUBIAA

fotografia HUMBERTO FELGA @humbertofelga\_  
direção criativa & styling MARCOS PUGA @impuga  
modelo NUBIA SANTOS @mubia\_santos @pugaimages @majormodelsny  
ass. fotografia CAMILLE DIAS @camilledias

sobretudo e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr  
calças  
CHRISTIAN SATO @christiansato





chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassiacipriano\_chapelaria  
blusa e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
casaco  
CHRISTIAN SATO @christiansato



casaco  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassicipriano\_chapelaria  
blusa e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum





túnica  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr  
casaco  
CHRISTIAN SATO @christiansato

botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr  
casaco  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum



chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassicipriano\_chapelaria  
blusa e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

casaco  
CHRISTIAN SATO @christiansato  
botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr





botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr

sobretudo e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
calças  
CHRISTIAN SATO @christiansato



túnica  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr



chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassicipriano\_chapelaria  
blusa e camisa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

casaco  
CHRISTIAN SATO @christiansato  
botas  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr



# ENZO

fotografia MARCOS PUGA @impuga  
modelo ENZO LANÇONE @enzo\_lancone @contraste.mgt

casaco  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum





chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassiacipriano\_chapelaria  
blusa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

calças  
CHRISTIAN SATO @christiansato  
sapatos  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr



cueca  
HERING @hering\_oficial  
sobretudo  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum



calças  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum  
sapatos  
FERNANDO PIRES @fernandopiresbr



sobretudo  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum



calças e casaco  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

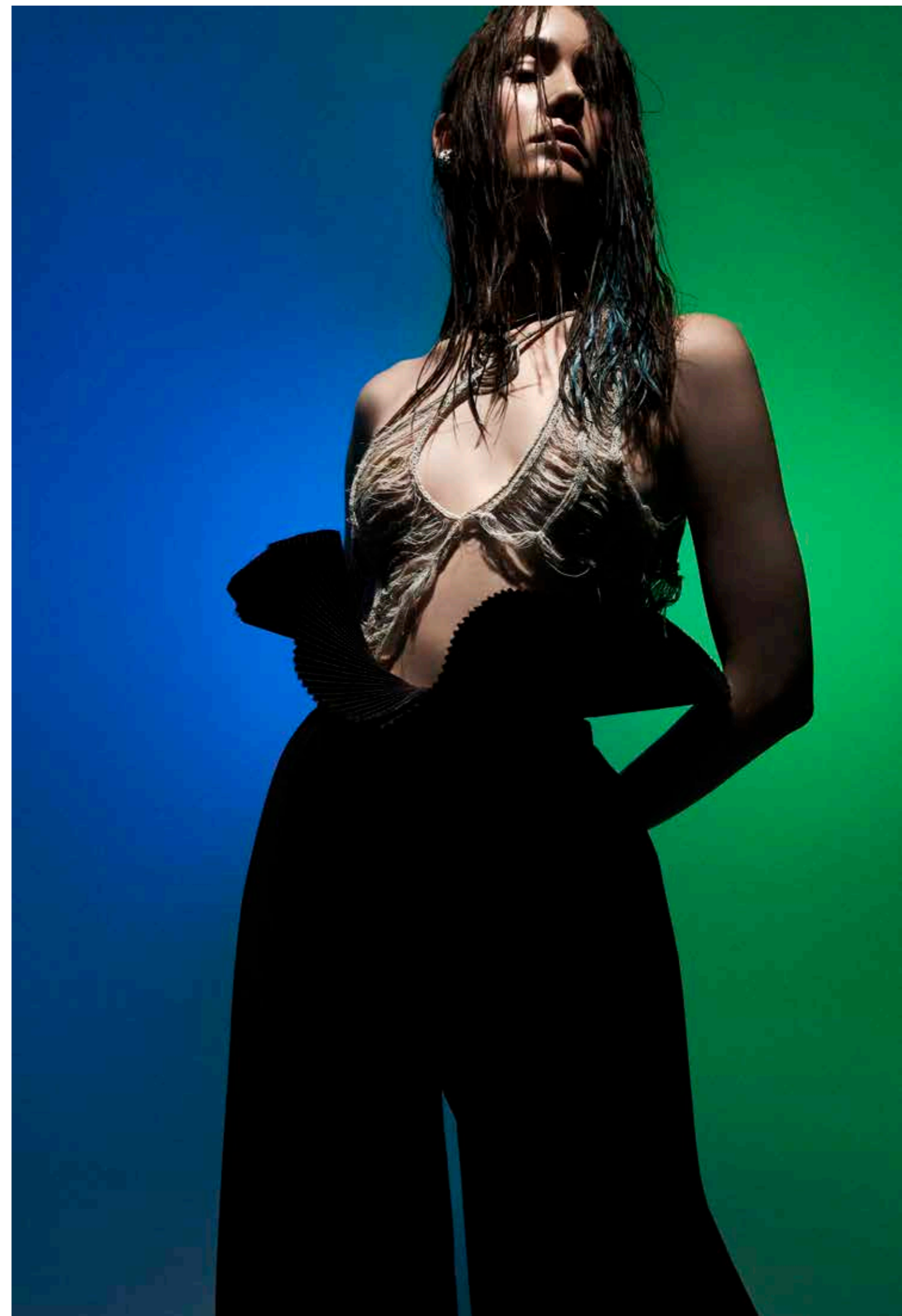
chapéu  
CASSIA CIPRIANO @cassiacipriano\_chapelaria  
blusa  
LEANDRO CASTRO @leandrocastrum

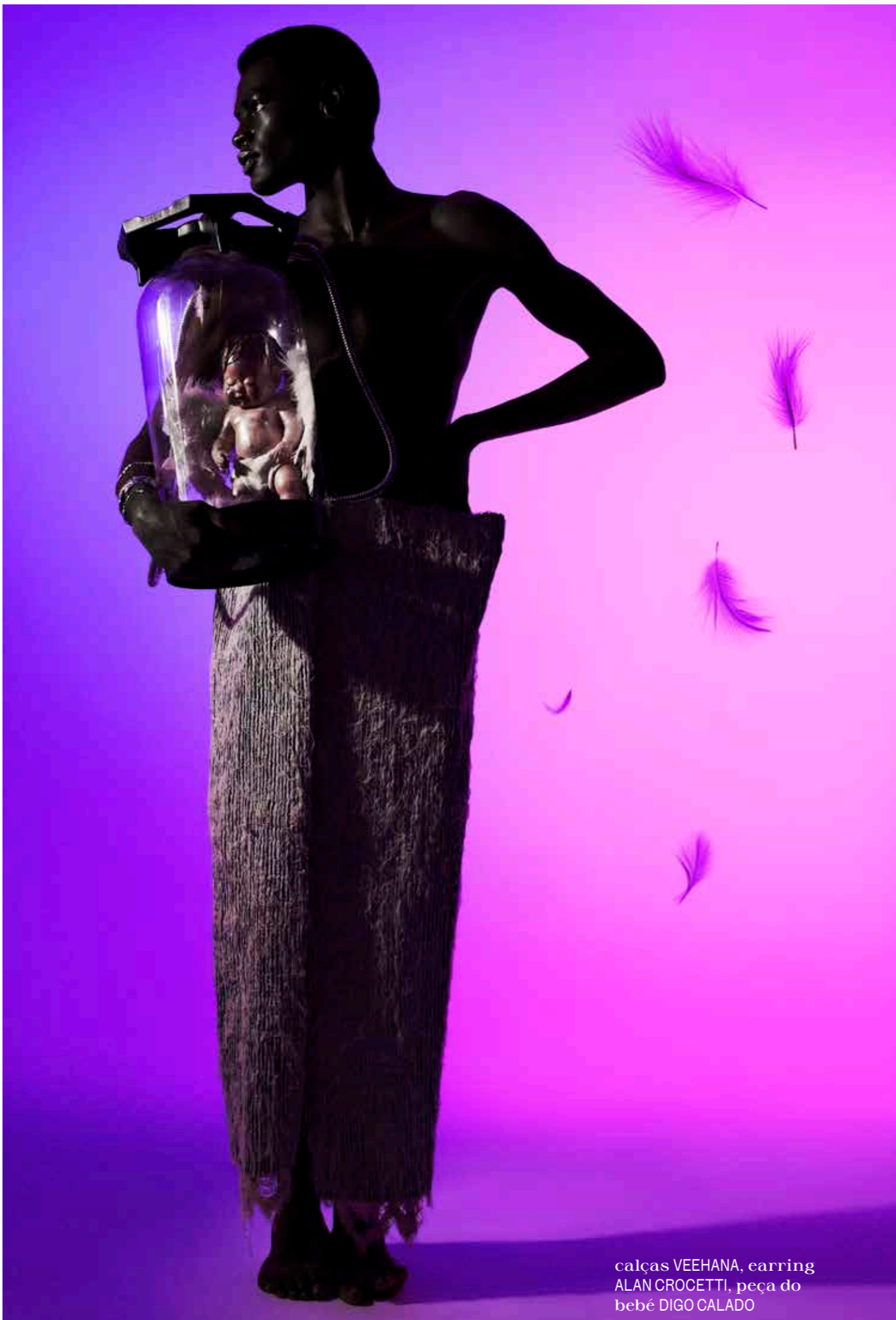


# ENVIRONMENTAL ANARCHY

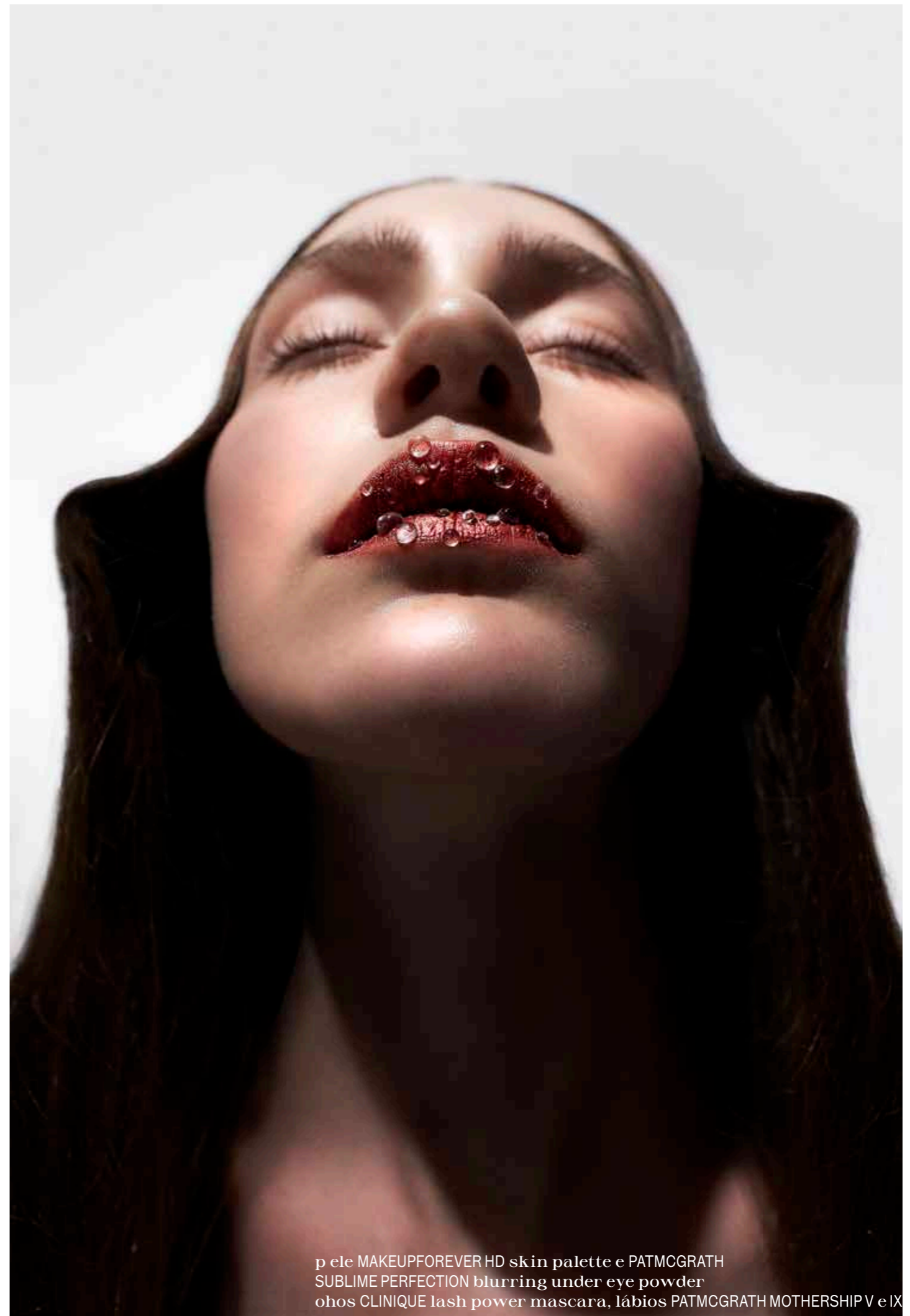
fotografia FREDERICO SANTOS @fredericosantos  
styling INÉS XAVIER @btwfy  
make up DIOGO RIBEIRO @makeupbydiogoribeiro  
hair MIGUEL MACHADO @miguel.machado\_  
retouch LUCAS RODRIGUES @lucas\_d\_r  
modelo RICARDO FURTADO @ricardofurtado\_@karacteragency  
modelo YANA @yanashcer @bestmodelsagency

top VEEHANA, calças DAVII,  
earrings cuff INVITRO





calças VEEHANA, earring  
ALAN CROCETTI, peça do  
bebê DIGO CALADO



pele MAKEUPFOREVER HD skin palette e PATMCGRATH  
SUBLIME PERFECTION blurring under eye powder  
olhos CLINIQUE lash power mascara, lábios PATMCGRATH MOTHERSHIP V e IX





saia ÇAL PFUNGST, braceletes  
e anéis INVITRO, ombreira  
INVITRO, sapatos MIISTA



vestido DAVII, braceletes  
e anéis INVITRO





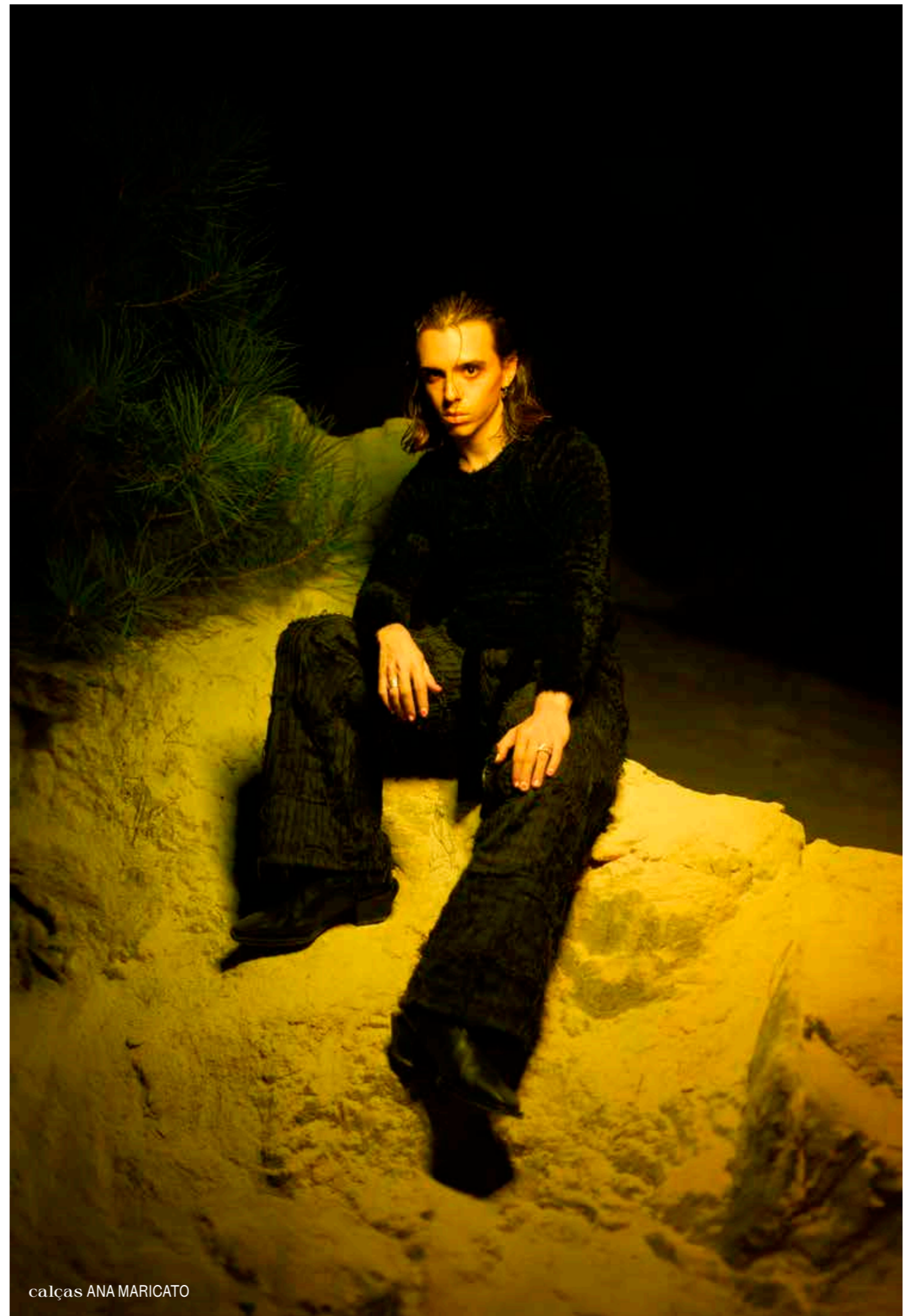


# ENDURANCE OF THE BEING

This Editorial is a piece of resilience, a tour between getting to know ourselves and going further against the system, when the system is us. Looking inside our own strength and above the pressure we put on. You are free, so be it.



fotografia MÁRCIA SIMÕES @masimmo  
styling RIAN VITTOR @rianvittor, em parceria com showrooms  
talent CRISTIANO CRUZ @cristianocruz  
make-up&hair EVA ROCHA PEREIRA @teresaapenas



calças ANA MARICATO

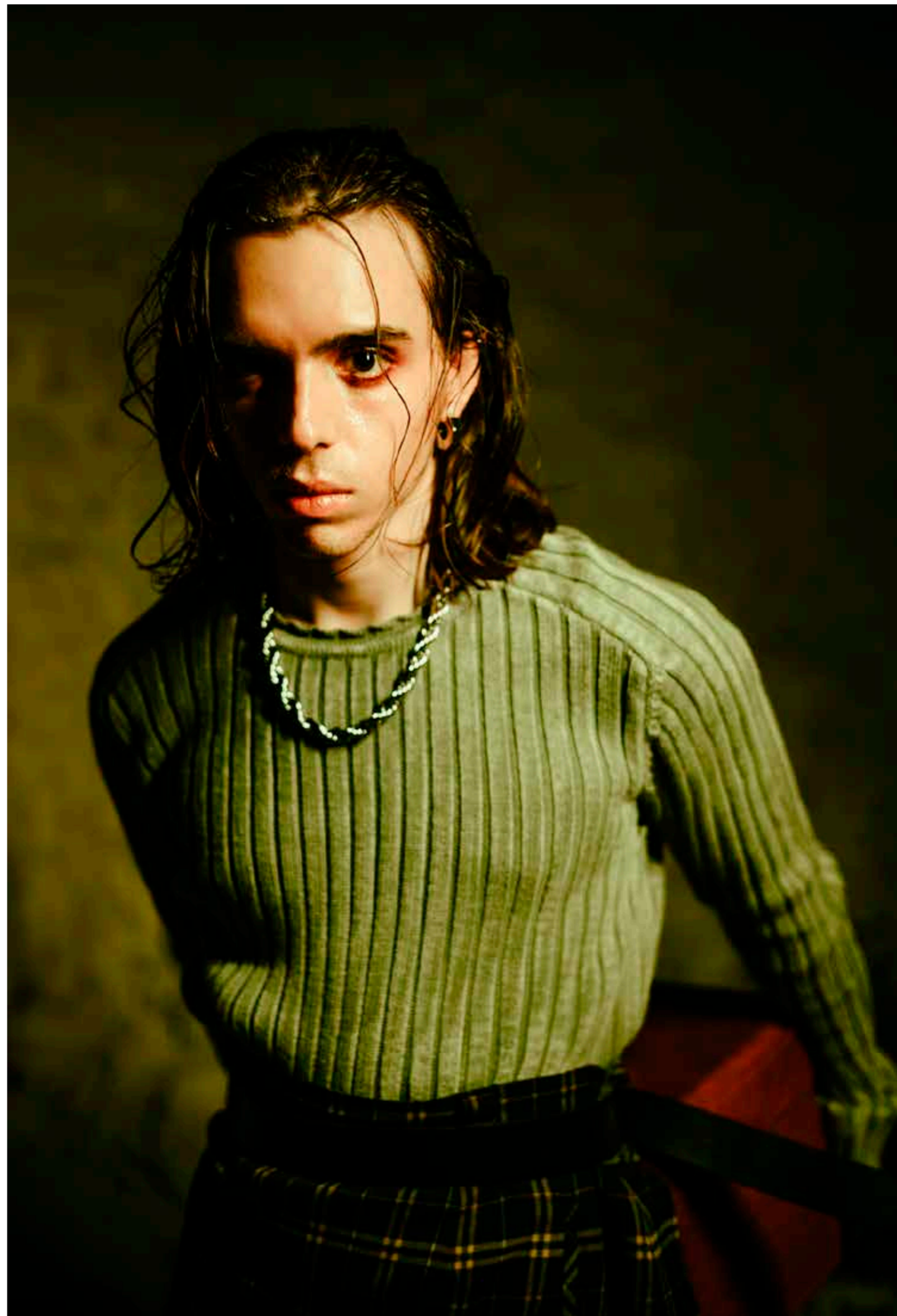




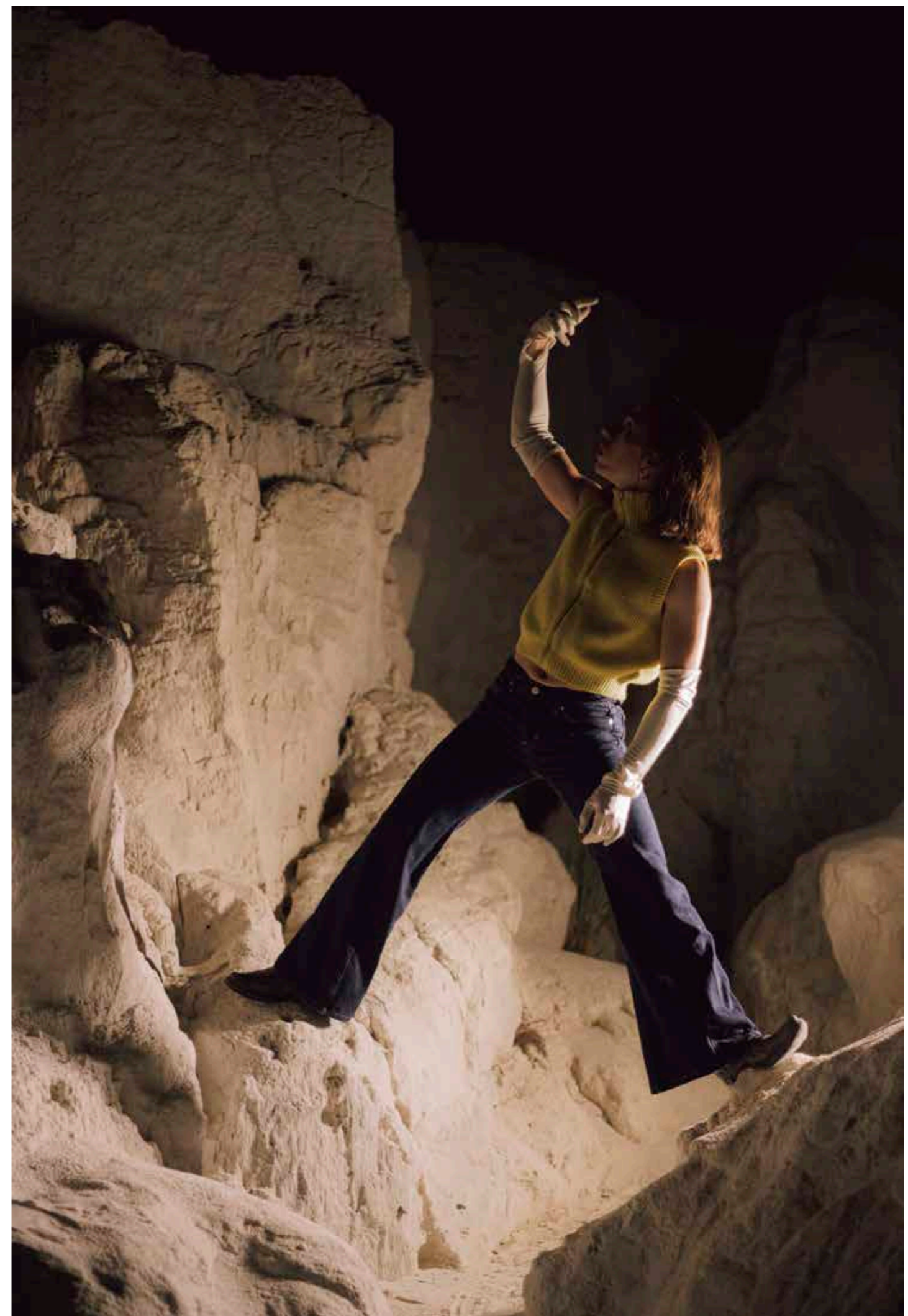




camisola e calças  
JADED LONDON,  
acessórios DARKAI LAB



top e calças WEEKDAY,  
luvas vintage na OUTRA FACE DA LUA



# B L O O M

fotografia ENZO SINAI @enzosinai\_\_  
directora criativa & styling VANESSA SILVEIRA @vannysilveira  
make up & Hair DIOGO RIBEIRO @makeupbydiogoribeiro  
modelo JOANA RATO @joanarato @bestmodels\_agency  
Agradecimentos à H2Love, Guimarães

vestido KARALYNDA, malha  
VEEHANA, brincos PARFOIS



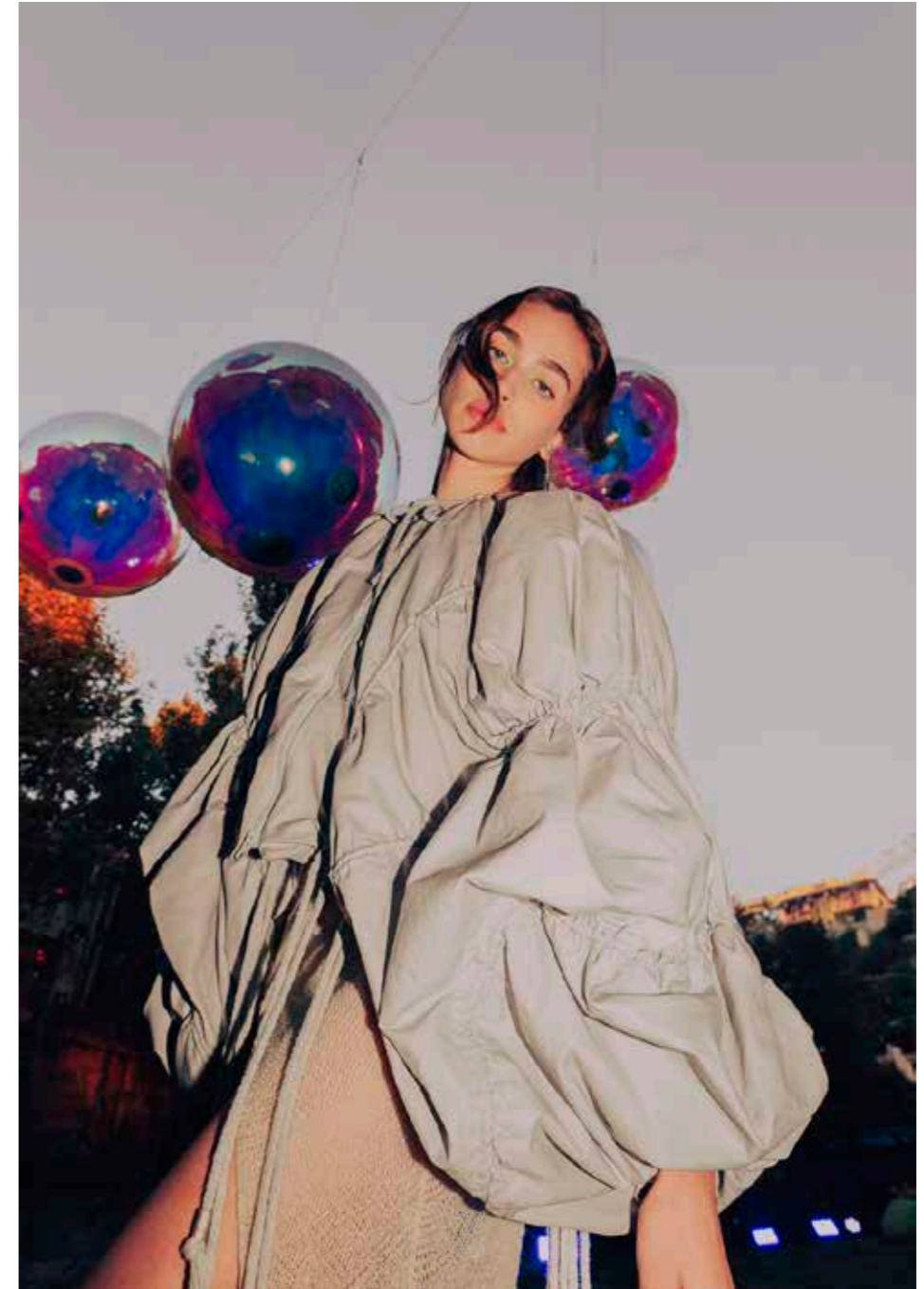


vestido KARALYNDA, malha  
VEEHANA, brincos PARFOIS



conjunto HOUSE OF  
WILDFLOWERS, mangas  
KARALYNDA, brincos PARFOIS





casaco bomber MALTEZA ATELIER,  
saia VEEHANA, brincos PARFOIS

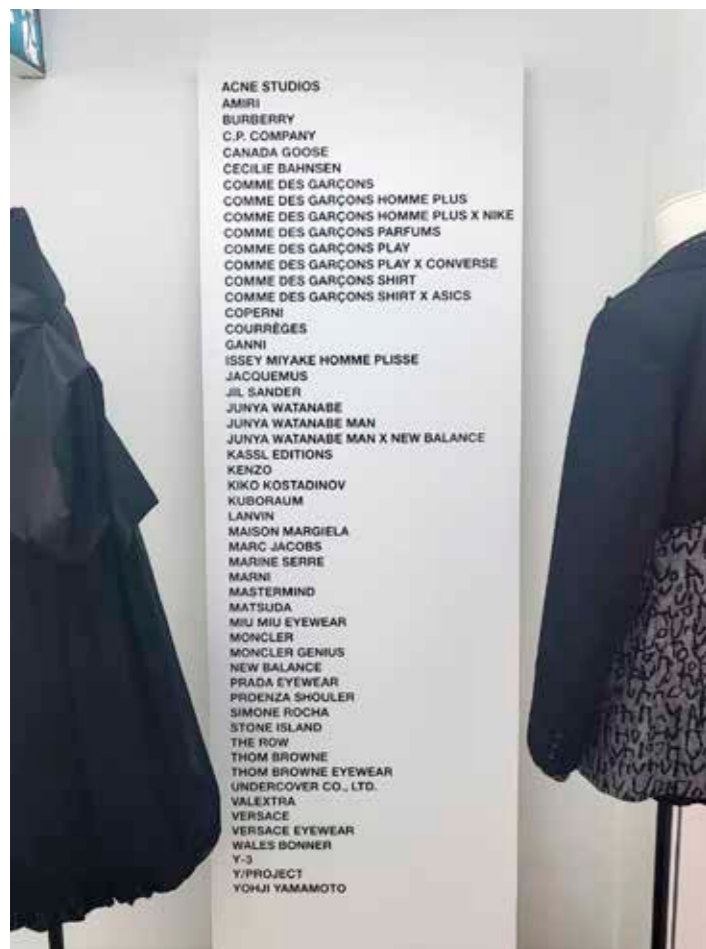


calças MARQUES ALMEIDA, camisa  
HOUSE OF WILDFLOWERS, malha  
VEEHANA, calçado e mala PARFOIS



vestido MARQUES ALMEIDA, colar  
H&M, calçado e mala PAREOIS





SHEET-1 é um local onde a arte e a moda se fundem e criam uma mistura excêntrica, intelectual e moderna. Localizada na Travessa Fábrica dos Pentes 10A R/C, ROBBY VEKEMANS (@robbyvekemans) e RUNE PARK (@runepark) reaproveitaram uma antiga galeria para que a sua arte estivesse exposta nos cabides da loja.

Com uma decoração muito limpa, minimalista e neutra pretende-se que as roupas falem por si. Elas não só falam como gritam. Fugindo um pouco da tradição das marcas de alta costura mais clássicas, a curadoria vai atrás de marcas menos conhecidas pelo consumidor, com particular destaque para marcas norte-americanas e japonesas. AMIRI, THE ROW e YOHJI YAMAMOTO, são alguns exemplos. Em contrapartida, quando as marcas são de maior peso, existe uma oferta de artigos mais peculiares e vulgares. Aqui dentro podemos, também, encontrar as gigantes BURBERRY, MARC JACOBS e VERSACE.

A escolha desta zona da cidade de Lisboa acabou por ser um feliz acaso. Com este posicionamento mais fora da caixa, a dupla de sócios não estava particularmente interessada em concentrar-se junto da Avenida da Liberdade. Porém, acreditam que um afastamento muito grande poderia alienar o cliente que se interessaria pelos seus produtos.



O/a cliente da SHEET-1 é sobretudo um(a) amante de moda e vê-a como uma forma de expressão. Este/a cliente não tem forçosamente nacionalidade portuguesa e pode, também, estar em contacto com a loja através do seu website ([www.sheet-1.com](http://www.sheet-1.com)). No entanto, como dizem VEKEMANS e PARK, é muito importante que as pessoas experienciem as indumentárias, em loja. Até porque, sentir estes produtos é o ingrediente mágico para uma compra de sucesso e com confiança.

texto —————> BERNARDO SEMBLANO

**Sheet-1**  
Trv. Fábrica dos Pentes 10A, RC – Lisboa  
[@sheet-1.com](https://www.sheet-1.com)

AR localiza-se na Rua Bela Vista à Lapa 12. Com uma imagem mais boho, podemos contar com indumentárias de algodão e de qualidade, que só uma produção nacional poderia garantir.

A loja, que casa os tons mais acastanhados e caramelizados da sua decoração com roupas mais neutras e, tendencialmente, sem género, promete ser um ponto de interesse e com várias pequenas surpresas. Sendo o conforto e a simplicidade os atributos principais da AR, pretende-se captar uma grande variedade de clientes, sobretudo portugueses. A localização residencial deste estabelecimento é propositada, para não se misturar com a cena turística.

Para além das peças únicas, da mente do proprietário, também poderemos encontrar algumas colaborações com outros designers quando o produto destes se enquadra com a oferta e a disposição da AR. O conceito minimalista não se deixa ficar pela roupa. A loja também comercializa calçado, acessórios e pequenas peças de decoração e de loiça.

Um local a visitar para quem gosta de colecionar uma indumentária intemporal e versátil.

texto —————> BERNARDO SEMBLANO

**AR**  
Rua da Bela Vista à Lapa, 14 – Lisboa  
[@ar.lisboa](https://www.ar.lisboa)



# ISABEL MARANT



Junto do coração de Lisboa, no piso térreo do Hotel Tivoli, na Avenida da Liberdade, ISABEL MARANT estabelece-se em Portugal.

Com uma decoração geométrica, limpa e detalhes bem pensados, a loja é um ponto de visita para a mulher disruptiva, energética e moderna.

A marca da criadora francesa sempre teve o cuidado de fugir dos caminhos certos. Agora que se encontra na capital, esta “desordem” promete abanar os pilares da cena da moda nacional.

Este espaço, de 191 metros quadrados, irá celebrar a moda, tal como, ISABEL MARANT tem vindo a fazer desde 1994.

texto → BERNARDO SEMBLANO

**Isabel Marant**  
Hotel Tivoli, Av. da Liberdade, 185 – Lisboa



# THE LISBON CLUB 55



O HOTEL VERRIDE, Palácio Santa Catarina, abre ao público, o The Lisbon Club 55, um gastrobar que se torna num complemento a outros serviços de bar e restauração já incluídos neste projeto hoteleiro. O novo espaço tem como ponto forte, uma equipa com muita experiência e uma carta da responsabilidade do chef FÁBIO ALVES, um dos autores do sucesso do SUBA, o restaurante que se encontra no topo do edifício.

Sem a vista do terraço sobre a cidade, o THE LISBON CLUB 55, situa-se no pólo oposto, ou seja na cave, tendo como único céu uma abobada pombalina. Essencialmente intimista, o desenho de luz sobre as mesas domina assim como o veludo remetendo-nos para a tradição dos grandes bares de hotel. Em Portugal não há propriamente tradição deste tipo de equipamentos de hotel virados para a rua, como é comum em Nova Iorque e que são verdadeiros centros da vida social da cidade. Situado num dos bairros mais bonitos do centro da cidade, evidentemente é um dos propósitos do THE LISBON CLUB 55. Há um acesso que se faz por uma rua lateral ao hotel, o 55 da Travessa da Portuguesa, o que lhe dá um certo carácter de independência e uma abertura à cidade.

Com um horário alargado, das 12:30 à meia noite THE LISBON CLUB 55 pode ser muitas coisas tendo por base um bar muito completo. Pode ser visto como um bar de ostras com uma carta de espumantes do mundo mas dominado por champagnes franceses. O responsável pelo bar, RICARDO VIEIRA, oferece em alternativa, vários cocktails assinatura, como por exemplo o *Smoky Jalapeño Margarita*, com mezcal, sumo de lima, jalapeños, cointreau e sal fumado (18€) e o *Venezia*, com vodka, licor strega, lima e manjerição (16€) são duas. Os clássicos não faltam, todos podem ser acompanhados com pequenas entradas ou pratos mais substanciais.

A carta do THE LISBON CLUB 55, parece não ter limites de requinte. Revela-nos uns fabulosos blinis com caviar acompanhado por nata azeda e ovo cozido (o preço varia entre os 20€ - Oscietra de 6g - e os 295€ - Beluga de 30g), ou uma bruchetta de lírio fumado, crème fraiche e ovas de truta selvagens (8€/2 unidades ou 14€/4 unidades), para referir algumas das entradas.



Para refeições mais leves e rápidas constam ainda algumas saladas, e sandwiches do qual destacamos um prego de atum em bolo do caco com cebola roxa, wakame e folha arroz crocante (19€) e um hambúrguer artesanal do lombo maturado, cogumelo portobello, ovo, cheddar, molho de alcaparras e batata artesanal (20€).

Nos pratos principais destacam-se a cataplana de amêijoas com pão frito (25€) ou um bife do lombo maturado "à portuguesa" (22€) e arroz cremoso de Alcácer, cogumelos, espargos e trufa (18€).

Tudo aponta que este novo gastrobar proporcione uma oferta gastronómica cuidada, com produtos de grande qualidade, com foco no sabor, num ambiente mais descontraído, proporcionando uma experiência única.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

**The Lisbon Club 55**  
Travessa da Portuguesa, 55  
Hotel Verride Palácio de Santa Catarina  
Rua Santa Catarina, 1





O HOTEL VISTA ALEGRE recebe o PONJA, um restaurante proposto pelo grupo QUISPE fundado por CÉSAR FIGARI e CONSTANZA REY. O grupo peruano conta com três casas em Madrid, cada uma delas desenvolvendo um conceito gastronómico diferente, extraídos das multi-possibilidades que a rica cozinha Peruana permite.

O PONJA, no Largo Barão Quintela em Lisboa é considerado pelo grupo, o seu primeiro projeto de expansão internacional. Trouxeram para a sua apresentação em Portugal a “cocina Nikkei”, um conceito baseado na tradição gastronómica japonesa no Peru. A imigração japonesa no Peru foi expressiva e PONJA é um vocábulo desenvolvido pelos peruanos para se referir a essa comunidade e resulta de uma troca da ordem das sílabas Japan. De resto, a herança japonesa é celebrada já que o ceviche é hoje o grande símbolo da comida peruana e resulta da adoção local ao gosto nipónico.

Em traços gerais, tendo em conta o meu almoço no PONJA no Chiado, a “cocina Nikkei” comparada com o clássico japonês ganha em geral mais cremosidade e sabores mais contrastados, marcados pela acidez cítrica da lima e a ardência picante de várias pimentas locais. Encontramos mais liberdade o que faz com que a cozinha Nikkei nos pareça mais criativa e mais succulenta. Nesse sentido, talvez faça sentido falar de um dos pratos escolhidos no PONJA, o *Usuzukuri Hamachi* com Aji Amarillo (18€). Um lírio cortado finamente sobre um molho espesso do típico pimentão amarelo peruano. Mesmo que esteja disponível um pequeno recipiente com o molho de soja, como impõem a tradição japonesa, o certo é que passar as lâminas de peixe sobre o molho denso amarelado é suficiente para acrescentar succulência.

O mesmo podemos dizer das Gyosas do PONJA. As de Santola achupetadas (2 unidades 10€) são servidas numa porcelana da Vista Alegre em forma de uma carcaça do crustáceo e mais uma vez, temos umas gyosas sobre um molho de marisco com apontamentos de uma espuma de queijo que criam um efeito que nos remete imediatamente para uma paisagem marítimo. Alimentam os olhos e já agora merece ser celebrado com Pisco Sour, um cocktail clássico do Perú que aqui se harmoniza perfeitamente.

Porque o receituário típico do sushi bar é apenas uma parte da tradição gastronómica japonesa, no PONJA há igualmente vários pratos de carne, onde novamente encontramos uma adaptação das técnicas japonesas aos produtos peruanos. Desta forma, o lombo Nikkei (25€) é salteado num wok com molho de soja e acompanha a típica mandioca frita e um arroz de milho, ambos tradicionais no Peru.

No que se refere a sobremesas, há um surpreendente Suspiro Limenho de Cherimóia (9€) este clássico peruano trás como novidade a polpa de anóna, uma fruta rara em sobremesas. O adocicado da anóna é cortado pela acidez de uma cama de frutos vermelhos e um merengue cítrico.

Para garantir uma maior autenticidade a cozinha do Ponja é gerida por peruanos e porque se trata de um projeto com uma carta já muito rodada em Madrid, o PONJA não começa bem do zero. Isso nota-se em todo o detalhe do serviço, na apresentação e execução dos pratos. O decor, que condiz com uma imagem de excelência, faz parte de todo um pacote que numa zona nobre da cidade, procura assegurar uma experiência de conforto e qualidade.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES



# TODOS OS ANIMAIS SELVAGENS SONHAM VOLTAR PARA A CASA.

ilustração Tamara Alves

E tornam-se mais selvagens e imprevisíveis quando se sentem enganados. Saíram um dia quando ainda mal sabiam andar. Mais selvagens, mais velozes, mais enérgicos, era tudo um mais que só os fazia sentir menos. Cada vez menos. Sofriam quando experimentavam a normalidade. Mas queriam ser normais. Queriam, e isso queimava-os por dentro. Era a extrema tentativa de domesticação da alma. Era ferida que se tornava chaga. E não perdiam a essência por mais noites e dias que estivessem enjaulados. E nem as vezes que foram apedrejados ou abandonados os fez perder a essência. Só queriam voltar para casa. O único lugar possível de serem delicados era a casa, a sua casa. Agora vazia, e com total ausência de ninho. As portas abriam sozinhas, as persianas meio descidas, o eco no corredor. Agora havia tanto espaço para correr, e o silêncio fazia eco.

Todos os animais selvagens sonham voltar para casa. Os seus pares não sobreviveram ao tempo. Não tiveram tempo para os criar.

Selvagens correm pela vida, e muitas das vezes nem é a sua. É pela sobrevivência dos seus. Da sua espécie. Protegem, e pouco se protegem, sabem que sobrevivem. A morte certa nunca lhes acertou por mais imprudentes que tenham sido. A brutalidade dos seus ataques é puro instinto, é apenas para ter a certeza de que não os voltam a atacar e os deixam em paz. Nem que seja por momentos.

Só querem fazer o seu caminho para casa e descansar, sem medo, sem violência, sem gritos, sem ansiedade, e em segurança. Passar uma noite segura e tranquila.

Os animais selvagens atacam, é verdade. Mas são mais as tentativas de ataque aos animais selvagens do que eles aos outros.

Não é por acaso que são sempre os animais mais selvagens que estão em vias de extinção. Do outro lado são

cada vez mais os que os querem caçar. Quase sempre para os exhibir como troféus, e alimentar egos. Nunca é para alimentar famílias ou matar à fome, é por puro prazer e divertimento. E pelos vistos, afinal, esses não são considerados selvagens. Não estão catalogados ou rotulados. E o mundo parece que lhes dá consentimento para matar.

Os selvagens conseguem prover alimento com mais facilidade pela sua atitude natural e também aprendida entre várias caçadas que fizeram sozinhos. E realmente alimentam-se e partilham. Não atacam para ter a cabeça de um animal como peça decorativa na sala.

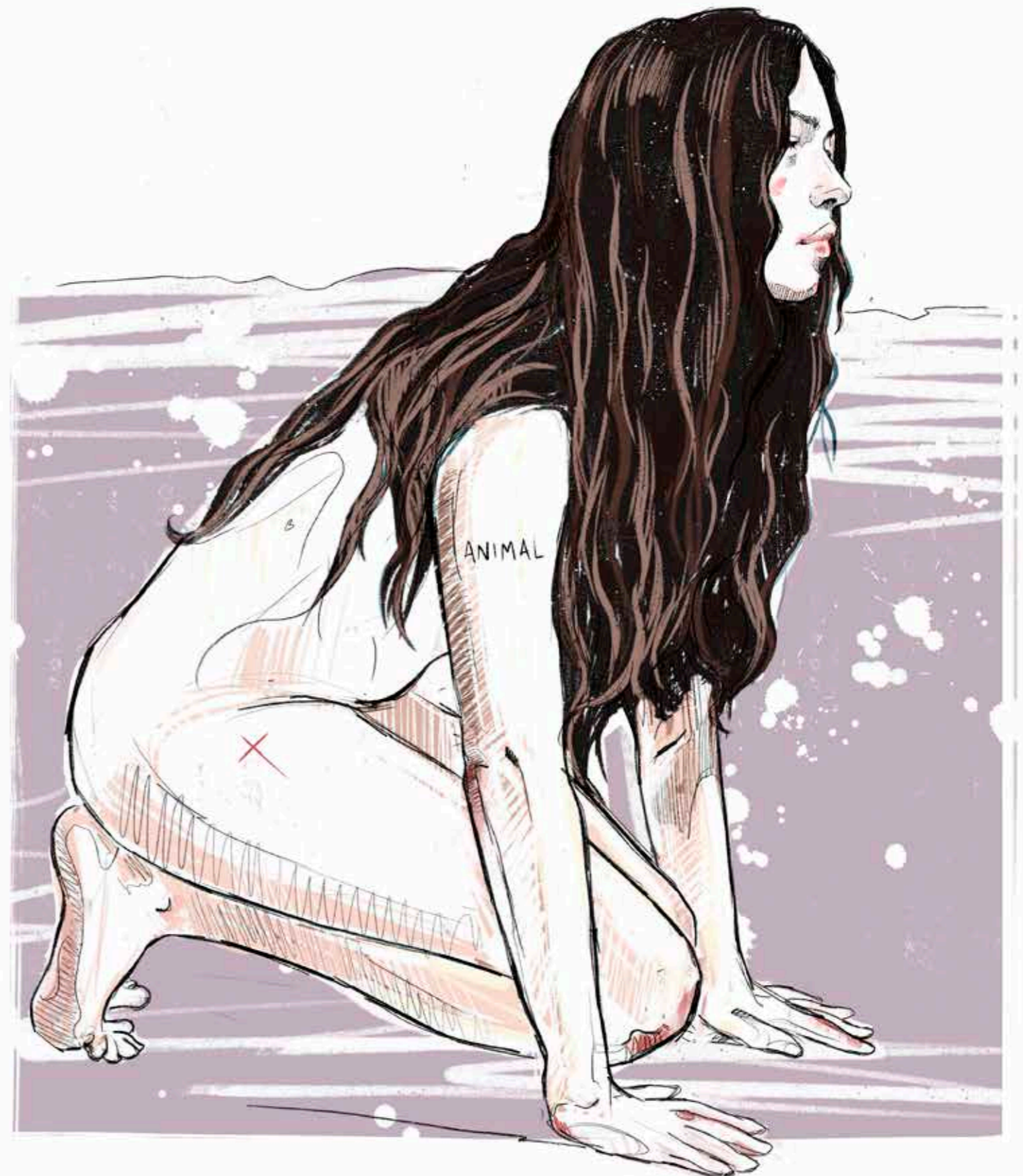
Se os observarem com atenção, eles não se movimentam muito. Gostam de estar sentados, deitados, a bocejar duzentas vezes por dia, e são até um bocado desajeitados e trapalhões. Dias inteiros a observar, e desde cedo a aprender a distinguir sons, de onde vêm, de quem são, para que serve, de quem será, qual o objectivo, qual o intuito, o que fazer, como fazer, como resolver, como tratar, como saber. Como? Porquê? Onde? Para quê?

E sim, têm a majestosidade pela forma como caminham, pela forma como rosnam e facilmente os distinguimos pela forma de olhar. Podem assumir várias formas, são camaleónicos, e enigmáticos.

É por isso que são selvagens. E só o deixam de ser quando encontram qualquer outra espécie que também seja selvagem ou os deixe ser selvagens e não os magoe.

Os selvagens não se parecem nada com selvagens quando não se sentem ameaçados. São os mais pacientes e tolerantes, e se for preciso carregam qualquer outra espécie que tema passar entre toda a flora e fauna da selva. Caminham certos de que sobrevivem, seja qual for o ataque. São leais.

Todos os animais selvagens sonham voltar para casa. E é o seu instinto que os irá para sempre guiar.





PARQ

**follow us**

[www.facebook.com/parqmag](http://www.facebook.com/parqmag)

[www.parqmag.com](http://www.parqmag.com)  
[www.instagram.com/parqmag/](http://www.instagram.com/parqmag/)